

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Matheus de Abreu Arruda

VIOLÊNCIA, POLÍTICA E IDEOLOGIA EM *GERMINAL*

Belo Horizonte

2022

Matheus de Abreu Arruda

VIOLÊNCIA, POLÍTICA E IDEOLOGIA *GERMINAL*

Versão final

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada.

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Orientadora: Profa.Dra. Maria Juliana Gambogi Teixeira.

Belo Horizonte

2022

Z86g.Ya-v Arruda, Matheus de Abreu.
Violência, política e ideologia em *Germinal* [manuscrito] /
Matheus de Abreu Arruda. – 2022.
1 recurso online (96 f.) : pdf.

Orientadora: Maria Juliana Gambogi Teixeira.

Área de concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada.

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 95-96.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Zola, Émile, 1840-1902. – *Germinal* – Crítica e interpretação
– Teses. 2. Ficção francesa – História e crítica – Teses. 3.
Violência na literatura – Teses. 4. Ideologia e literatura – Teses. 5.
Política e literatura – Teses. I. Teixeira, Maria Juliana Gambogi. II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III.
Título.

CDD: 843.7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação intitulada *VIOLÊNCIA, POLÍTICA E IDEOLOGIA EM GERMINAL*, de autoria do Mestrando MATHEUS DE ABREU ARRUDA, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos Literários.

Área de Concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada/Mestrado

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Maria Juliana Gambogi Teixeira - FALE/UFMG - Orientadora

Profa. Dra. Aline Magalhães Pinto - FALE/UFMG

Prof. Dr. Haroldo Ceravolo Sereza - Alameda Casa Editorial

Belo Horizonte, 20 de dezembro de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Juliana Gambogi Teixeira, Professora do Magistério Superior**, em 21/12/2022, às 09:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Haroldo Ceravolo Sereza, Usuário Externo**, em 21/12/2022, às 11:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Aline Magalhaes Pinto, Professora do Magistério Superior**, em 21/12/2022, às 13:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Antonio Orlando de Oliveira Dourado Lopes, Coordenador(a)**, em 24/12/2022, às 10:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1972017** e o código CRC **628A7260**.

Agradecimentos

À Universidade Federal de Minas Gerais e à Faculdade de Letras por terem me proporcionado uma formação gratuita e de qualidade inigualável que me permitiu enfrentar dois anos de pandemia, crise financeira e dos setores de educação, ciência e tecnologia.

A todos os professores que fizeram parte do meu percurso acadêmico, desde meu ingresso na UFMG, em 2010, quando ainda cursava história, aos anos de graduação e mestrado na Faculdade de Letras.

Ao Centro de Extensão da Faculdade de Letras, à Rosely Alves e, sobretudo, e às professoras Cristina Bustamante, Maria Lúcia Jacob e Daniela Akie Hirakawa que foram essenciais para minha formação profissional.

Sobretudo a minha orientadora, Maria Juliana Gambogi Teixeira, uma leitora paciente e rigorosa dos meus trabalhos que me acompanha desde a graduação, quando primeiro me interessei pelos romances de Émile Zola.

A minha companheira, Ana Campos da Fonseca.

Aos meus pais, José Augusto Arruda e Hilmar Cristina de Abreu Arruda.

A minha irmã, Marina de Abreu Arruda

Aos amigos que fiz durante meu percurso acadêmico, Igor Tadeu Camilo Rocha, Douglas de Freitas, Felipe Malacco, Gabriela Galvão, Thales da Silva, Sarah Alves de Andrade, Fernando Campolina, Elvira Andrada, Nathália Dias, Tatiana Marcellini, Maria Clara Menezes, Guilherme Ribeiro, Cláudio Bomtempo, Kenia Santos, Carolina Rodrigues, Sara Carneiro.

Aos amigos de infância, Rafael Cury, Mateus Vilaverde Machado, Lucas Vilaverde Machado, Raphael Fernandes, Fabrício Daniel Beling, Raiza Scott, Nadine Magalhães, Diogo Matheus Gomes, Wiver Adair e Marcus Vinícius Ferreira.

Especialmente ao Castrinho, amigo que se foi, mas de quem a lembrança guardo com carinho.

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo propor uma leitura crítica de *Germinal*, de Émile Zola, centrada no caráter violento dessa narrativa. Tendo em vista a existência de cenas inegavelmente violentas como assassinatos, destruição de minas e fábricas e um massacre perpetrado pelas forças imperiais, nosso interesse recai sobre a forma pela qual tais cenas integram a narrativa, compondo apenas a parcela mais evidente de um quadro de violência maior que envolve o próprio modo de funcionamento da sociedade representada no romance. Dessa forma, apoiando-nos em filósofos e pensadores como Walter Benjamin, Michel Foucault, Slavoj Žižek, Achille Mbembe e Silvio Almeida propomos aqui uma crítica da violência em *Germinal* que vá além da superfície da narrativa, representada pelas cenas às quais nos referimos acima, e busque em seus elementos formais a maneira pela qual uma violência sistêmica é comunicada, bem como os mecanismos político e ideológicos que a tornam possível e justificam, inspirados pelos conceitos de *biopolítica* e *necropolítica*, concebidos por Foucault e Mbembe respectivamente.

Palavras-chave: Violência, ideologia, capitalismo, luta de classes, biopolítica e necropolítica

Résumé

L'objectif de cette étude est d'offrir une lecture critique de *Germinal*, d'Émile Zola, concentrée sur la nature violente du récit. Étant donné que le roman est rempli de scènes indubitablement violentes, telles que des meurtres, la destruction des mines et des usines, un massacre perpétré par les forces impériales, notre intérêt repose sur la façon dont ces scènes composent le récit, représentant seulement la parcelle la plus évidente d'une fresque dont l'arrière-plan est constitué d'une violence systématique qui est essentielle au fonctionnement de la société représentée par le roman. Ainsi, en nous appuyant sur des philosophes et des penseurs tels que Walter Benjamin, Michel Foucault, Slavoj Žižek, Achille Mbembe e Silvio Almeida, nous proposons de mener une analyse de la violence dans *Germinal* qui contemple dépasse la superficie du récit, représentée par des scènes susmentionnées, en cherchant dans les éléments formels du roman la façon par laquelle cette violence systémique est-elle communiqué. Par ailleurs, nous voudrions aussi enquêter sur le mode opératoire des mécanismes politiques et idéologiques qui rendent possible son existence et la justifient, inspirés des concepts de *biopolitique* et *nécropolitique*, conçus par Foucault et Mbembe respectivement.

Mots-clés: Violence, idéologie, capitalisme, lutte de classes, biopolitique et nécropolitique

Sumário

1. Introdução	8
2. A forma da violência em Germinal	18
3. Sobre a greve e a violência	46
4. Germinal - Da biopolítica à necropolítica	74
6. Conclusão	90
Bibliografia	95

1.Introdução

Esta dissertação tem como objetivo propor uma leitura crítica de *Germinal*, de Émile Zola, centrada no caráter violento dessa narrativa. Tendo em vista a existência de cenas inegavelmente violentas como assassinatos, destruição de minas e fábricas e um massacre perpetrado pelas forças imperiais, nosso interesse recai sobre a forma pela qual tais cenas integram a narrativa, compondo apenas a parcela mais evidente de um quadro de violência maior que envolve o próprio modo de funcionamento da sociedade representada no romance. Dessa forma, apoiando-nos em filósofos e pensadores como Walter Benjamin, Slavoj Žižek, Achille Mbembe e Silvio Almeida propomos aqui uma crítica da violência em *Germinal* que vá além da superfície da narrativa, representada pelas cenas às quais nos referimos acima, e busque em seus elementos formais a maneira pela qual uma violência sistêmica é comunicada, bem como os mecanismos político e ideológicos que a tornam possível e justificam.

Émile Zola é um escritor francês, nascido em 2 de abril de 1840, no número 10 da rua Saint-Joseph, em Paris.¹ Filho do engenheiro François Zola e da filha de um vidraceiro com uma costureira, Émilie Aubert, que adota o nome do marido após o casamento, Émile Zola muda-se para Aix-en-Provence ainda criança, em 1843.² Na cidade, localizada no sul da França, o autor perde o pai para uma pneumonia, doença contraída enquanto o engenheiro trabalhava nas obras de uma represa em Marselha, e passa, com a mãe e os avós, uma infância pobre, porém marcada por sua passagem pelo colégio Notre-Dame, onde faz amizades que o acompanharão por toda a vida, dentre elas, Paul Cézanne.³

Após a morte da avó materna, Henriette Aubert, em 1857, Zola deixa a Provença para viver, em fevereiro de 1858, com sua mãe e seu avô, em Paris. Na capital, morando num pequeno apartamento de um bairro modesto⁴, Émile Zola passará por diversas dificuldades. Reprovado no baccalauréat, perde o avô e vive uma relação amorosa infeliz com uma moça chamada Berthe que, segundo Henri Mitterrand, torna-se personagem de um de seus romances, *La confession de Claude*, publicado em 1862.⁵

Entregue à melancolia e vivendo na miséria, Zola encontra seu primeiro emprego na Administração das Docas de Paris, em 1860, onde fica por poucos meses antes de se

¹ ZOLA, Émile. *Germinal*; tradução Mauro Pinheiro; notas e complementos Henri Mitterrand. São Paulo: Estação Liberdade, 2012, p. 539.

² *Ibidem*

³ *Ibidem*, p. 540.

⁴ *Ibidem*, p. 541

⁵ *Ibidem*, p. 542

entregar à boêmia⁶. De acordo com Mitterand, pouco se sabe sobre o que se passou com o escritor nos anos de 1860 e 1861, apenas que Cézanne não o abandona nesse período difícil, indo ter com ele em Paris para visitarem juntos o Salão de Pintura de 1861 e as academias onde estudam e trabalham os aprendizes⁷. O ano seguinte, entretanto, é primordial para a carreira de Zola; em 1862 o escritor é empregado pela livraria Hachette, onde dá início a uma carreira no mundo dos livros, que só terminará com a sua morte⁸.

Tendo começado a trabalhar na Hachette como auxiliar administrativo, em pouco tempo Émile Zola torna-se chefe de publicidade e passa a escrever artigos dedicados à promoção das obras publicadas pela editora. Ainda em 1863, o autor publica um artigo sobre uma reedição de *Dom Quixote*, ilustrada por *Gustave Doré*, onde, segundo Mitterand, aparecem suas primeiras reflexões gerais sobre o gênero romanesco.⁹ De acordo com o especialista na obra do autor:

Com distanciamento histórico, nós podemos considerar que se abre aí (em 1863) um primeiro período da atividade crítica de Zola. Este se encerrará na véspera da guerra de 1870. Em sete anos, Zola constrói para si duas imagens igualmente originais e combativas, para não dizer provocantes: a de um romancista que não teme, em *Thérèse Raquin*, particularmente, expandir, o máximo possível, os limites e a ousadia na representação das violências e do desejo carnal; e a de um crítico e teórico da literatura romanesca que propõe nada menos que fundamentar o gênero nos modelos de observação e de análise oferecidos pelas ciências biológicas e sociais, na esteira de três escolas literárias de vanguarda: as de Balzac, dos Goncourt e de Flaubert.¹⁰ (MITTERAND, 2004, p. 7, 8)

Assim, com o passar do tempo, o escritor constrói para si uma carreira não apenas de crítico literário, mas também de romancista em sua plataforma de predileção, a saber, os jornais. Saudados pelo escritor no artigo *L'Argent dans la littérature* (1880) como um meio de libertação dos escritores franceses da tutela dos antigos mecenas que, por sua influência financeira, tinham um poder excessivo sobre a obra de seus protegidos¹¹, Zola vê nos

⁶ *Ibidem*, p. 542

⁷ *Ibidem*, p. 542 - 543

⁸ *Ibidem*, p. 543

⁹ MITTERAND, Henri, org. *Écrits sur le roman*, Librairie générale française, 2004, p. 7.

¹⁰ Neste trabalho, todas as traduções do francês para o português são nossas. Dessa forma, copiamos os originais em nota para facilitar o cotejo do leitor. “Avec l'éloignement historique, nous pouvons considérer que s'ouvre là une première période de l'activité critique de Zola. Elle s'achèvera à la veille de la guerre de 1870. En sept années, Zola se bâtit deux images, également originales et combatives, sinon provocatrices: celle d'un romancier qui ne craint pas, dans *Thérèse Raquin* notamment, de repousser le plus loin possible les frontières de la hardiesse dans la représentation des violences du désir charnel; et celle d'un critique et d'un théoricien de la littérature romanesque qui ne propose rien de moins que de caler le genre sur les modèles d'observation et d'analyse offerts par les sciences biologiques et sociales, dans le sillage de trois magistratures littéraires d'avant-garde: celles de Balzac, des Goncourt et de Flaubert...”

¹¹ “Autrefois, la raison des pensions était bien la situation précaire où les lettres mettaient les écrivains, mais ces pensions entraînaient aussi avec elles une idée honorifique, et cela est si vrai que certains auteurs qui avaient de la fortune, s'ingéniaient humblement pour être pensionnés. - As passagens citadas ou parafraseadas de textos no formato kindle, também foram copiadas em nota

jornais um mecanismo de democratização da produção literária, ao tornarem possível que jovens escritores conquistassem a independência financeira necessária para escrever segundo seu talento.¹² Tal texto, publicado quando o escritor já havia conquistado o sucesso no mundo editorial com romances como *L'Assommoir* (1876) e *Nana* (1879), parece uma reflexão sobre sua própria carreira.

Durante os primeiros anos de sua profissão Zola publicou suas críticas literárias em jornais como *Le Salut public*, *Le Journal populaire de Lille*, *La Revue contemporaine* e *Le Figaro*. Em tais críticas, o autor tece suas reflexões sobre o romance e analisa as obras de autores que serviram de referência para ele, como os irmãos Goncourt e Hippolyte Taine¹³, participa de polêmicas com críticos de quem discordava, como Proudhon - contra quem escreve um artigo denunciando a defesa do uso utilitário da literatura como algo avesso à liberdade do escritor e do poeta¹⁴ - e analisa o cenário literário francês buscando, num mesmo movimento, traçar um novo caminho para a prática literária de seu tempo¹⁵. Necessitando sustentar sua família, Zola também escreve crônicas parlamentares, cuja virulência das críticas aos políticos da Terceira República Francesa o fazem ser impedido de publicar em Paris entre 1873 e 1874¹⁶. Em 1875 sua carreira de crítico dá um salto internacional: convidado por Ivan Turgueniev para escrever para a revista russa *Le Messager de l'Europe*, Zola passa a enviar mensalmente para o periódico algumas páginas tratando de assuntos da atualidade francesa relativos à vida literária, artística e política do

para facilitar a localização do trecho pelo leitor.” (Zola, Emile. *Emile Zola : Oeuvres complètes - 101 titres + annexes et gravures (Nouvelle édition enrichie) (French Edition)* . Arvensa Editions. Edição do Kindle, posição 285510)

¹² Examinons tout de suite la question de l'argent dans notre littérature actuelle. Le journalisme surtout a apporté des ressources considérables. Un journal est une grosse affaire qui donne du pain à un grand nombre de personnes. Les jeunes écrivains, à leurs débuts, peuvent y trouver immédiatement un travail chèrement payé. Des grands critiques, des romanciers célèbres, sans compter les journalistes proprement dits, dont quelques-uns ont joué des rôles importants, gagnent dans les journaux des sommes considérables. [...] Sans doute, les journaux ne peuvent s'ouvrir à tous les débutants débarqués de province, mais ils nourrissent réellement beaucoup de jeunes gens; et la faute est à ceux-ci, s'ils ne se dégagent, pas un jour, pour écrire de beaux livres. (*Ibidem*, Posição 285611)

¹³ Ver: ZOLA, Émile, *Germinie Lacerteux*, 1865; e *M. Taine, l'artiste*, 1866. In: MITTERAND, Henri, org. *Écrits sur le roman*, Librairie générale française, 2004.

¹⁴ Cette étude a paru dans *Le Salut public* des 26 juillet et 31 août 1865. Contre l'ouvrage posthume de Proudhon (*Du principe de l'art et de sa destination sociale*, 1865) Zola se livre à une critique féroce de l'art utilitaire: l'artiste ne peut être ni un professeur de morale, ni un conducteur d'hommes, ni le héraut d'une nation, d'une époque ou d'une politique. Il réclame que plaine et entière liberté soit laissée à l'artiste: c'est la condition de la vérité et de l'originalité. (MITTERAND, Henri, org. *Écrits sur le roman*, Librairie générale française, 2004, p. 69)

¹⁵ Henri Mitterand lembra, na antologia já citada, o artigo publicado por Zola no *Journal Populaire de Lille*, em 1864, onde o autor manifesta sua ruptura com a inspiração romântica e o abandono da poesia - em versos - em favor de uma estética realista sustentada pelo espírito científico de sua época e pela expressão da originalidade. (MITTERAND, Henri, org. *Écrits sur le roman*, Librairie générale française, 2004, p. 51)

¹⁶ *Ibidem*, p. 8.

país.¹⁷ No mesmo jornal russo, o autor publica diversos artigos em que disserta sobre a poética naturalista, dentre eles um de seus textos teóricos mais famosos, qual seja, *Le Roman Expérimental*, publicado pela primeira vez em setembro de 1879¹⁸. Os estudos publicados no *Messenger*, serão retomados pelo escritor em jornais franceses como *Le Figaro*, *La Vie littéraire*, *Le Globe*, *La Réforme* e *Le Voltaire*¹⁹ - antigo *Le Bien Public*, onde o autor publicou pela primeira vez, no formato de folhetim, alguns de seus romances mais famosos como os já citados *L'Assommoir*²⁰ e *Nana*²¹.

Paralelamente a essa carreira de jornalista e crítico literário, Zola encontra tempo para escrever seus romances. Ainda em 1864, o autor publica *Contes à Ninon*, em 1865, *Confessions de Claude* sai em folhetim, e em 1867, *Thérèse Raquin*, seu primeiro romance a fazer sucesso é publicado também em folhetim²² e logo se torna uma obra de importância vital para a carreira do escritor. O sucesso do romance é tanto que em menos de um ano *Thérèse Raquin* conhece sua segunda edição, acompanhada de um prefácio que, segundo Mitterand, serve de prenúncio ao grande projeto do autor de escrever a história natural e social de uma família²³.

Apesar *Thérèse Raquin* ter sido acolhido, segundo conta o próprio autor no prefácio, de forma brutal e indignada pela crítica especializada de seu tempo, que o taxaram de porcaria fétida e imoral²⁴, o alvoroço causado pelo romance na esfera pública faz o texto chegar ao olhos de Hippolyte Taine, historiador admirado por Zola, que numa longa carta, como consta na antologia organizada por Mitterand, tece uma crítica que interfere de maneira decisiva a produção teórica e romanesca do ficcionista e que é prontamente respondida pelo escritor no prefácio da segunda edição do romance.²⁵ Nesse texto, o ficcionista francês vai, antes de mais nada defender seu projeto romanesco sustentando que:

Isso do que me queixo, é o fato de que nenhum dos pudicos jornalistas que enrubesceram lendo *Thérèse Raquin* parecem ter compreendido esse romance [...]

Em *Thérèse Raquin*, eu quis estudar os temperamentos e não os caracteres. Aí está todo o livro. Eu escolhi personagens dominados soberanamente por seus nervos e por seu sangue, desprovidos de livre arbítrio, levados pela fatalidade de sua carne a agir em todos os domínios de sua vida. Thérèse e Laurent são bestas humanas, nada mais que isso. Eu procurei seguir passo

¹⁷ *Ibidem*, p. 9

¹⁸ *Ibidem*, p. 242

¹⁹ *Ibidem*, p. 9

²⁰ *Ibidem*, p. 181

²¹ *Ibidem*, p. 242

²² PIERRE-GNASSOUNOU, Chantal. *Chronologie*. In: ZOLA, Émile, *L'Assommoir*. Paris: Flammarion, 2000, p. 8, 9.

²³ MITTERAND, Henri, org. *Écrits sur le roman*, Librairie générale française, 2004, p. 99.

²⁴ ZOLA, Émile. *Préface de Thérèse Raquin*. In: MITTERAND, Henri, org. *Écrits sur le roman*, Librairie générale française, 2004, p. 99 e p. 102.

²⁵ MITTERAND, Henri, org. *Écrits sur le roman*, Librairie générale française, 2004, p. 99.

a passo nesses animais o trabalho surdo das paixões, o ímpeto do instinto, os descontroles cerebrais que resultam de uma crise nervosa.²⁶ (ZOLA, 2004, p. 100)

Incomodado pela leitura que a crítica fazia de seu romance, Émile Zola resolve explicar a narrativa aos seus detratores que, a seu ver, não a tinham compreendido. Nesse início de carreira, influenciado, como lembra Mitterand, pelos escritos de vulgarização científica publicados por médicos e psiquiatras, como a obra *La Physiologie des Passions*, do doutor Charles Letourneau²⁷, o escritor fundamenta sua narrativa nos movimentos biológicos que guiam as ações de suas personagens de forma inevitável, como se fossem resultado da fatalidade. Logo, apoiando-se nesses estudos oriundos do campo das ciências biológicas, que serviram de fonte de inspiração para o escritor também pelo método de observação e análise que empregavam em suas pesquisas, o autor se defende dos críticos que viam em seu texto apenas a pintura de cenas que atentavam contra a moral da sociedade.

Entretanto, não é toda crítica que Zola descarta como sendo produto da incapacidade de seu censor de compreender seu romance. Muito bem recebida é a crítica de Taine, endereçada diretamente à Zola através da carta citada acima. No texto o historiador aconselha o ficcionista a abrir o escopo de seu estudo, para usar as palavras do próprio romancista, e passar à observação do meio social em que seus personagens estão inseridos, tomando-o também como fator determinante de suas ações. Referindo-se à carta de Taine, Zola conclui seu prefácio à segunda edição de *Thérèse Raquin* afirmando que:

Parece que ouço, agora, a sentença da grande crítica, da crítica metódica e naturalista que renovou as ciências, a história e a literatura: “*Thérèse Raquin* é o estudo de um caso demasiado excepcional; o drama da vida moderna é mais brando, menos envolto em horror e loucura. Detalhes como esses devem ser deixados para o segundo plano de uma obra. O desejo de nada perder de suas observações levou o autor a dar destaque a cada detalhe, o que resultou em ainda mais tensão e aspereza no conjunto. Por outro lado, o estilo não tem a simplicidade que pede um romance de análise. Seria preciso, em suma, para que o escritor faça um bom romance, que ele tome a sociedade de maneira mais abrangente, que ele a pinte segundo seus numerosos e variados aspectos e, sobretudo, que ele empregue uma língua clara e natural.”²⁸ (ZOLA, 2004, p. 105)

²⁶ Ce dont je me plains, c'est que pas un des pudiques journalistes qui ont rougi en lisant *Thérèse Raquin* ne me paraît pas avoir compris ce roman. [...]

Dans *Thérèse Raquin*, j'ai voulu étudier des tempéraments et non des caractères. Là est le livre entier. J'ai choisi des personnages souverainement dominés par leurs nerfs et leur sang, dépourvus de libre arbitre, entraînés à chaque acte de leur vie par les fatalités de leur chair. *Thérèse* et Laurent sont des brutes humaines, rien de plus. J'ai cherché à suivre pas à pas dans ces brutes le travail sourd des passions, les poussées de l'instinct, les détraquements cérébraux survenus à la suite d'une crise nerveuse.

²⁷ *Ibidem*, p. 17

²⁸ Il me semble que j'entends, dès maintenant, la sentence de la grande critique, de la critique méthodique et naturaliste qui a renouvelé les sciences, l'histoire et la littérature: “*Thérèse Raquin* est l'étude d'un cas trop exceptionnel; le drame de la vie moderne est plus souple, moins enfermé dans

Assim, inspirado pelas observações de Taine, Zola expande sua poética naturalista e passa a considerar, além dos movimentos biológicos, os movimentos histórico-sociais como elementos chave da criação romanesca que, no mais, se daria pela observação e análise dos mesmos. Nesse sentido, o prefácio ao romance de 1870, *La fortune des Rougon*, é crucial para a compreensão do que passa a ser o projeto de Émile Zola após a publicação de *Thérèse Raquin*. Neste texto, que antecede o primeiro volume do ciclo dos *Rougon-Macquart* - do qual *Germinal*, obra estudada neste trabalho, é o décimo terceiro livro - o autor revela seu projeto nos seguintes termos:

Os *Rougon-Macquart*, o grupo, a família que eu me proponho estudar tem como característica o transbordamento dos apetites, a grande insurreição da nossa era, que se rende aos prazeres. Fisiologicamente, eles são a lenta sucessão de acidentes nervosos e sanguíneos que se manifestam em uma raça, resultados de uma primeira lesão orgânica que determina, segundo o meio, junto a cada um dos indivíduos dessa raça, os sentimentos, os desejos, as paixões, todas as manifestações humanas naturais e instintivas cujos produtos recebem o nome de virtudes e de vícios. Historicamente, eles partem do povo, se irradiam por toda a sociedade contemporânea, eles superam todas as situações por essa impulsão essencialmente moderna que recebem as classes baixas em marcha através do corpo social; e, assim, narram o Segundo Império, com a ajuda de seus dramas individuais, da armadilha do golpe de Estado à traição de Sedan.²⁹ (ZOLA, 2004, p.41, 42)

Assim, a leitura desse texto introdutório à principal obra de Émile Zola revela a evolução de seu projeto. Como consta nas primeiras linhas do trecho citado, o autor naturalista não abandona seu método de criação que leva em conta o determinismo biológico na criação de seus personagens, mas a este fator se junta a influência do meio que ganha travo histórico e social. A história dessa família guiada por suas paixões e seus instintos é narrada num momento crucial da história francesa e da história mundial, qual seja, o momento em que se dá, segundo Salette de Almeida Cara, “a formação da hegemonia capitalista numa sociedade de economia ainda tradicional e rural, já diferenciada

l'horreur et la folie. De pareils cas se rejettent au second plan d'une œuvre. Le désir de ne rien perdre de ses observations a poussé l'auteur à mettre chaque détail en avant, ce qui a donné encore plus de tension et d'âpreté à l'ensemble. D'autre part, le style n'a pas la simplicité que demande un roman d'analyse. Il faudrait, en somme, pour que l'écrivain fit maintenant un bon roman, qu'il vît la société d'un coup d'œil plus large, qu'il la peignît sous ses aspects nombreux et variés, et surtout qu'il employât une langue nette et naturelle.

²⁹ Les *Rougon-Macquart*, le groupe, la famille que je me propose d'étudier, a pour caractéristique le débordement des appétits, le large soulèvement de notre âge, qui se rue aux jouissances. Physiologiquement, ils sont la lente succession des accidents nerveux et sanguins qui se déclarent dans une race, à la suite d'une première lésion organique, et qui déterminent, selon les milieux, chez chacun des individus de cette race, les sentiments, les désirs, les passions, toutes les manifestations humaines, naturelles et instinctives, dont les produits prennent les noms convenus de vertus et de vices. Historiquement, ils partent du peuple, ils s'irradient dans toute la société contemporaine, ils montent à toutes situations, par cette impulsion essentiellement moderne que reçoivent les basse classes en marche à travers le corps social, et ils racontent ainsi le Second Empire, à l'aide de leurs dramas individuels, du guet-apens du coup d'État à la trahison de Sedan.

pelo próprio avanço da produção capitalista, entre crises mundiais da agricultura, do comércio, da indústria, e num Império fragilizado”³⁰.

Dessa forma, ainda de acordo com Cara, para realizar seu programa de representação da história do Segundo Império através da história dos Rougon-Macquart, Zola precisou lidar com o problema de representar a totalidade de um mundo fragmentado pelo modo de vista capitalista³¹. Para tanto, o autor procedeu a divisão dos assuntos de seu ciclo segundo a própria divisão do trabalho, da vida social e da separação das classes que resultaram em romances que, como lembra a autora, tratam de assuntos fundamentais para o entendimento dessa sociedade, como a:

[...] especulação imobiliária e nas bolsas de valores, a construção das cidades modernas, os problemas do trabalho e do valor da terra como fonte de renda e de lucros, o papel das mercadorias e do consumo num país ainda rural. (CARA, 2009, p. 13)

Dentre esses romances estão *La Curée* (1871), em que o autor trata do tema da especulação imobiliária através da história de Saccard; *Le Ventre de Paris* (1873), um romance que conta a história de Florent, personagem que é enviado por engano ao exílio após as violências que se seguiram ao golpe de Estado de 1851 e que, por sorte, consegue voltar a Paris anos mais tarde para testemunhar a vida dos moradores dos Halles Centrales, onde seu irmão possui um açougue de sucesso, e dá testemunho da vida dos pequenos comerciantes do setor alimentar da capital francesa; *L'Assommoir* (1876), uma das narrativas de maior sucesso do autor, que trouxe para esfera do sensível o quarto estado ao retratar o modo de vida dos trabalhadores liberais de um bairro pobre de Paris; *Nana* (1879), livro que conta a história do *petit monde* parisiense ao seguir de perto a trajetória da personagem que dá nome ao livro, uma prostituta da família dos Macquart que sai do bairro *La Goutte d'or*, lugar em que se dão os acontecimentos de *L'Assommoir*, e conquista a alta sociedade francesa; *Au Bonheur des Dames* (1883), livro que conta o surgimento das grandes lojas de departamento que colocam em risco o modo de vida dos pequenos proprietários; *La Terre* (1887), romance sobre a questão social da propriedade e da crise da agricultura; *L'Argent* (1891), penúltimo livro do ciclo que traz de volta ao centro da intriga o personagem Saccard, envolvido, dessa vez, com o mundo da especulação financeira e com um imbróglio inspirado no desastre que foi o envolvimento francês com a construção do canal do Panamá.

Germinal (1885), da mesma maneira, é um romance que, como os outros citados acima, busca dar conta de mais uma face da sociedade capitalista. Desta vez, segundo o

³⁰ CARA, Salete de Almeida. *Marx, Zola e a prosa realista*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 14;

³¹ *Ibidem*

autor escreve em seu esboço, o núcleo dessa narrativa é a luta entre o capital e o trabalho³² retratada pela história de uma greve de mineiros que estoura numa comarca no norte da França, em meio à crise industrial. Na narrativa, os operários da Companhia de Montsou, liderados por Étienne Lantier - descendente dos Macquart -, reagem contra os abusos da direção que, em vista da crise, corta parte significativa do salário de seus empregados com o objetivo de conservar o rendimento de seus acionistas.

Nesse romance, dividido em sete partes, cada uma com cerca de cinco ou seis capítulos, Émile Zola retrata de forma detalhada o modo de vida precário dos operários das minas de carvão francesas e descreve os mecanismos de luta contra a exploração excessiva de sua mão-de-obra pelo capital. Para tanto, o autor dedica as duas primeiras partes do romance à descrição de um dia de trabalho exemplar na cidade de Montsou e permite que o leitor descubra a dura jornada de trabalho dos mineiros a partir da entrada em cena de sua personagem principal, Étienne Lantier, que aparece logo nas primeiras páginas para cumprir o papel de elemento desestabilizador da ordem que rege a sociedade de *Germinal*. Da mesma forma, é através da exposição da vida doméstica na casa dos Maheu, uma família de mineiros de longa data, que Zola dá a ver o modo de vida precário dos trabalhadores da Companhia de Minas de Montsou.

A adaptação de Lantier ao árduo trabalho nas minas e a forma com que aos poucos o personagem ganha a confiança de seus companheiros é contada na terceira parte do romance, e se dá à medida em que sua revolta contra os desmandos do patrão aumenta, levando-o a traçar um plano para fortalecer os mineiros dando-lhes poder de negociação para que pudessem lutar por condições melhores de trabalho. Assim, preparado o terreno para a luta, da quarta até a sexta parte da narrativa, o narrador zoliano se esforçará para contar a história de uma greve que se prolonga demasiadamente, resultando no aumento da revolta nos cortiços onde moravam os mineiros, que termina numa deriva alucinada de violência representada por cenas de destruição de fábricas, agressões a operários que furaram a greve, mutilações e assassinatos.

O desfecho da narrativa é ainda mais terrível, pois, a sétima parte da história, termina com um atentado contra a Companhia que não apenas destrói a mina da Voreux, a principal da região, mas mata afogados diversos operários, dentre eles Catherine, o par romântico de Étienne Lantier. Do lado do capital, é a burguesinha Cécile, filha do casal de acionistas de nome Grégoire, que é assassinada por Boa Morte, um velho mineiro da família dos Maheu que, após presenciar a chacina que vitimou seu filho e é perpetrada pelas tropas imperiais, descrita no final da sexta parte do romance, havia ficado catatônico.

³² ZOLA, Émile. *Ébauche*. In: ____ *Germinal*. Paris: Librairie générale française, 2000, p. 574.

Logo, ao dramatizar a luta entre o capital e o trabalho através não só da história de Étienne, dos Maheu e de seus companheiros, mas também dos Grégoire, os burgueses acionistas, e dos Hennebeau, um casal oriundo das classes médias mais abastadas, cujo homem é o diretor da Companhia, Zola revela o caráter violento das relações sociais no mundo capitalista. Nosso interesse, neste trabalho, é o de investigar a forma pela qual tal violência se manifesta no romance zoliano, indo além de cenas claramente violentas e buscando na própria forma um meio de comunicação de uma violência sistêmica relacionada ao estado normal das coisas. Ademais, pretendemos também, investigar sobre o funcionamento do aparato político ideológico que torna aceitável o uso da força homicida do Estado contra seus próprios cidadãos.

Dessa maneira, no primeiro capítulo desta dissertação pretendemos investigar - inspirados pelas reflexões de Walter Benjamin e Slavoj Žižek - a forma pela qual um estado de violência sistêmico e, por isso, normalizado pelas classes dominantes é comunicado em *Germinal*, através de uma análise das relações que alguns elementos formais do romance estabelecem uns com os outros. Para tanto, partiremos das reflexões semióticas de Denis Bertrand para, a partir do estudo dos elementos textuais do romance, revelar como o autor oitocentista faz para estabelecer uma oposição entre os dois sujeitos coletivos que protagonizam a luta que é o núcleo da narrativa, revelando que dessa mesma oposição se deduz a forma da violência à qual o sujeito coletivo associado ao núcleo do trabalho está submetido. Outrossim, pretendemos descortinar a maneira pela qual o próprio espaço romanesco participa desse mesmo processo a partir de uma relação de dupla referencialização que o narrador estabelece entre espaço e personagens.

No segundo capítulo, sustentados pela crítica de Walter Benjamin à violência, procederemos uma investigação sobre os mecanismos postos à disposição do operariado para lutar contra a exploração das classes dominantes. Para tanto, tomaremos como ponto de partida as discussões dos próprios mineiros sobre quais caminhos poderiam tomar para superarem as condições miseráveis em que viviam, tomando tais discussões como prenúncios das diversas fases pelas quais passaria a greve. Em seguida, focaremos nossa análise no movimento grevista propriamente dito, chamando a atenção para o fato de que a declaração de greve é uma prerrogativa do operariado e está prevista na ordenação do direito capitalista, mas que a mesma deve ser pensada segundo a vocação conservadora da própria ordem de direito que sustenta tal Estado e que é essencialmente violenta.

Finalmente, no terceiro capítulo, continuaremos nosso estudo sobre o funcionamento dessa sociedade, criada pelo escritor naturalista com a intenção de mimetizar um momento específico da história do capitalismo, dessa vez inspirados por Michel Foucault, Achille Mbembe e o jurista brasileiro, Silvio Almeida. Neste capítulo, nossa intenção é revelar os mecanismos políticos e ideológicos que permitem que o estado aja de

forma contrária à sua função essencial. Inspirados nos conceitos de *Biopolítica* e *Necropolítica* cunhados por Foucault e Mbembe respectivamente e muito bem explicados por Silvio Almeida em seu livro sobre o racismo estrutural, no último capítulo desta dissertação trataremos da construção discursiva da imagem do operário que permite por um lado que o Estado e as classes dominantes o tratem de forma negligente contrariando a vocação adquirida pelo primeiro, na idade moderna, de conservador da vida, e que, por outro, justifique sua ação assassina nos momentos finais da greve.

Em suma, nossa análise da violência em *Germinal* visa tomar a literatura como um artefato ficcional que, mais do que propor uma crítica da sociedade tal e qual fazem os filósofos e os cientistas políticos, é capaz de oferecer ao leitor um quadro político e social complexo que exija do mesmo um esforço crítico e interpretativo que extrapole os limites do romance e torne possível o diálogo entre a ficção e a realidade. Dessa forma, inspirados por autores que são referência nos campos da filosofia e da ciência política, nossa intenção é propor uma leitura crítica do romance que descortine a forma violenta pela qual as relações sociais no mundo zoliano se estabelecem e aponte para o caráter essencialmente violento dessa ordenação social cujo funcionamento depende de um complexo mecanismo de segregação e de subalternização de uma parcela da população, que só se torna perceptível se nos concentramos nas relações que os elementos formais do romance estabelecem entre si.

2. A forma da violência em *Germinal*

Havia dois “Reinos de Terror”, se quisermos lembrar e levar em conta: um forjado na paixão quente; o outro, no insensível sangue frio... Nossos arrepios são todos em função dos “horrores do Terror menor, o Terror momentâneo, por assim dizer, ao passo que podemos nos perguntar o que é o horror da morte rápida por um machado em comparação à morte contínua, que nos acompanha durante toda uma vida de fome, frio, ofensas, crueldades e corações partidos? Um cemitério poderia conter os caixões preenchidos pelo breve Terror diante do qual todos fomos tão diligentemente ensinados a tremer e lamentar, mas a França inteira dificilmente poderia conter os caixões preenchidos pelo Terror real e mais antigo, aquele indizivelmente terrível e amargo, que nenhum de nós foi ensinado a reconhecer em sua vastidão e lamentar da forma que merece. (TWIN, 2011, apud. ZIZEK, 2014, p. 7)

Escrito entre 1884 e 1885, *Germinal* é o décimo terceiro livro da série de romances dos *Rougon-Macquart: História natural e social de uma família sob o Segundo Império*, e o seu segundo romance operário. Ainda que ausente no primeiro plano de romances de seu ciclo mais famoso, que até 1871 era composto de apenas metade dos vinte romances que comporiam sua versão final, *Germinal* habitou muito tempo o imaginário de Émile Zola. Após a derrota francesa na guerra de 1870 (à qual dedica o romance “La Débâcle”, 1892), e o fim da Comuna de Paris, o autor inclui nos planos traçados, entre 1868 et 1869, esse segundo romance operário que seria particularmente político e, segundo Colette Becker, apesar de não tratar especificamente da Comuna, encenaria a visão zoliana da greve e da violência operária³³.

Como lembra Henri Mitterand, entre 1871, ano em que testemunha os acontecimentos da Comuna de Paris, e o início da escrita de *Germinal*, em 1884, decorre muito tempo, a Comuna se afasta e - cogita o crítico - Zola passa a entendê-la mais como um episódio da guerra do que como uma etapa da revolução social³⁴. Entretanto, a luta política e o papel do operário na sociedade continuam a assombrar o imaginário do escritor.

Segundo Mitterand, apesar das condições de vida do operário francês pouco terem mudado durante os vinte anos que separam o momento em que se passa a história de

³³ BECKER, Colette. Prefácio. In ZOLA, Émile. *Germinal*. Paris: Librairie Général Française, 2000, p. 7-8

³⁴ MITTERAND, Henri. Posfácio. Trad. Nícia Adan Bonatti. In: ZOLA, Émile. *Germinal*, São Paulo: Estação Liberdade, 2012, p. 529.

Germinal, a saber, 1866 e 1867, e o período de escrita do livro, “o movimento operário evolui e correlativamente a atitude dos poderes públicos em relação a ele”³⁵. A greve se torna, a partir do início da Terceira República Francesa, ação mais típica da luta operária do que a insurreição armada³⁶; em 1881, uma lei suprime todos os entraves à liberdade de imprensa; Jules Guesde, exilado por muitos anos na Inglaterra, retorna à França e funda um partido socialista e, em 1884, os sindicatos passam a ser legalizados³⁷. Esse renascimento da esquerda na França, acompanha a evolução dos planos de Zola para seu livro sobre, segundo escreve o autor a seu amigo Van Santen Kolff, em 1880, o papel político e sobretudo social do operário francês³⁸.

Contudo, a violência da repressão estatal às greves imperiais, como na de La Ricamarie, onde treze grevistas foram fuzilados, e na de Aubin, onde quatorze pessoas morreram e vinte ficaram feridas³⁹, continuam a assombrar o autor. Com o passar do tempo e com a liberdade de imprensa assegurada, as diversas greves nas regiões mineiras da França passam a ocupar as manchetes dos jornais - como a noticiada pelo *Voltaire*, de Yves Guyot, em 1878, que dedica uma série de reportagens a uma greve de mineiros em Anzin⁴⁰ - alimentando o imaginário de Zola; da mesma forma, algumas obras literárias publicadas no período como *La vie souterraine*, de Louis Simonin (1867) e, mais tarde *Sans Famille* (1878), de Hector Malot, *Scènes de l'enfer social* (1882), de Yves Guyot e *Le Grisou* (1880), de Maurice Talmeyer⁴¹ servem de inspiração ao autor que, por último, antes de se lançar à escrita do livro, decide buscar informações de primeira mão sobre o assunto. Dessa forma, o escritor se encontra com Alfred Giard - um deputado de Valenciennes ligado aos sindicatos de mineiros da região que, em 23 de fevereiro de 1884, o acompanha à Anzin, onde uma nova greve havia eclodido. Na cidade, Zola toma as notas finais de seu romance, assumindo, dessa vez, o papel de testemunha ocular não só da paralisação dos doze mil mineiros da cidade, mas também de suas condições de vida e de trabalho⁴².

Assim, depois de tomadas as notas finais para a escrita de *Germinal*, Émile Zola resume, no primeiro parágrafo de seu esboço, o núcleo da intriga nos seguintes termos:

O romance é a revolta dos assalariados, um golpe contra a sociedade que cede por um instante: em uma palavra, a luta entre o capital e o trabalho. Aí está a importância do livro, eu o que quero predizendo o futuro,

³⁵ Ibidem, p. 525

³⁶ Ibidem, p. 529

³⁷ Ibidem, p. 528

³⁸ WURMSER, André. Prefácio. In: ZOLA, Émile, *Germinal*. Folio Classique, 2013, p.22.

³⁹ MITTERAND, 2012, p. 525

⁴⁰ Ibidem, p. 527

⁴¹ Ibidem, p. 529

⁴² Ibidem, p. 533

perguntando(-o) sobre aquela que será a questão mais importante do século XX. (ZOLA, 2000, p. 574, trad. nossa)⁴³

Tal luta, seguindo a tendência dos movimentos operários dos anos finais do século XIX, se manifesta, então, por meio de uma greve que resulta numa deriva alucinada de violência; esta é representada na narrativa pela destruição da mina do burguês Deneulin, a Vandame⁴⁴, pelo cerco à casa do diretor da mina, o Sr. Hennebeau⁴⁵, pela morte e castração de Maigrat, o dono do armazém da cidade⁴⁶, pelo assassinato de um jovem soldado por Jeanlin, uma das crianças dos Maheu⁴⁷, pelo embate entre os mineiros e o exército imperial, resultando no fuzilamento e na morte de muitos operários⁴⁸, pela destruição da mina da Voreux, obra do maquinista russo Souvarine⁴⁹, e finalmente pelo estrangulamento de Cécile, filha dos Grégoire - um casal de acionistas da companhia -, por Boa Morte⁵⁰. O tom melodramático de tais cenas - talvez em resposta à necessidade expressa ainda em seu esboço de assombrar o leitor burguês⁵¹- incita a crítica de autores como Jules Lemaître que, em 14 de março de 1885, escreve que o “senhor Zola entregou magnificamente o que há de fatal, de cego, de impessoal, de irresistível num drama desse tipo - o contágio das cóleras reunidas, a alma coletiva das multidões, violenta e facilmente furiosa...”⁵². Mas seria, de fato, a multidão de mineiros de Montsou levada, como defende Lemaître, tão facilmente à cólera? Ou há algo além dessa violência demasiadamente visível no romance que justificaria a atuação dos mineiros na greve e o resultado violento da mesma; e, sob a perspectiva de um público alinhado com diversos setores da esquerda da época, uma recepção tão favorável dos jornais socialistas, que publicaram por todos os lados o romance de Zola⁵³; além da recepção positiva pelos próprios operários que, anos mais tarde, acompanharam o cortejo fúnebre do autor entoando, como um grito de ordem, o título de *Germinal*⁵⁴?

⁴³ As traduções das obras escritas em língua francesa são nossas. Entretanto, para os trechos mais problemáticos das passagens de *Germinal*, nos apoiamos na tradução de Francisco Bittencourt, publicada pela editora Abril Cultural em 1972. Finalmente, como nessa primeira nota referente às traduções, os originais serão citados para o cotejamento do leitor: “Le roman est le soulèvement des salariés, le coup d’épaule donné à la société, qui craque un instant: en un mot la lutte du capital et du travail. C’est là qu’est l’importance du livre, je le veux prédisant l’avenir, [le] posant la question qui sera la question la plus importante du XXe siècle.” (ZOLA, Émile. *Ébauche*. In: *Germinal*, Librairie Générale Française, 2000, p. 574)

⁴⁴ *Germinal*, quinta parte capítulo 3.

⁴⁵ *Ibidem*, capítulo 5

⁴⁶ *Ibidem*, capítulo 6

⁴⁷ *Ibidem*, sexta parte, capítulo 4

⁴⁸ *Ibidem*, capítulo 5

⁴⁹ *Ibidem*, sétima parte, capítulo 2

⁵⁰ *Ibidem*, capítulo 4

⁵¹ MITTERAND, 2012, p. 531

⁵² *Ibidem*, p. 538

⁵³ *Ibidem*

⁵⁴ WURMSER, 2013, p. 50

Este capítulo pretende analisar a forma pela qual o agenciamento de dois elementos formais do romance pelo narrador, quais sejam, os personagens e o espaço, contribuem para revelar um estado de violência sistêmico, naturalizado pela sociedade burguesa, que alimenta a revolta do operariado, resultando nas cenas de violência supracitadas. Dessa maneira, pretendemos revelar por um estudo atento do processo de dupla referencialização das personagens pelo espaço e vice-versa, a forma que adquire tal violência na narrativa.

No quarto capítulo, da sétima e última parte do romance, enquanto o Sr. e a Sra. Grégoire visitavam a casa da Levaque, que tentava convencê-los a lhe dar, por caridade, algumas das doações adquiridas na campanha organizada pelo casal de burgueses e sua filha Cécile, em vista de ajudar os carvoeiros de Montsou que saíram mais miseráveis ao final da greve do que no seu início, a filha do casal fica na casa dos Maheu com um catatônico Boa Morte, que não conseguia mais se levantar da cadeira e passava o dia cuspidando uma secreção preta nas cinzas do carvão que alimentava o pequeno fogão da família. Na sala do casebre se passa a cena a seguir:

Cécile ficou a sós com Boa Morte. O que a paralisou, trêmula e fascinada, foi que ela acreditava reconhecer esse velho: onde teria ela visto, então, esse rosto quadrado, lívido, tatuado de carvão? E bruscamente ela se lembrou, assistindo novamente à multidão que gritava e a cercava, ela sentiu suas mãos frias agarrando seu pescoço. Era ele, ela reencontrou aquele homem, ela olhava, com as mãos em cima dos joelhos, as mãos daquele operário agachado, cuja força estava nos punhos, ainda sólidos apesar da idade. Pouco a pouco, Boa Morte pareceu acordar, percebendo-a e examinando-a de um jeito abismado. Um calor subia em seu rosto, um estremecer nervoso repuxava-lhe a boca por onde escorria uma saliva negra. Atraídos, todos os dois ficaram parados um diante do outro, ela florescente, gorda e rósea, graças aos longos ócios e o bem-estar de sua raça, ele inchado de água, de uma feiura lamentável de animal exausto, destruído de pai a filho, por cem anos de trabalho e fome.

Ao final de dez minutos, quando os Grégoire, surpresos por não terem encontrado a filha, voltaram à casa dos Maheu, ouviu-se um grito terrível. No chão, jazia sua filha, com o rosto azul, estrangulada.⁵⁵ (ZOLA, 2013, p.657-658)

A incredulidade diante do assassinato da burguesinha caridosa atinge toda a cidade de Montsou que se pergunta: “Qual rancor, desconhecido por ele mesmo (Boa Morte),

⁵⁵ “Cécile demeure seule avec Bonnemort. Ce qui la retenait là, tremblante et fascinée, c’était qu’elle croyait reconnaître ce vieux: où avait-elle donc rencontré cette face carré, livide, tatouée de charbon? et brusquement elle se rappela, elle revit un flot de peuple hurlant qui l’entourait, elle sentit des mains froides qui la serraient au cou, C’était lui, elle retrouvait l’homme, elle regardait les mains posées sur les genoux, des mains d’ouvrier accroupi dont toute la force est dans les poignets solides encore malgré l’âge. Peu à peu, Bonnemort avait paru s’éveiller, et il l’apercevait, et il l’examinait lui aussi, de son air béant. Une flamme montait à ses joues, une secousse nerveuse tirait sa bouche. Attirés, tous deux restait l’un devant l’autre, elle florissante, grasse et fraîche des longues paresse et du bien-être repu de sa race, lui gonflé d’eau, d’une laideur lamentable de bête fourbe, détruit de père en fils par cent années de travail et de faim.

Au bout de dix minutes, lorsque les Grégoires, surpris de ne pas voir Cécile, rentrèrent chez les Maheu, ils poussèrent un cri terrible. Par terre, leur fille gisait, la face bleue, étranglée.”

lentamente o envenenou, entrando-lhe nas entranhas e subindo até o crânio? O horror levou-os a concluir que foi o resultado de sua inconsciência, que foi o crime de um idiota.”⁵⁶

Tal crime, por sua violência e pelo sentimento de incompreensão que atinge burgueses e operários lembra uma passagem do livro de Slavoj Zizek, *Violência* (2014), em que o autor conta a história de Nikolai Lossky, um russo forçado ao exílio após a Revolução Russa, que não entendia o motivo de tanta aversão contra ele por parte dos revolucionários. Segundo Zizek:

Embora Lossky fosse sem dúvida uma pessoa benevolente e sincera, que realmente se preocupava com a assistência à pobreza e estava empenhada na tentativa de civilizar as condições de vida russas, esta sua atitude trai uma insensibilidade arrepiante frente à violência *sistêmica* necessária para que uma vida tão confortável fosse possível. Aqui estamos falando sobre a violência inerente a um sistema: não só da violência física direta, mas também das formas mais sutis de coerção que sustentam as relações de dominação e exploração, incluindo a ameaça de violência. (ZIZEK, 2014, p. 23, 24)

Similar não apenas pela reação burguesa diante da violência operária, em *Germinal*, o assassinato, e na Revolução Russa, o exílio forçado, a leitura de Zizek deste último evento nos fornece também uma chave de leitura do assassinato de Cécile por Boa Morte que escapa aos olhos dos habitantes de Montsou. Logo, o crime do velho catatônico, na esteira de uma leitura inspirada pelo autor esloveno, se revela não como um crime fruto da demência da personagem, mas de um momento de fugaz lucidez em que a personagem se dá conta de algo que nem os Lossky e nem as personagens do romance, parecem entender. Como revela Zizek:

O que não compreendiam era que, sob a forma dessa violência subjetiva e irracional, estavam recebendo de volta a mensagem que eles próprios haviam enviado sob sua verdadeira forma invertida. É esta violência que parece irromper “do nada” que corresponde, talvez, àquilo que Benjamin, em seu “Para uma crítica da violência”, chamou de violência divina. (ZIZEK, 2014, p. 24)

Assim, na esteira do filósofo esloveno, o crime de Boa Morte seria a forma invertida da violência sistêmica, “precisamente aquela inerente ao estado normal das coisas,[...] uma violência invisível [...] que sustenta a normalidade do nível zero contra o qual percebemos algo como subjetivamente violento”⁵⁷. Para o autor, essa violência é “própria às condições do capitalismo global, que implica a criação automática de indivíduos excluídos e dispensáveis”⁵⁸.

⁵⁶ “Quelle rancune, inconnue de lui-même, lentement empoisonnée, était-elle donc montée de ses entrailles à son crâne? L'horreur fit conclure à l'inconscience, c'était le crime d'un idiot.” (ZOLA, 2013, p. 658)

⁵⁷ ZIZEK, 2014, p. 18

⁵⁸ Ibidem, p. 26

Ao evocar a violência divina da qual fala Walter Benjamin, em *Para uma crítica da violência*, texto publicado em 1921, Zizek aponta para uma leitura dessa violência sistêmica como aquela que o autor alemão, outrora, chamou de “violência mítica”. Analisando o problema a partir de um sistema de oposições, Benjamin estabelece um paralelo entre os dois tipos de violência que ecoam no texto de Zizek. De acordo com o ensaio do filósofo alemão:

Longe de inaugurar uma esfera mais pura, a manifestação mítica da violência imediata mostra-se, em seu núcleo mais profundo, idêntica a toda violência do direito [...] Assim, como em todos os domínios Deus se opõe ao mito, a violência divina se opõe à violência mítica. [...] Se a violência mítica é instauradora do direito, a violência divina é aniquiladora do direito; se a primeira estabelece fronteiras, a segunda aniquila sem limites; se a violência mítica traz, simultaneamente, a culpa e a expiação, a violência divina expia a culpa; se a primeira é ameaçadora, a segunda golpeia; se a primeira é sangrenta, a divina é letal e não-sangrenta. (BENJAMIN, 2013, p. 150)

Dessa forma, pretendemos, a seguir, estudar a forma pela qual o romance é capaz de comunicar o contraponto mítico da violência sofrida por Cécile. Logo, ao lermos o livro de 1885 sob a perspectiva da crítica benjaminiana à violência, ouvimos os sussurros do primeiro livro da série, em que não só é contada a origem dos Rougon-Macquart, como também é narrado o golpe de 1851 do ponto de vista dessa família de raízes populares “que se irradia pela sociedade, sobrevivendo à todas as situações às quais estão sujeitas as classes baixas em marcha através do corpo social”⁵⁹. Da perspectiva de uma lógica de funcionamento de um Estado, o golpe é o momento de instauração de um novo direito, e, no caso de *Germinal*, a história dessa greve de repercussões dramáticas, marcada pela violência dos mineiros e pela resposta mortífera do estado, é o cumprimento da ameaça que paira sobre a cabeça de todos que pretendem desafiar a ordem por ele instaurada.

Destarte, se em *La fortune des Rougon*, lemos, como lembra Luigi Pellini, uma alegoria ao golpe de Louis Napoléon Bonaparte⁶⁰ momento de instauração de uma nova ordem de direito na sociedade francesa e a instauração de uma ditadura⁶¹, ato correlato ao caráter instaurador do direito da violência que Benjamin chama de *mítica*; em *Germinal* seu

⁵⁹ *Os Rougon-Macquart*, o grupo, a família que eu me proponho estudar, [...] parte do povo, eles se irradiam por toda a sociedade contemporânea, superam todo tipo de situação, por esse tipo de impulso essencialmente moderno que recebem as classes baixas em marcha através do corpo social, e eles contam, assim, o Segundo Império, com a ajuda de seus dramas individuais, da armadilha do golpe de Estado até a atrição de Sedan. (ZOLA, 2004, p. 41-42)

⁶⁰ “En transposant à Plassans ce qui se passe à Paris, en établissant un parallèle entre la prise de pouvoir par les Rougon et la prise du pouvoir par Louis Napoléon Bonaparte, Zola, selon Luigi Pellini, fait de son roman une allégorie.” (BECKER, 2004, p.20)

⁶¹ A nomenclatura acompanha aquela utilizada por Nélio Schneider nas notas à sua tradução de “O 18 de brumário de Luís Bonaparte”, de Marx. Nela o tradutor resume o cenário político francês do qual fala Marx no famoso parágrafo de abertura de sua obra da seguinte maneira: “No dia 18 de Brumário (9 de novembro de 1799), Napoleão Bonaparte derrubou, mediante um golpe de Estado, o Diretório francês, tornando-se ditador com o título de primeiro-cônsul. Com a “reedição do 18 de brumário”, Marx se refere ao golpe de Estado desferido por Luís Bonaparte no dia 2 de dezembro de 1851. (SCHNEIDER, 2011, p. 25; nota 3)

caráter mantenedor da ordem de direito instaurada pode ser percebido pelas relações estabelecidas pelo autor entre um sistema de personagens, marcado pela oposição entre a burguesia (incluindo no mesmo núcleo as classes médias a seu serviço) e operariado, e sua relação com o sistema espacial onde se desenvolve a narrativa. Nesse sentido, o *meio* natural e social, elemento determinante na construção das personagens do romance naturalista, seria o veículo comunicador de uma violência sistêmica que sustenta um tal estado de normalidade.

Nesse sentido, as duas primeiras partes de *Germinal*, dedicadas à apresentação da situação inicial do romance - a saber: a chegada do herói, Étienne Lantier, e a apresentação do dia-a-dia dos carvoeiros de Montsou e de seus antagonistas, os burgueses - segundo o regime de oposição estabelecido por Zola em seu esboço, são essenciais para definição da forma dessa violência. São os elementos diferenciadores das personagens que compõem os pólos antagonistas dessa narrativa que comunicam a violência sistêmica a qual estão submetidos os operários. Assim, procedendo um estudo semiótico do sistema de personagens do romance, é possível notar que a separação dos mesmos segundo os dois núcleos da narrativa é informada de diversas maneiras. Denis Bertrand, por exemplo, revela que a federação das personagens que correspondem ao núcleo do trabalho é comunicada ao leitor pela partilha de um discurso tautológico que remete constantemente à falta de comida. Nesse sentido, o autor, ao analisar o primeiro capítulo do romance, quando Étienne e Boa Morte conversam, enquanto o charreteiro espera a retomada do trabalho na mina, nota que:

O diálogo entre os dois atores, sob duas formas discursivas distintas que o manifestam, é marcadamente redundante: “Étienne” e “o charreteiro” dizem um e outro a mesma coisa, como se a referencialização do discurso do primeiro no discurso do segundo fosse o meio de assegurar sua existência comum. De fato, a redundância semântica de suas afirmações estabelece progressivamente os dois atores como fragmentos de um sujeito coletivo: a identificação se opera pela seleção das mesmas isotopias. Eles passam do estatuto de “unidades integrais” discretas, cada um possuindo seus traços de individualização que lhes são próprios, àquele de “totalidade partitiva” quando, tendo abandonado a integridade de seus traços, eles selecionam somente uma parte a partir da qual eles se constituem como uma nova totalidade fundada sobre os traços que possuem em comum: essa nova totalidade partitiva, que os constitui como pertencendo a uma mesma classe (a classe operária) se realiza pelo enunciado monológico assumido

sucessivamente pelos dois atores: “Se tivéssemos pão!”⁶² (BERTRAND, 1985, p. 46 e 48, trad. nossa)

Ainda restrita ao primeiro capítulo do romance, a análise do crítico é confirmada pelas últimas palavras trocadas pelas personagens e validada pelo narrador em comentário, antes que o último interrompa a ação para narrar o acordar da família de Boa Morte que acontece quase simultaneamente à conversa dos dois homens. No trecho, após longos minutos de conversa, os personagens são interrompidos pelo cavalo que, ao ouvir o barulho dos vagonetes que tornavam a andar, anuncia ao charreteiro que é hora de retomar os trabalhos parados até então; assim, a conversa se encerra pelas seguintes frases:

- Se ao menos nós tivéssemos pão o suficiente! repetiu pela terceira vez Étienne, sem transição aparente.
- Minha nossa, sim! Se comêssemos pão todos os dias, já estaria muito bom.⁶³ (ZOLA, 2013, p. 71)

Tal identificação de um sujeito coletivo, levada a cabo por Denis Bertrand, obedece ao esquema de referencialização de isotopias desenvolvido por A.J Greimas e E. Landowski em que, ainda segundo Bertrand⁶⁴, os autores definem a estrutura formal chamada por eles de ator coletivo a partir da seleção de um conjunto de atores integrais (aqueles caracterizados por traços individuais) e buscam encontrar nesse escopo, traços partitivos por eles compartilhados que servem de base para formação de uma totalidade integral que funciona narrativamente como um ator unitário. Nesse sentido, o núcleo dos operários é

⁶² “Le dialogue entre les deux acteurs, sous les deux formes discursives distinctes qui le manifestent, est remarquablement redondant: “Étienne” et “le charretier” disent l’un et l’autre la même chose, comme si la référentialisation du discours du premier dans le discours du second était le moyen d’assurer leur communauté d’existence. De fait, la redondance sémantique de leurs propos impose progressivement les deux acteurs comme les fragments d’un sujet collectif: l’identification s’opère par la sélection des mêmes isotopies. Ils passent du statut d’“unités intégrales” discrètes, chacun possédant les traits d’individuations qui lui sont propres, à celui de “totalité partitive” lorsque, ayant abandonné l’intégralité de leurs traits, ils s’en sélectionnent qu’une partie à partir de laquelle ils se constituent comme une nouvelle totalité fondée sur les traits qu’ils possèdent en commun: cette nouvelle totalité “partitive”, qui les constitue comme appartenant à une même classe (la classe ouvrière) se réalise par l’énoncé monologique assumé successivement par les deux acteurs: “Si l’on avait du pain”.

⁶³ “- Au moins si l’on mangeait du pain à sa suffisance! répéta pour la troisième fois Étienne, sans transition apparente.

- “Dame, oui! si l’on mangeait toujours du pain, ça serait trop beau!”

⁶⁴ Les auteurs dégagent la structure formelle de l’actant collectif en prenant, comme terme de départ, “une collection quelconque d’individus discrets caractérisés en tant qu’unités (U) (...), et en tant qu’intégraux (i) parce qu’ils possèdent les traits d’individualisation” (p.98) (ici l’ensemble des isotopies figuratives associées aux deux acteurs qu’elles qualifient respectivement). Un premier parcours sur le carré [1] prélève sur cet ensemble des traits partitifs (p) que les unités ont en commun; sur la base de cette communauté, les unités se constituent, par le second parcours [2] en une Totalité partitive (Tp), susceptible de constituer à son tour une Totalité intégrale [3] et de fonctionner narrativement comme un actant unitaire, une classe actantielle [4].” (BERTRAND, 1985, p. 48)

definido, no romance, pelo fato de que a maioria deles⁶⁵ vive sob risco alimentar severo como, ao se expandir um pouco o escopo de análise de Bertrand, a conversa entre a Maheude e seu marido, no segundo capítulo, dá a ver:

Ela também acabara de acordar e se queixava de nunca conseguir dormir uma noite inteira. Eles [a família que se aprontava para ir trabalhar] não podiam sair em silêncio? Enfiada nas cobertas, ela revelava apenas seu rosto longo, de grandes traços, e uma beleza pesada, já deformada, aos trinta e nove anos, por sua vida de miséria e as sete crianças que havia tido. Com os olhos no teto, ela falou lentamente, enquanto seu homem se vestia. Nem um e nem o outro ouviam a pequena que se sufocava de tanto chorar.

-Hein? Sabe, eu estou sem um centavo, e ainda é segunda: faltam seis dias para o fim da quinzena... Não tem como continuar assim. Todos vocês juntos trazem nove francos. Como você quer que eu faça? Nós somos dez aqui em casa.

-Oh! Nove francos! espantou-se Maheu. Eu e Zacharie, três: já são seis... Catherine e o pai dois: dá quatro; quatro e seis, dez... E Jeanlin um, que dá onze.

-Sim, onze, mas tem os domingos e os dias sem trabalho... Nunca dá mais que nove, entende?

Ele não respondeu, estava ocupado procurando seu cinto de couro no chão. Depois, se levantando:

- Não podemos reclamar, eu ainda estou sólido. Tem muitos por aí que aos quarenta e dois não prestam para mais nada.

-Pode ser, meu velho, mas isso não nos dá mais pão... O que eu vou fazer, fale? Você não tem nada?

-Tenho duas moedas.

- Guarde elas para tomar um chope... Meu Deus! O que eu vou fazer? Seis dias, isso não acaba nunca. Nós devemos sessenta francos ao Maigrat, que me botou porta afora antes de ontem. Isso não vai me impedir de voltar a vê-lo. Mas se ele teimar em recusar...

[...]

-Toma! Pega ela [Estelle, a bebê que não parava de chorar], eu vou esmagá-la... Diacho de criança! não lhe falta nada, ela só mama, e ainda se queixa mais alto que os outros.

-Os burgueses da Piolaine não te disseram para ir vê-los? retomou o pai depois de um momento de silêncio.

[...]

-Sim, eles me encontraram enquanto levavam roupas para as crianças pobres... Enfim, vou levar Henri e Lenore na casa deles. Se me dessem pelo menos cem tostões.

-O que você quer? É assim mesmo... dê um jeito na sopa... Não adianta nada continuar reclamando, é melhor estar lá, trabalhando.

-Com certeza, respondeu a Maheude. Apague a vela, eu não preciso ver a cor dos meus pensamentos.⁶⁶ (ZOLA, 2013, pp. 79-81)

⁶⁵ É preciso chamar a atenção para o fato de que, ainda que a falta de alimento seja uma característica partilhada por quase todos os operários, há exceções. Como acontece com a Pierrone, esposa de um carvoeiro, que trai o marido com um dos capatazes que supre as necessidades da família que nem durante a greve passa fome. (ver: ZOLA, 2013, quarta parte, capítulo cinco, p. 375-377)

⁶⁶ Elle aussi venait de s'éveiller, et elle se plaignait, c'était bête de ne jamais faire sa nuit complète. Ils ne pouvaient donc partir doucement? Enfouie dans la couverture, elle ne montrait que sa figure longue, aux grands traits, d'une beauté lourde, déjà déformée à trente-neuf ans par sa vie de misère et les sept enfants qu'elle avait eus. Les yeux au plafond, elle parla avec lenteur, pendant que son homme s'habillait. Ni l'un, ni l'autre n'entendait plus la petite qui s'étranglait à crier.

A carência alimentar é novamente retomada na passagem em que, ainda no início da semana, o carvoeiro Maheu e sua esposa conversam sobre as finanças da família que mal consegue tirar o suficiente para comer do trabalho na mina da Voreux. Na conversa, ao fazerem referência ao orçamento quinzenal da família os Maheu testemunham a insuficiência do mesmo para suprir suas necessidades básicas, resultando no endividamento dos mesmos e na preocupação com o que comeriam o resto da semana se a mulher não conseguisse crédito junto à Maigrat, o dono do armazém favorecido pela Companhia, ou algum dinheiro doado pelos burgueses. A conclusão de Maheu, que insiste que a reclamação é inútil e que adiantaria mais ir trabalhar, revela que as relações de trabalho entre os mineiros e a Companhia de Minas de Montsou se caracterizam pela exploração da mão-de-obra dos mineiros sem que haja, em contrapartida, o pagamento de um mínimo necessário para garantir a sobrevivência dos mesmos. O resultado dessa relação é um quadro de miséria e fome do qual se beneficia a Companhia, pois impede que os mineiros rompam as relações de trabalho com a mesma tendo em vista o fato de que caso isso aconteça a morte por inanição é provavelmente um destino certo para o operário.

Às queixas da mulher, que discute com o marido sobre uma forma de conseguir comida para passar o resto da semana, quando receberiam o pagamento pela quinzena de trabalho, se juntam aos gritos e ao choro de Estelle, a mais nova das crianças Maheu, que

-Hein? tu sais, je suis sans le sous, et nous voici à lundi seulement: encore six jours à attendre la quinzaine... Il n'y a pas moyen que ça dure. À vous tous, vous apportez neuf francs. Comment veux-tu que j'arrive: nous sommes dix à la maison.

- Oh! neuf francs! se recria Maheu. Moi et Zacharie, trois: ça fait six... Catherine et le père deux: ça fait quatre; quatre et six, dix... Et Jeanlin un, ça fait onze.

- Oui, onze, mais il y a les dimanches et les jours de chômage... Jamais plus de neuf, entends-tu? Il ne répondit pas, occupé à chercher par terre sa ceinture en cuir. Puis, il dit en se relevant:

- Faut pas se plaindre, je suis tout de même solide. Il y en a plus d'un, à quarante-deux ans, qui passe au raccommodage.

- Possible, mon vieux, mais ça ne nous donne pas du pain... Qu'est-ce que je vais fiche, dis? Tu n'as rien, toi?

- J'ai deux sous.

- Garde-les pour boire une chope... Mon Dieu! Qu'est-ce que je vais fiche? Six jours, ça n'en finit plus. Nous devons soixante francs à Maigrat, qui m'a mise à la porte avant-hier. Ça ne m'empêchera pas de retourner le voir. Mais, s'il s'entête à refuser...

[...]

- Tiens! prends-la, je l'écraserais... Nom de Dieu d'enfant! ça ne manque rien, ça tête, et ça se plaint plus haut que les autres.

[...]

- Est-ce que les bourgeois de la Piolaine ne t'ont pas dit d'aller les voir? reprit le père au bout d'un silence.

[...]

- Oui, ils m'ont rencontrée, ils portent des vêtements aux enfants pauvres... Enfin, je mènerai ce matin chez eux Lénore et Henri. S'ils me donnaient cent sous seulement.

[...]

- Qu'est-ce que tu veux? c'est comme ça, arrange-toi pour la soupe... Ça n'avance à rien d'en causer veut mieux être là-bas au travail.

- Bien sûr, répondit la Maheude. Souffle la chandelle, je n'ai pas besoin de voir la couleur de mes idées."

apesar de não compreendidos pelo pai, estão alinhados ao discurso de Étienne, Boa Morte, Maheu e sua esposa, assegurando, dessa forma, sua existência comum. Na passagem, elementos naturais e sociais agem de forma solidária na composição desse sujeito coletivo que é o operário: Estelle, apesar de ter uma dieta composta quase que exclusivamente pelo aleitamento materno e sempre ter leite à disposição, grita e chora, queixando-se mais alto que os outros que vivem sob a ameaça constante da fome. Ora, apesar das palavras do pai, seu choro não é desmotivado; sem comida para suprir suas carências básicas de nutrientes - a família inteira tem uma aparência anêmica⁶⁷ -, o leite da mãe é incapaz de saciar a própria filha que sente fome não por sua falta, mas porque o mesmo não supre suas necessidades fisiológicas. Logo, o problema da hereditariedade, elemento crucial na composição dos personagens do romance naturalista, é explicado, sobretudo, por um elemento social. O trabalho, apesar de árduo, como revela toda a primeira parte do romance, não paga o suficiente para que os mineiros consigam se proteger contra as adversidades do mundo natural. Seu discurso, repetido até no choro da bebê, denuncia sua condição de famintos.

Da mesma forma, como veremos a seguir, a relação das personagens com o espaço, dá às mesmas travo de classe quando nos atentamos para o fato de que diante dos perigos do mundo natural, é possível identificar no romance uma classe de personagens vulneráveis a seus rigores e outra que, devido a seu revestimento material, nem toma conhecimento dos mesmos. Nesse sentido, a abertura do romance é essencial para a compreensão da relação entre os carvoeiros e o espaço de Montsou:

Na planície rasa, sob uma noite sem estrelas e de uma escuridão densa como tinta, um homem seguia só a grande estrada de Marchiennes à Montsou [...] Diante dele, não se via nem mesmo o solo negro, e apenas o sopro dos ventos de março, rajadas fortes como que vindas do mar, geladas por terem varrido léguas de pântanos e terras nuas, era capaz de fazê-lo sentir o imenso horizonte achatado. Nenhuma sombra de árvore manchava o céu, o calçamento se desenrolava com a retidão de um quebra-mar, em meio à sombra ofuscante da terra.

O homem havia partido de Marchiennes às duas horas. Ele caminhava a passos largos, tremendo sob o algodão puído de sua jaqueta e de sua calça de veludo. Um pequeno pacote, amarrado por um lenço xadrez, muito o incomodava; e ele o apertava contra seus flancos, hora com um cotovelo, hora com outro para enfiar no fundo de seus bolsos as duas mãos de uma vez, mãos entorpecidas que as correntes do vento leste faziam sangrar. Uma só ideia ocupava sua mente de operário sem trabalho e sem abrigo, a

⁶⁷ A descrição de Zacharie é reveladora: “Ele era magro, desengonçado, de rosto longo e sujo por alguns raros pêlos de barba, com seus cabelos loiros e a palidez anemia de toda a família.” (*Idem*, p. 75)

esperança de que o frio seria menos vivo depois do nascer do dia.⁶⁸ (ZOLA, 2013, p. 59-60)

Na passagem acima, lemos a chegada do personagem principal à região de Montsou, ainda sem sabermos exatamente quem ele é. As precisões a seu respeito são dadas na medida de sua interação com o espaço romanesco, permitindo que o leitor descubra tanto um quanto o outro através das informações sobretudo sensoriais que emergem dessa relação - método vastamente utilizado no romance pois o desaparecimento do narrador por trás do olhar de seus personagens, como atesta a passagem acima, que tornam-se os focalizadores da cena, permite que o mesmo informe ao leitor sobre o mundo habitado por esses homens que toma a forma de uma sociedade fragmentada cuja apreensão em sua totalidade só é possível quando se dispõe de um mosaico de perspectivas acionadas e mobilizadas à medida em que se desenvolve a narração. Dessa forma, a partir desse movimento dialético de referencialização - do espaço pela personagem e da personagem pelo espaço - o leitor é informado de que o homem é um operário pobre, desempregado e sem teto pois o frio intenso e as fortes rajadas de vento atravessam suas roupas puídas, fazem sangrar suas mãos e provocam um só pensamento: a esperança de um novo dia menos frio. Efeito contínuo, o caráter ameaçador do mundo é informado pelos seus efeitos sobre o viajante.

Mais adiante, no mesmo capítulo, a personagem vai encontrar o poço de uma mina onde um trabalhador maneja uma charrete puxada por um cavalo e numa interação entrecortada pelo vento e pelos ataques de tosse do mesmo, o herói finalmente será nomeado:

Então, o homem reconheceu um poço. Ele foi tomado de vergonha: o que tem de bom nisso? Não haverá trabalho. Em vez de se dirigir às construções, ele se arriscou, enfim, a escalar um terreno onde ardiam três fogueiras a carvão, feitas em latas de ferro, para clarear e aquecer o trabalho. Os operários encarregados do desterro deveriam ter trabalhado até mais tarde, os entulhos inúteis ainda eram retirados. Agora, ele ouvia os descarregadores empurrando os trens sobre os trilhos, ele distinguia as sombras vivas revirando os vagonetes perto de cada fogo.

- Bom dia, disse ele, se aproximando dos latões.

⁶⁸ “Dans la plaine rase, sous la nuit sans étoiles, d’une obscurité et d’une épaisseur d’encre, un homme suivait seul la grande route de marchiennes à Montsou, dix kilomètres de pavé coupant tout droit, à travers les champs de betteraves. Devant lui, il ne voyait même pas le sol noir, et il n’avait la sensation de l’immense horizon plat que par les souffles du vent de mars, des rafales larges comme sur une mer, glacées d’avoir balayé des lieux de marais et de terres nues. Aucune ombre d’arbre ne tachait le ciel, le pavé se déroulait avec la rectitude d’une jetée, au milieu de l’embrun aveuglant des ténèbres.

L’homme était parti de Marchiennes vers deux heures. Il marchait d’un pas allongé, grelottant sous le coton aminci de sa veste et de son pantalon de velours. Un petit paquet, noué dans un mouchoir à carreaux, le gênait beaucoup; et il le serrait contre ses flancs, tantôt d’un coude, tantôt de l’autre, pour glisser au fond de ses poches les deux mains à la fois, des mains gourdes que les lanières du vent d’est faisaient saigner. Une seule idée occupait sa tête vide d’ouvrier sans travail et sans gîte, l’espoir que le froid serait moins vif après le lever du jour.”

Virando as costas para o fogo, o charreteiro estava de pé, um velho vestido com um tricô de lã violeta e usando um chapéu de pêlo de coelho; enquanto seu cavalo, um grande cavalo amarelado, esperava, imóvel como uma pedra, que esvaziassem os seis vagonetes que ele havia levado à superfície. [...] E lá em cima, o vento redobrava, uma brisa glacial, cujas rajadas regulares cortavam como golpes de foice.

- Bom dia, respondeu o velho.

Um silêncio se fez. O homem, que se sentia observado por um olhar desconfiado, disse logo seu nome.

- Eu me chamo Étienne Lantier, sou maquinista... Não teria um trabalho por aqui?

As chamadas iluminavam, ele devia ter vinte e um anos, cabelos bem negros, um homem bonito, de aparência forte apesar de seus membros magros.

- Trabalho para um maquinista, não, não... Dois já se apresentaram ontem. Não há nada.

Uma rajada de vento cortou a conversa. Depois, Étienne perguntou, mostrando um conjunto de sombras de construções no pé da colina.

- É uma mina, não é?

Dessa vez, o velho não pode responder. Um violento acesso de tosse o sufocava. Enfim, ele cuspiu, e seu cuspe, sobre o solo púrpura, deixou uma mancha negra.⁶⁹ (ZOLA, 2013, p.60-62)

Assim, buscando abrigo contra o frio, Étienne é levado a subir um terreno em que estão dispostos latões de ferro onde queimam pedaços de carvão usados para aquecer os trabalhadores, pouco protegidos do frio por suas roupas de trabalho - uma blusa de lã e um chapéu de pêlo de coelho, no caso do charreteiro, mas a má qualidade das vestimentas é característica comum dessa classe, reiterada outras vezes nessa primeira parte da narrativa⁷⁰ - e para iluminar o lugar ainda imerso na escuridão. Ali, em cima do morro iluminado pelo fogo, novamente, pela interação das personagens com o ambiente, é que o

⁶⁹ Alors, l'homme reconnut une fosse. Il fut repris de honte: à quoi bon? il n'y aurait pas de travail. Au lieu de se diriger vers les bâtiments, il se risqua enfin à gravir le terri sur lequel brûlaient les trois feux de houille. dans des corbeilles de fonte, pour éclairer et réchauffer la besogne. Les ouvriers de la coupe à terre avaient dû travailler tard, on sortait encore les déblais inutiles. Maintenant, il entendait les moulineurs pousser les trains sur les tréteaux, il distinguait des ombres vivantes culbutant les berlines, près de chaque feu.

- Bonjour, dit-il en s'approchant d'une des corbeilles.

Tournant le dos au brasier, le charretier était debout, un vieillard vêtu d'un tricô de laine violette, coiffé d'une casquette en poil de lapin; pendant que son cheval, un gros cheval jeune, attendait, dans une immobilité de pierre, qu'on eût vidé les six berlines montées par lui. [...] Et là-haut, le vent redoublait, une bise glaciale, dont les grandes haleines régulières passaient comme des coups de faux

- Bonjour, répondit le vieux.

Un silence se fit. L'homme, qui se sentait regardé d'un œil méfiant, dit son nom tout de suite.

- Je me nomme Étienne Lantier, je suis machiniste... Il n'y a pas de travail ici?

Les flammes l'éclairaient, il devait avoir vingt et un ans, très brun, joli homme, l'air fort malgré ses membres menus.

[...]

- Du travail pour un machineur, non, non... Il s'en est encore présenté deux hier. Il n'y a rien.

Une rafale leur coupa la parole. Puis Étienne demanda en montrant le tas sombre des constructions, au pied du terri:

- C'est une fosse, n'est-ce pas?

Le vieux, cette fois, ne put répondre. Un violent accès de toux l'étranglait. Enfin, il cracha, et son crachat, sur le sol empourpré, laissa une tâche noire."

⁷⁰ Vestidos por um tecido fino, eles tremiam de frio, sem se apressar muito, dispersos ao longo da rua, numa marcha de rebanho. (ZOLA, 2013, 83) / Os carvoeiros levantaram os ombros, cruzaram os braços e partiram [...] sob o tecido fino de suas roupas. (*ibidem*, p.133)

narrador descreve o herói que, antes, envolvido pela noite escura e sem outra personagem a quem usar como focalizador, não fora descrito segundo suas características físicas, mas por aquelas de ordem socioeconômica como revelado acima. Ainda no trecho citado, como acontecerá durante quase todo o primeiro capítulo, o vento e o frio participam da cena como antagonistas dos dois operários, que tentam conversar e não conseguem, o que nos leva novamente a, por isotopia, associar Étienne e Boa Morte ao personagem coletivo dos mineiros, pois ambos são vulneráveis às intempéries e aos perigos do espaço romanesco pela ausência de um revestimento material que os permitisse contornar as barreiras impostas pelo espaço e continuar sua conversa. O velho Boa Morte, nomeado pela primeira vez na passagem seguinte, é a prova viva dos riscos que correm os operários da Companhia de Minas de Montsou. Seu apelido foi dado justamente pelo fato de ele ter sobrevivido a vários acidentes na mina, como revela a passagem abaixo:

O descarregador, depois de esvaziar os vagonetes, se assentou no chão, feliz com o acidente; ele que guardava sua selvageria muda, havia simplesmente levantado o olhar apagado para o charreteiro, como que incomodado por tanta conversa. Esse último, de fato, não falava muito habitualmente. Era preciso que o semblante do desconhecido o convencesse e que ele fosse tomado por um desses acessos de confiança, que fazem, às vezes, falar sozinhas e em voz alta, as pessoas mais velhas.

- Eu, disse ele, sou de Montsou, e me chamo Boa Morte.

- É um apelido? Perguntou Étienne espantado.

O velho deu um risinho de escárnio mostrando a Voreux

- Sim, sim... Já me tiraram três vezes de lá de dentro, em pedaços; uma vez com todos os pêlos chamuscados, uma outra com terra até a guela, a terceira com a barriga cheia d'água como uma rã... Aí, quando eles perceberam que eu não queria morrer, passaram a me chamar de Boa Morte de brincadeira.

Sua risada redobrou, um rangido de polia mal engraxada, que acabou terminando num acesso terrível de tosse. O latão com fogo, agora, iluminava inteiramente sua cabeça, com cabelos brancos e raros, o rosto achatado, de uma palidez lívida, maculada de manchas azuis. Ele era pequeno, tinha um pescoço enorme, as panturrilhas e os tornozelos afastados, braços longos dos quais caíam as mãos que chegavam-lhe aos joelhos. De resto, como seu cavalo que estava de pé e imóvel, sem aparentar sofrer com o vento, ele parecia feito de pedra, não aparentava sofrer com o frio e nem com o vento que assobiava em suas orelhas. Depois de tossir, arranhando a garganta com um pigarro profundo, cuspiu ao pé do latão, e a terra escureceu.

[...]

Enquanto ele falava, pedaços de carvão em brasa, que, de vez em quando, pulavam no chão, iluminavam sua cara pálida de um reflexo sangrento.

- Eles me mandaram parar, continuou ele. Eu é que não quero, eles acham que sou besta! Vou continuar por dois anos, até os sessenta, para ter a pensão de cento e oitenta francos. Se eu me despedir agora, eles me dariam a de cento e cinquenta. Esses sujeitos são espertos!... Além do mais, eu estou sólido, tirando as pernas. É, veja você, a água que me entrou pela pele de tanto ter sido encharcado nas galerias. Há dias em que eu não posso mover uma pata sem gritar.

Uma crise o interrompeu outra vez.

- E isso o faz tossir também? disse Étienne.

Mas ele respondeu violentamente que não com a cabeça, Depois, quando ele pôde falar:

- Não, não, eu me resfriei um mês atrás. Eu nunca tinha tossido antes, agora não posso mais parar... E o engraçado é que eu cuspo, é que eu cuspo... Um pigarro veio de sua garganta e ele cuspiu negro.
 - É sangue? Perguntou Étienne, ousando finalmente o questionar. Lentamente Boa Morte limpou a boca com as costas da mão.
 - É carvão... Eu tenho na carcaça o suficiente para me esquentar até o fim dos dias. E olha que tem cinco anos que eu não coloco os pés no fundo. Eu tinha isso em estoque, sem dúvida. Bah! Isso conserva.⁷¹
- (ZOLA, 2013, pp. 65-68)

A violência aguda com a qual o frio e o vento ferem as mãos de Étienne é da mesma ordem daquela que quase matou Boa Morte. Ambos são açoitados e ameaçados pelos rigores da natureza devido a sua condição social. Se, no caso do jovem, sua condição de desempregado o deixa à mercê do frio e da fome; o velho mineiro, obrigado a trabalhar a vida inteira na mina para contornar a fome que constantemente o ameaça, carrega na pele as marcas dos acidentes que sofreu, nos ossos o reumatismo causado pela contínua

⁷¹ “Le manœuvre, après avoir vidé les berlines, s’était assis à terre, heureux de l’accident; et il gardait sa sauvagerie muette, il avait simplement levé de gros yeux éteints sur le charretier, comme gêné par tant de paroles. Ce dernier, en effet, n’en disait pas si long d’habitude. Il fallait que le visage de l’inconnu lui convînt et qu’il fût pris d’une de ces démangeaisons de confidences, qui font parfois causer les vieilles gens tout seuls, à haute voix.

- Moi, dit-il, je suis de Montsou, je m’appelle Bonnemort, pour rire.

- C’est un surnom? demanda Étienne étonné.

Le vieux eut un ricanement d’aise, et montrant le Voreux:

- Oui, oui... On m’a retiré trois fois de là-dedans en morceaux, une fois avec tout le poil roussi, une autre avec de la terre jusque dans le gésier, la troisième avec le ventre gonflé d’eau comme une grenouille... Alors, quand ils ont vu que je ne voulais pas crever, ils m’ont appelé Bonnemort pour rire. Sa gaieté redoubla, un grincement de poulie mal graissé, qui finit par dégénérer en un accès terrible de toux. La corbeille de feu, maintenant, éclairait en plein sa grosse tête, aux cheveux blanc et rares, à la face plate, d’une pâleur livide, maculée de taches bleuâtres. Il était petit, le cou énorme, les mollets et les talons en dehors, avec de longs bras dont les mains carrés tombaient à ses genoux. Du reste, comme son cheval qui demeurait immobile sur les pieds, sans paraître souffrir du vent, il semblait en pierre, il n’avait l’air de se douter ni du froid ni des bourrasques sifflant à ses oreilles. Quand il eut toussé, la gorge arrachée par un raclement profond, il cracha au pied de la corbeille et la terre noircit.

[...]

Tandis qu’il parlait, des morceaux de houille enflammés, qui, par moments, tombaient de la corbeille, allumaient sa face blême d’un reflet sanglant.

- Ils me disent de me reposer, continua-t-il. Moi, je ne veux pas, ils me croient trop bête!... J’irai bien deux années, jusqu’à ma soixantaine, pour avoir la pension de cent quatre-vingts francs. Si je leur souhaitais le bonsoir aujourd’hui, ils m’accorderaient tout de suite celle de cent cinquante. Ils sont malins, les bougres!... D’ailleurs, je suis solide, à part les jambes. C’est, voyez-vous, l’eau qui m’est entrée sous la peau, à force d’être arrosé dans les tailles. Il y a des jours où je ne peux pas remuer une patte sans crier.

Une crise de toux l’interrompit encore.

- Et ça vous fait tousser aussi? dit Étienne.

Mais il répondit non de la tête, violemment. Puis, quand il put parler:

- Non, non, je me suis enrhumé, l’autre mois. Jamais je ne toussais, à présent je ne peux plus me débarrasser... Et le drôle, c’est que je crache, c’est que je crache...

Un raclement monta de sa gorge, il cracha noir.

- Est-ce que c’est du sang? demanda Étienne, osant enfin le questionner.

Lentement Bonnemort s’essuyait la bouche d’un revers de main.

- C’est du charbon... J’en ai dans la carcasse de quoi me chauffer jusqu’à la fin de mes jours. Et voilà cinq ans que je ne remets pas les pieds au fond. J’avais ça en magasin, paraît-il, sans même m’en douter. Bah! ça conserve!”

exposição à água e nos pulmões o pó do carvão que se transforma em secreção e mancha a terra de negro a cada acesso de tosse. O trabalho, que só não o mata por sua teimosia em querer viver equivale ao vento e ao frio que ameaçam a vida do recém chegado e, apesar de também servir de meio de subsistência, seus ganhos quase não são suficientes para comer, como atesta o discurso tautológico das personagens analisado acima; o fundo da mina ameaça de morte o operário que todos os dias desce sem saber o que os poderá matar - se a água dos lençóis que ameaça inundar os túneis, o fogo produzido pela inflamação do gás, chamado grisú, que resulta da extração, ou a terra dos desmoronamentos, tão comuns no fundo da mina.

Conseqüentemente, são os próprios personagens que chegam a tal conclusão no quarto capítulo da primeira parte do romance, enquanto esperam o fim de uma manobra cujo objetivo era descer um cavalo ao fundo da mina para que o mesmo trabalhasse puxando os vagões carregados de carvão entre seus túneis. Reunidos em frente ao elevador usado para subir e descer os carvoeiros ao fundo de um poço de quase seiscentos metros de profundidade, dois personagens que trabalham com o filho de Boa Morte, o carvoeiro Maheu, contam da ameaça feita por Négrel, engenheiro da companhia e sobrinho do diretor, de mudar a forma de pagamento dos mineiros, abaixando o preço do vagão de carvão e pagando o trabalho de escoramento à parte, com o objetivo de fazê-los se dedicar mais ao trabalho que negligenciavam a fim de se concentrar na extração atividade da qual realmente retiravam seus ganhos.

Mas o descontentamento aumentava, Chaval e Levaque contavam as ameaças do engenheiro, o vagão com o preço mais baixo, e o escoramento pago à parte; e o projeto era acolhido com exclamações, uma rebelião germinava naquele lugar estreito, à quase seiscentos metros abaixo do solo. Rápido, as vozes não se contiveram mais, esses homens imundos de carvão, enregelados pela espera acusavam a Companhia de matar, no fundo da mina, a metade dos operários e de fazer morrer de fome a outra.⁷² (ZOLA, 2013, p.128)

O trabalho na mina é de fato extenuante e extremamente perigoso. Os mineiros, que na superfície estão vulneráveis às ameaças da natureza⁷³, pois suas roupas não são próprias para enfrentar os rigores do inverno e seu dinheiro não dá para matar a fome; no fundo da mina, estão ainda mais suscetíveis aos perigos da mesma, como provam as descrições aterrorizantes do trabalho nas veias da Voreux. Centenas de metros abaixo do solo, o trabalho é desumanizador e, ao longo do expediente, os carvoeiros se desfazem do

⁷² “Mais le mécontentement grandissait, Chaval et Levaque racontaient la menace de l'ingénieur, la berline baissé de prix, le boisage payé à part; et des exclamations accueillait ce projet, une rébellion germait dans ce coin étroit, à près de six cents mètres sous la terre. Bientôt, les voix ne se continrent plus, ces hommes souillés de charbon, glacés par l'attente accusèrent la Compagnie de tuer au fond une moitié de ses ouvriers, et de faire crever l'autre moitié de faim.”

⁷³ Quando falamos de mundo natural, estamos também considerando as necessidades fisiológicas de todo ser humano e todo animal, como por exemplo a fome.

pouco revestimento material que aponte para o seu pertencimento a um mundo civilizado (roupas, relógios e mesmo materiais de proteção, como capacetes, são dispensados pelos personagens); no tempo de um expediente de trabalho os mesmos, já tão acostumados com a lida no fundo da mina, dispensam seus relógios pois sabem tão instintivamente a hora de parar quanto os cavalos que puxam os vagões nas veias, trabalham nus para enfrentar o calor e aos poucos vão sendo absorvidos pelo ambiente, de onde retiram o carvão que se acumula sobre eles, tinge-os de preto, e vão sendo pouco a pouco absorvidos pelo mundo subterrâneo, emparedados pelo produto de seu trabalho, como revelam as passagens a seguir:

A rolagem foi retomada em todos os nove andares, não se ouvia nada além dos chamados regulares dos operários e o grunhido das gradadoras que chegavam ao plano, suadas como jumentos sobrecarregados. Era o sopro de bestialidade que exalava na mina, o desejo súbito do macho, quando um mineiro encontrava uma dessas meninas à quatro patas, o lombo para cima, com as ancas espremidas por suas calças de meninos.⁷⁴ (ZOLA, 2013, p.107)

Todos os quatro estavam nus, confundidos com o carvão, ensopados por uma lama negra que os cobriam da cabeça aos pés. Certo momento, foi preciso retirar Maheu que xingava, retirar as tábuas para deixar rolar o carvão sobre a veia.⁷⁵ (*Idem*, p.108)

Maheu tinha um relógio que ele nem se dava ao trabalho de consultar. No fundo desta noite sem astros, ele não se enganava nem em cinco minutos.⁷⁶ (*Idem*, p.108)

Logo, a relação entre as personagens e o espaço natural nos permite avançar na definição da personagem coletiva do operário que, pela ausência de um revestimento material adequado, está sempre sujeito aos perigos decorrentes dos rigores da natureza que com eles interage impondo-se como obstáculo a sua existência, afastando-os do mundo civilizado, e estimulando seu caráter bestial. Logo, natureza e cultura se unem como antagonistas à existência mesma dos mineiros que vivem entre a cruz e a espada, correndo risco de morte seja pela fome, seja pelo trabalho - este que por sua vez será a fonte da riqueza de seus antagonistas.

Da mesma maneira, seguindo esse processo de definição das personagens coletivas por isotopias partilhadas por certos atores individuais do romance, temos no outro

⁷⁴ “Le roulage reprit aux neuf étages, on n’entendit plus que les appels réguliers des galibots et que l’ébrouement des herscheuses arrivant au plan, fumantes comme des juments trop chargées. C’était le coup de bestialité qui soufflait dans la fosse, le désir subit du mâle, lorsqu’un mineur rencontrait une de ces filles à quatre pattes, les reins en l’air, crevant de ses hanches sa culotte de garçon.”

⁷⁵ “Tous les quatres étaient nu, confondus dans la houille, trempés d’une boue noire jusqu’au béguin. Un moment, il avait fallu dégager Maheu qui râlait, ôter les planches pour faire glisser le charbon sur la voie.”

⁷⁶ “Maheu avait une montre qu’il ne regarda même pas. Au fond de cette nuit sans astre, jamais il ne se trompait de cinq minutes.”

extremo desse conflito, o personagem coletivo que se associa ao núcleo do “capital”: os burgueses⁷⁷ que, discursivamente, também se definem por sua relação com a comida e com o mundo das coisas. Neste caso, ao contrário dos operários, os burgueses de Montsou vivem uma vida de ócio e fartura revestida de todo um aparato material que os protege das ameaças do mundo natural. Desse modo, não é sob o signo do elemento fome que somos levados a associar os sujeitos individuais a tal classe de personagens, mas sob o das conversas que eles travam quando se reúnem para fazer suas refeições que, diferentemente das realizadas nos cortiços, são marcadas pela abundância de comida.

As cenas de refeição são marcadas não pela falta de provisões e pelas repercussões de uma carência alimentar severa para a integridade fisiológica das personagens, mas pela abundância de alimentos. Nesse sentido, é a função social e não nutricional dos mesmos que é evidenciada pela narrativa. Em *Germinal*, ao contrário do que acontece com os carvoeiros a maior parte do tempo, as cenas em que as personagens burguesas aparecem fazendo suas refeições são sobretudo momentos de socialização; a construção do personagem coletivo burguês se dá, então, pela associação das personagens individuais que se caracterizam pela relação que estabelecem entre os alimentos e momentos de interação social.

No primeiro capítulo da segunda parte, por exemplo, após ter narrado todo um dia de trabalho na Voreux - que havia começado às quatro da manhã - o narrador deve voltar algumas horas no tempo para narrar o acordar na casa dos Grégoire, distante dois quilômetros da cidade de Montsou. Da cena participam a Sra. Grégoire e a cozinheira da família, Honorine, na sala aquecida por um aquecedor e pelo calor de uma lareira e decorada com uma grande mesa, cadeiras, um buffet de mogno, além de duas poltronas onde se assentava a mulher e seu marido durante suas longas e agradáveis digestões⁷⁸; as mulheres discutem o que fazer para o café da manhã, entretanto, sua preocupação não tem nada a ver com a satisfação de uma necessidade vital, como se vê a seguir, as mulheres estão preocupadas apenas com prazer de Cécile, a jovem filha do casal que ainda dormia:

Enquanto seu marido tinha ido ver, assim que acordou, se o vento não tinha estragado nada, a Sra. Grégoire acabara de descer até a cozinha, de chinelos e um pequeno roupão de flanela. Pequena, gorda, em seus

⁷⁷ Ao falarmos da burguesia, para evitar de dar um nome muito extenso ao sujeito coletivo do qual tratamos, as classes médias a seu serviço que devem ser consideradas como contempladas por essa nomenclatura pois segundo sua função no romance se caracterizam por agirem como antagonistas dos mineiros, apesar de possuírem traços individuais que os diferenciam dos burgueses. Ao contrário dos Grégoire, por exemplo, que vivem do ócio e da renda gerada pelas ações da companhia das quais dispõem, o diretor e o engenheiro, ainda que muito pouco, trabalham - o último mais que o primeiro - mas seu trabalho é justamente zelar pelos interesses do capital.

⁷⁸ Malgré la calorifère qui chauffait la maison, un feu de houille égayait cette salle. Du reste, il n'y avait aucun luxe: la grande table, les chaises, un buffet d'acajou; et seuls, deux fauteuils profonds trahissaient l'amour du bien-être, les longues digestions heureuses. (ZOLA, 2013, p. 147)

cinquenta anos, ela ostentava um rosto rechonchudo e surpreendente, sob a brancura radiante de seus cabelos.

- Mélanie, disse ela à cozinheira, e se você fizesse o brioche essa manhã, já que a massa está pronta. A senhorita só vai se levantar daqui cerca de meia hora, e ela o comerá com seu chocolate... Hein! Vai ser uma surpresa.

A cozinheira, uma mulher velha e magra que os servia havia trinta anos, começou a rir.

- Isso é verdade, será uma grande surpresa... Meu forno está aceso, ele já deve estar quente; além disso Honorine vai me ajudar.⁷⁹ (ZOLA, 2013, p.146)

Significativamente diferente do que acontece na casa dos Maheu, onde a Maheude e sua filha, num casebre quase vazio de móveis e pouco aquecido por um fogo de carvão duro e difícil de acender⁸⁰, se preocupam com o que devem fazer para que ninguém em casa fique sem comer⁸¹, o desjejum na casa dos burgueses, remete ao conforto no qual vivem os personagens, que, sem hora para trabalhar, pois viviam de renda, e gozando de uma abundância de provisões, se preocupam apenas em agradar a filha.

Num outro momento, todos aqueles que integram a personagem coletiva dos burgueses reunidos na casa dos Hennebeau, conversam diante de um copioso banquete em que o único que é descrito comendo é o Sr. Grégoire e, mesmo assim, o personagem o faz com o objetivo de fazer troça das reivindicações dos mineiros em greve, e não para matar a fome:

- Droga! Disse o Sr. Hennebeau contrariado, olhando pela janela de onde era possível enxergar a estrada. Ninguém precisa saber que temos visita essa manhã.

- Aqui está um grande salsichão que eles não comerão, declarou o Sr. Grégoire.

Os risos recomeçaram, mas mais discretos. Os convivas estavam confortáveis nessa sala cheia de tapeçarias flamengas e mobiliada com baús

⁷⁹ "Et pendant que son mari était allé voir tout de suite si le vent n'avait pas fait de dégâts, Mme Grégoire venait de descendre à la cuisine, en pantoufles et en peignoir de flanelle. Courte, grasse, âgée déjà de cinquante-huit ans, elle gardait une grosse figure poupline et étonnée, sous la blancheur éclatante de ses cheveux.

- Mélanie, dit-elle à la cuisinière, si vous faisiez la brioche ce matin, puisque la pâte est prête. Mademoiselle ne se lèvera pas avant une demi-heure, et elle mangerait avec son chocolat...Hein! ce serait une surprise.

La cuisinière, vieille femme maigre qui les servait depuis trente ans, se mit à rire.

- Ça c'est vrai, la surprise serait fameuse... Mon fourneau est allumé, le four doit être chaud; et puis, Honorine va m'aider un peu."

⁸⁰ En bas, Catherine s'était d'abord occupée du fer, la cheminée de fonte à grille centrale, flanquée de deux fours, et où brûlait constamment un feu de houille. La Compagnie distribuait par mois, à chaque famille, huit hectolitres d'escaillage, charbon dur ramassé dans les voies. Il s'allumait difficilement, et la jeune fille qui couvrait le feu chaque soir, n'avait qu'à le secouer le matin, en ajoutant des petits morceaux de charbon tendre, triés avec soin. (ZOLA, 2013, p. 80-81)

⁸¹ Tous les quattres, debout, mal éclairés par la chandelle fumeuse, avalaient en hâte.

- Y sommes-nous à la fin! dit le père. On croirait qu'on a des rente!

Mais une voix vint de l'escalier, dont ils avaient laissé la porte ouverte. C'était la Maheude qui criait.

- Prenez tout le pain, j'ai un peu de vermicelle pour les enfants!

- Oui, oui! répondit Catherine.

Elle avait recouvert le feu, en calant sur un coin de la grille, un restant de soupe, que le grand-père trouverait chaude, lorsqu'il rentrerait à six heures. Chacun prit sa paire de sabots sous le buffet, se passa la ficelle de sa gourde à l'épaule, et fourra son briquet dans son dos, entre la chemise et la veste. (*Ibidem*, p. 82-83)

de carvalho. Peças de prata brilhavam por trás dos vitrais dos armários [...] Do lado de fora, uma brisa do nordeste gelava aquela manhã de dezembro. Mas nem um sopro entrava, era um calor de estufa que fazia exalar um odor fino de um abacaxi, cortado no fundo de uma tigela de cristal.

- E se fechássemos as cortinas? propôs Négrel, a quem a ideia de aterrorizar os Grégoire agradava.

[...] A partir de então foram só brincadeiras: não se baixava uma taça ou um garfo sem tomar precauções; elogiava-se cada prato como algo precioso salvo da pilhagem de uma cidade conquistada...

Depois dos ovos cozidos com trufas, vieram as trutas do rio. A conversa se desviou para crise industrial que, há dezoito meses, se agravava.⁸² (ZOLA, 2013, p. 308-309)

Assim, a refeição torna-se pretexto para piadas sobre a greve e uma conversa sobre a crise industrial e o diálogo entre as personagens, que toma quase todo o primeiro capítulo da quarta parte do romance, dedicado ao almoço na casa do diretor, diferentemente do que acontece com as refeições junto aos mineiros - passagens curtas e de conversas entrecortadas pelo próprio ato de comer e a satisfação de outras necessidades fisiológicas⁸³ -, avança fazendo com que a refeição fique em segundo plano, e servindo de traço diferenciador entre as duas classes, pois aos burgueses podemos associar o traço de civilização representado pelo momento de socialização, algo que falta aos mineiros que apenas satisfazem seus apetites.

Da mesma forma, a passagem acima revela, segundo descrição da casa dos Hennebeau, como a capacidade de consumo dos burgueses é elemento essencialmente diferenciador entre as duas classes do romance. Se a quantidade de móveis e utensílios revela-se uma característica evidente para se estabelecer uma oposição entre as classes de personagens, talvez as informações de ordem sensorial sirvam de elemento chave para a realização de tal trabalho. O odor fino do abacaxi que perfuma o quente cômodo ocupado

⁸² "- Chut! dit M. Hennebeau contrarié, en regardant les fenêtres, d'où l'on voyait la route. Le pays n'a pas besoin de savoir que nous recevons ce matin.

- Voici toujours un rond de saucisson qu'ils n'auront pas, déclara M. Grégoire.

Les rires recommencèrent, mais plus discrets. Chaque convive se mettait à l'aise, dans cette salle tendue de tapisseries flamandes, meublée de vieux bahuts de chêne. Des pièces d'argenterie luisaient derrière les vitraux [...] Dehors, la journée de décembre était glacée par une aigre bise du nord-est. Mais pas un souffle n'entraînait l'odeur fine d'un ananas, coupé au fond d'une jatte de cristal.

- Si l'on fermait les rideaux? Proposa Négrel, que l'idée de terrifier les Grégoires amusait.

[...] Ce furent dès lors, des plaisanteries interminables: on ne posa plus un verre ni une fourchette, sans prendre de précautions; on salua chaque plat, ainsi qu'une épave échappée à un pillage, dans une ville conquise [...]

Après les œufs brouillés aux truffes, parurent des truites de rivière. La conversation était tombée sur la crise industrielle, qui s'aggravait depuis dix-huit mois."

⁸³ No quarto capítulo da segunda parte do romance, por exemplo, a família Maheu, depois de chegar do trabalho, come rapidamente a refeição milagrosamente preparada pela mãe que conseguiu crédito junto à Maigrat. Os filhos do casal comem rápido sem trocar muitas palavras e se lavam ali mesmo, na sala de estar. Maheu e a mulher são os únicos que conversam, o homem com seu dia e as ameaças do engenheiro de abaixar o salário dos carvoeiros, entretanto, a conversa é interrompida constantemente pelas descrições dos momentos em que o homem e seus filhos estão comendo. Finalmente, o capítulo se encerra com o banho do pai que ao final transa com sua esposa ali mesmo na sala de estar. (*Ibidem*; pp. 191-200)

pelos convivas e isolado do vento gelado de inverno aponta para a adaptação de tais personagens às ameaças do mundo natural que é, antes de tudo, uma adaptação social: os burgueses, ao contrário dos mineiros em virtude de seus objetos, de seu revestimento material, não estão vulneráveis como os últimos aos perigos que os rigores climáticos podem oferecer. Neste caso, a cultura se opõe à natureza para garantir a sobrevivência de tal classe.

De forma análoga, a descrição da casa dos Grégoire, no primeiro capítulo do romance e a conversa entre Cécile e seus pais durante o café da manhã, corroboram com tal conclusão:

A propriedade dos Grégoire, a Piolaine, se encontrava a dois quilômetros de Montsou, a leste, sobre a grande estrada de Joiselle. Era uma casa grande e quadrada, sem estilo, construída no começo do século. Das vastas terras que, no início, a integravam, restavam apenas algumas dezenas de hectares, cercados por muros e de fácil conservação. Falava-se sobretudo, de seu pomar e sua horta, célebres por suas frutas e legumes, os mais belos da região. Além disso, apesar de não ter um jardim, havia em seu lugar um pequeno bosque. A avenida de tílias, com enormes copas, plantadas por cerca de trezentos metros, que se estendia da grade até a escadaria, era uma das curiosidades do lugar...

Naquela manhã, os Grégoire se levantaram às oito horas. De costume só se levantavam uma hora mais tarde, dormindo muito, com paixão; mas naquela noite uma tempestade os enervara.⁸⁴ (ZOLA, 2013, p. 145)

A tempestade da qual fala o narrador, é a mesma que faz sangrar as mãos de Étienne que viaja pela estrada de Montsou a procura de abrigo e é ouvida pelos habitantes do cortiço duzentos e quarenta enquanto suas rajadas açoitam as cercas arrancando-as do chão⁸⁵. No segundo capítulo da primeira parte do romance, quando a tempestade assola a vila dos mineiros de Montsou, o elemento natural participa da cena como um personagem que, junto ao frio, é obstáculo à uma boa noite de sono que só é possível devido ao cansaço extremo dos operários⁸⁶. Entretanto, na cena acima, a tempestade, embora

⁸⁴ La propriété des Grégoires, la Piolaine, se trouvait à deux kilomètres de Montsou, vers l'est, sur la route de Joiselle. C'était une grande maison carrée, sans style, bâtie au commencement du siècle dernier. Des vastes terres qui en dépendaient d'abord, il ne restait qu'une trentaine d'hectares, clos de murs, d'un facile entretien. On citait surtout le verger et le potager célèbres par ses fruits et ses légumes, les plus beaux du pays. D'ailleurs, le parc manquait, un petit bois en tenait lieu. L'avenue de vieux tilleuls, une voûte de feuillage de trois cents mètres, plantée de la grille au perron, était une des curiosités de cette plaine rase...

Ce matin-là, les Grégoire s'étaient levés à huit heures. D'habitude ils ne bougeaient guère qu'une heure plus tard, dormant beaucoup, avec passion; mais la tempête de la nuit les avait énervés.

⁸⁵Au milieu des champs de blé et de betteraves, le coron des Deux-Cent-Quarante dormait sous la nuit noire. On distinguait vaguement les quatre immenses corps de petites maisons adossées, des corps de caserne ou d'hôpital, géométriques, parallèles, que séparaient les trois larges avenues, divisées en jardins égaux. Et sur le plateau désert, on entendait la seule plainte des rafales, dans les treillages arrachés des clôtures (*Ibidem*, p. 72)

⁸⁶ Chez les Maheu, au numéro 16 du deuxième corps, rien ne bougeait. Des ténèbres épaisses noyaient l'unique chambre du premier étage, comme écrasant de leur poids le sommeil des êtres que l'on sentait là, en tas, la bouche ouverte, assommés de fatigue. Malgré le froid vif du dehors, l'air

incomode, não impede os Grégoire de dormir até às oito da manhã. O fenômeno natural, apesar de mencionado pelo narrador, não é protagonista da cena, como acontece na abertura do segundo capítulo do romance que citamos em nota (ver nota 85). Do mesmo modo, mais à frente, Cécile, que acabara de acordar, ao ser perguntada se a tempestade a havia incomodado, se impressiona ao saber que havia ventado de noite e assume não ter ouvido nada⁸⁷. Logo, se por um lado o cansaço dos carvoeiros é mais forte que a força do vento e os impede de acordar, no caso dos burgueses as paredes isolam as personagens do mundo natural conferindo-lhes uma existência segura, revelando que, em *Germinal*, a formação das personagens coletivas antagônicas se dá de acordo com a divisão social do trabalho que define não apenas a atividade que elas devem realizar para o bom funcionamento das engrenagens daquela sociedade, mas também a sua vida doméstica.

Nesse mundo, a maior parte da população tem sua vida orientada em torno do elemento trabalho que determina não apenas a maneira como ocupam seu tempo (em geral trabalhando ou suprindo suas necessidades fisiológicas). Ademais, a posição que ocupam na divisão social do trabalho determina - ao não permitir que os operários transformem-se em consumidores, tendo em vista seus baixos salários, e condenando-os à pobreza - suas características físicas (seu aspecto anêmico causado pela fome, por exemplo) e sua vulnerabilidade ao mundo natural. Por outro lado, a classe dominante, que vive do fruto do trabalho dos carvoeiros de Montsou, seja como acionistas da mina, seja como titulares de altos cargos administrativos, participam dessa sociedade enquanto consumidores capazes de revestirem-se materialmente dos objetos necessários para protegê-los contra os perigos do mundo natural.

Isto posto, conclui-se que, em *Germinal*, os sujeitos coletivos se distinguem por sua maior ou menor adaptação à natureza, e tal distinção ganha trave de classe quando levamos em conta o fato de que são seus revestimentos materiais, proporcionados por sua função na divisão social do trabalho, que os permitem uma existência segura num mundo hostil do qual elementos naturais agem sobre as personagens apresentando-se como obstáculos a sua sobrevivência. Se por um lado, os carvoeiros de Montsou vivem constantemente sob a ameaça da fome e dos rigores desse espaço aterrador, por outro, os burgueses levam uma vida tranquila posto que o revestimento material que seu status social lhes confere os protege tanto contra as consequências da impossibilidade de atender aos seus imperativos fisiológicos, como contra a força dos elementos naturais que se abatem sobre a região.

alourdi avait une chaleur vivante, cet étouffement chaud des chambres les mieux ténues, qui sentaient le bétail humain. (*Ibidem*)

⁸⁷ - Mas não, disse a mãe, você não vê que estamos te esperando... Hein? Esse vento deve tê-la impedido de dormir, pobre lindinha. / A jovem menina a olhou surpresa. / - E ventou?... Eu não ouvi nada, não me mexi a noite toda. (*Ibidem*, 153)

Nesse sentido, a vulnerabilidade ao meio é uma característica compartilhada por ambos os atores coletivos do romance, sendo que a diferenciação entre os sujeitos se dá pela atribuição de características econômico-sociais - de um lado temos os carvoeiros, os despossuídos, e de outro os burgueses, os detentores tanto dos meios de produção (como os Grégoire, acionistas e Deneulin, pequeno proprietário) como dos produtos do mundo capitalista que permitem sua adaptação ao mundo natural (neste caso também participam do bem-estar proporcionado por esses produtos as classes médias a serviço da burguesia).

Tal diferenciação se manifesta na própria organização do espaço urbano de Montsou e sua periferia, lida na passagem em que a Maheude caminha do cortiço à Piolaine, propriedade dos Grégoire, no segundo capítulo da segunda parte do romance. No trecho, a mulher, abatida pelo cansaço, é acordada por sua filha Alzire e se arruma às pressas para sair de casa com os dois filhos pequenos, Lenore e Henri, em busca de algum dinheiro para a família passar a semana. A tal marcha, da Maheude e suas crianças, decorre da seguinte maneira:

Do lado de fora, a Maheude se espantou ao perceber que o vento não soprava mais. Era um degelo brusco, o céu cor de terra, os muros impregnados de uma humidade esverdeada, as estradas cheias de poças de lama, uma lama especial dessa região carbonífera, negra como fuligem dissolvida, espessa e tão peguenta onde quase deixavam os sapatos. Logo de início ela precisou dar um tapa em Lenore porque ela se divertia recolhendo a lama com suas galochas, como se elas fossem uma pá. Saindo do cortiço, ela contornou o aterro e seguiu pelo caminho do canal, pegando um atalho por ruas esburacadas, terrenos baldios fechados por cercas musgosas. Galpões se sucediam, grandes construções de fábricas, altas chaminés cuspidando fuligem, sujando essa região devastada de subúrbio industrial. Atrás de um monte de álamos, a velha fossa da Réquillart, revelava os escombros de seu campanário, do qual apenas a estrutura estava de pé. Virando à direita, a Maheude se deparou com a estrada.

- Espera! Espera! Seu porcalhão! gritou ela, eu vou te mostrar como fazer bolas de lama!

Agora, era Henri que tinha pego um punhado de lama e que a amassava. As duas crianças igualmente estapeadas, sem preferência, voltaram a se comportar olhando de rabo de olho as pegadas que eles deixavam no meio da estrada. Eles patinavam, já esgotados em razão de seus esforços para descolar as solas de seus sapatos a cada passo.

Do lado de Marchiennes, a estrada estendia por duas léguas seu asfalto, que seguia direto como uma fita mergulhada na graxa, entre as terras avermelhadas. Mas, do outro lado, ela descia bruscamente através de Montsou, construída sobre o declive de uma grande ondulação da planície. Essas estradas do Norte, que atravessavam as cidades manufatureiras, se estendiam com suas curvas suaves, subidas lentas, revelando-se pouco a pouco e fazendo de um departamento uma única cidade operária. As pequenas casas de tijolos pintados para alegrar o clima, umas amarelas, outras azuis e algumas pretas, estas sem dúvida com o objetivo de antecipar sua coloração preta final, se erguiam à esquerda e à direita, serpenteando a estrada até o fim da ladeira. Alguns grandes pavilhões de dois andares, as casas dos chefes das fábricas, se espremiavam entre as fachadas estreitas. Uma igreja, igualmente de tijolos, parecia um novo modelo de alto forno, com seu sino quadrado, já sujo de poeira de carvão. E, entre as refinarias de

açúcar, as fábricas de sapatos e de moagem, o que dominava o ambiente, eram os bares, os cafés, as lojas de bebidas, tão numerosos que contava-se quinhentos cabarés para cada mil casas.

Como ela se aproximava dos canteiros da Companhia, uma vasta série de lojas e de ateliês, a Maheude decidiu pegar Henri e Lénore pela mão, um à direita e a outra à esquerda. Mais à frente se encontrava a mansão do diretor, o Sr. Hennebeau, uma espécie de vasto chalé, separado da rua por uma grade, seguida de um jardim, onde vegetavam magras árvores. Justamente, uma carruagem estava parada em frente à porta, assim como um homem condecorado e uma dama em casaco de pele, alguma visita de que desembarcara de Paris na estação de Marchiennes; pois Mme Hennebeau, que aparecera no vestibulo, exclamou de surpresa e alegria.

[...]

Agora só restavam os burgueses da Piolaine. Se eles não dessem-na pelo menos cem tostões, a família toda poderia se entregar e definhar. Ela havia pego à esquerda o caminho da Joiselle. A administração estava na esquina da rua, um verdadeiro palácio de tijolos, onde os grandes senhores de Paris, os príncipes, os generais, e os personagens do governo, vinham todo outono oferecer grandes jantares. Ela, enquanto andava, já gastava os cem tostões: primeiro compraria pão, depois café; em seguida um quarto de manteiga, um pouco de batata, para a sopa da manhã e a ratatouille da noite; finalmente, talvez, um pouco de terrine, pois o pai precisava de carne.

[...]

E a caminhada recomeçou, na lama negra e pegajosa. Ainda havia dois quilômetros para andar, os pequenos se faziam arrastar, sem se divertir mais, consternados. À esquerda e à direita do caminho, se revelavam os mesmos terrenos vagos, fechados por tapumes cobertos de musgos, os mesmos corpos de fábricas, sujos de fumaça, com altas chaminés eriçadas. Depois, grandes campos, planícies surgiam imensas, iguais a um oceano de terras escuras, sem o mastro de uma árvore, até a linha púrpura da floresta da Vandame.

[...] Poças perfuravam a calçada, ela puxava as saias com medo de chegar muito suja. Quase caiu três vezes em virtude do calçamento escorregadio. E, quando eles chegaram, finalmente, de frente para as escadas, dois cães enormes avançaram contra eles, latindo tão forte que os pequenos começaram a gritar. Foi necessário que o cocheiro pegasse um chicote.⁸⁸(ZOLA, 2013, p. 162 - 167)

⁸⁸ "Dehors, la Maheude s'étonna de voir que le vent ne soufflait plus. C'était un dégel brusque, le ciel couleur de terre, les murs gluants d'une humidité verdâtre, les routes empoissées de boue, une boue spéciale au pays du charbon, noire comme de suie délayée, épaisse et collante à y laisser ses sabots. Tout de suite elle a dû gifler Lénore, parce que la petite s'amusait à ramasser la crotte sur ses galoches, ainsi que sur le bout d'une pelle. En quittant le coron, elle avait longé le terri et suivi le chemin du canal, coupant pour raccourcir par des rue défoncées, au milieu de terrains vagues, fermés de palissades moussues. Des hangars se succédaient de longs bâtiments d'usine, des hautes cheminées, crachant de la suie, salissant cette campagne ravagée de faubourg industriel. Derrière un bouquet de peupliers, la vieille fosse Réquillart montrait l'écroulement de son beffroi, dont les grosses charpentes restaient seules debout. Et, tournant la droite, la Maheude se trouve sur la grande route.

- Attends! Attends! sale cochon! cria-t-elle, je vais te faire rouler les boulettes!

Maintenant, c'était Henri qui avait pris une poignée de boue et qui la pétrissait. Les deux enfants, giflés sans préférence, rentrèrent dans l'ordre, en louchant pour voir les patards qu'ils faisaient au milieu des tas. Il pataugeaient, déjà éreintés de leurs efforts pour décoller leurs semelles, à chaque enjambée.

Du côté de Marchiennes, la route déroulait ses deux lieues de pavés, qui filaient droit comme un ruban trempé de cambouis, entre les terres rougeâtres. Mais, de l'autre côté, elle descendait en lacet au travers de Montsou, bâti sur la pente d'une large ondulation de la plaine. Ces routes du Nord, tirées au cordeau entre des villes manufacturières, allant avec des courbes douces, des montées lentes, se bâtissent peu à peu, tendent à ne faire d'un département qu'une cité travailleuse. Les petites maisons de briques, peinturlurées pour égayer le climat, les unes jaunes, les autres bleues, d'autres noires, celle-ci sans doute afin d'arriver tout de suite au noir final, jusqu'au bas de la pente.

Na passagem, é revelada a organização do espaço urbano de Montsou segundo a técnica narrativa já discutida acima, a saber, valendo-se da Maheude e suas crianças como personagens focalizadores, o narrador de *Germinal* descreve a cidade e suas cercanias na medida da ação da mulher que ao mesmo tempo em que age sobre o ambiente deixando pegadas na lama e avançando penosamente através dessa paisagem urbano industrial, sofre com a ação do meio que se erige como antagonista ao seu avanço. Assim, a lama das estradas e o gelo derretido de fim de inverno são os maiores obstáculos ao avanço da mulher. O barro enegrecido pela fuligem das minas e das chaminés de casas e fábricas dessa região industrial - analogamente ao carvão, à escuridão e ao calor que no fundo da mina que destituem os carvoeiros dos resquícios materiais que carregam do mundo civilizado (como suas roupas e mesmos seus relógios) e os absorvem, com se os digerissem, tornando-os parte desse mundo subterrâneo - gruda-se nos sapatos das personagens, seduz as crianças que ficam para trás para brincar com a lama, e precipita-se sobre as roupas da mulher que deve se esforçar para não ficar toda coberta com o barro das poças que deixam o solo escorregadio e quase a fazem cair. A personagem, que busca veementemente sair do isolamento do cortiço para ir ao armazém de Maigrat e à casa dos

Quelques grands pavillons à deux étages, des habitations de chefs d'usines, trouaient la ligne pressée des étroites façades. Une église, également en briques, ressemblait à un nouveau modèle de haut fourneau, avec son clocher carré, sali déjà par les poussières volantes du charbon. Et, parmi les sucreries, les corderies, les minoteries, ce qui dominait, c'était les bals, les estaminets, les débits de bières, si nombreux, que, sur mille maisons, il y avait plus de cinq cent cabarets.

Comme elle approchait des Chantiers de la Compagnie, une vaste série de magasins et d'ateliers, la Maheude se décida à prendre Henri et Lénore par la main, l'un à droite, l'autre à gauche. Au-delà, se trouvait l'hôtel du directeur, M. Hennebeau, une sorte de vaste chalet séparé de la route par une grille suivi d'un jardin où végétaient des arbres maigres. Justement, une voiture était arrêtée devant la porte, un monsieur décoré et une dame en manteau de fourrure, quelque visite débarquée de Paris à la gare de Marchiennes; car Mme Hennebeau, qui parut dans le demi-jour du vestibule, poussa une exclamation de surprise.

[...]

Maintenant, il ne lui restait que les bourgeois de la Piolaine. Si ceux-là ne lâchaient pas cent sous, on pouvait tous se coucher et crever. Elle avait pris à gauche le chemin de Joiselle. La Régie était là, dans l'angle de la route, un véritable palais de briques, où les gros messieurs de Paris, et des princes et des généraux, et des personnages du gouvernement, venaient chaque automne donner de grands dîners. Elle, tout en marchant, dépensait déjà les cent sous: d'abord du pain, puis du café; ensuite, un quart de beurre, un boisseau de pommes de terre, pour la soupe du matin et la ratatouille du soir; enfin, peut-être un peu de fromage de cochon, car le père avait besoin de viande.

[...]

Et la course recommença, dans la boue noire et collante. Il y avait encore deux kilomètres, les petits se faisaient tirer davantage, ne s'amusant plus, consternés. À droite et à gauche du chemin, se déroulaient les mêmes terrains vagues clos de palissades moussues, les mêmes corps de fabriques, salis de fumés, hérissés de cheminées hautes. Puis, en pleins champs, les terres plates s'étalèrent, immenses, pareilles à un océan de mottes brunes, sans la mâtire d'un arbre, jusqu'à la ligne violâtre de la forêt de Vandame.

[...]

Des flaques trouaient la chaussée, elle se retroussait, avec peur d'arriver trop sale. Trois fois elle faillit tomber, tant ce sacré pavé était gras. Et comme ils débouchaient enfin devant le perron, deux chiens énormes se jetèrent sur eux, en aboyant si fort, que les petits hurlaient de peur. Il avait fallu que le cocher prît un fouet."

Grégoire, deve enfrentar esse espaço hostil, que se erige como obstáculo ao seu avanço, lembrando-a a cada passo de que, segundo o processo de territorialização da cidade - que acompanhamos também ao longo da marcha -, seu lugar é no cortiço, próximo das minas e das fábricas e longe dos setores de consumo.

A longa marcha da Maheude mimetiza, dessa forma, a condição de exclusão e isolamento da classe operária no romance. Montsou, assim como as diversas cidades reais que a indústria pesada produziu em países como França e Inglaterra - estas descritas de maneira muito semelhante a que lemos na passagem acima por Eric Hobsbawm em "*A Era do Capital*"⁸⁹ - foi planejada e territorializada de maneira a excluir as classes mais pobres de seus centros, diminuir o contato entre estas, as classes médias e a burguesia, e aproximá-las das usinas, indústrias e minas que ditavam o ritmo de vida nesses grandes bolsões de pobreza controlados por diretores, representantes do corpo administrativo de tais empresas, por trás dos quais estava a força da lei e o poder do Estado. Em *Germinal*, apesar dos obstáculos ao avanço da Maheude se apresentarem imediatamente como sendo a ordem do mundo natural, uma leitura mais atenta revela que a presença ou a ausência de um certo revestimento material que nos permitiu acima separar as personagens entre dois sujeitos coletivos antagônicos, dá também a tal condição de isolamento do operário um travo de classe.

No trecho acima, a Maheude, ao passar pela casa do diretor, avista uma carruagem parada na porta, de onde desce um casal de parisienses que acompanharão a Sra. Hennebeau ao cortiço para uma visita que será descrita no capítulo seguinte. Ao contrário do que acontece com a viagem da Maheude, o narrador não descreve o percurso dos burgueses até a periferia da Montsou, onde moram os carvoeiros da companhia. Entretanto, tal omissão, como veremos, não acontece pela insignificância da ação.

A cena em que a Maheude atravessa a cidade saindo do cortiço do operário e avançando com extrema dificuldade através das estradas enlameadas da região, remete, ao evocar pequenas casas operárias, casas maiores dos chefes das minas, bares, lojas e ateliês até chegar ao centro de Montsou, onde mora o diretor da mina e se localiza sua sede administrativa, permitem que a leitura do trecho avance e revele um dado importante, qual seja, o de que a configuração do espaço romanesco (como a formatação do espaço urbano e o material utilizado na construção das estradas - que não é ideal para a marcha à pé) refletem suas estruturas sociais. A situação de segregação e isolamento os mineiros no romance mimetiza sua situação de estagnação social: recebendo pouco e repletos de dívidas, como revela a conversa da Maheude e seu marido no segundo capítulo do romance, os obstáculos que impedem sua ascensão social são comparáveis àqueles que

⁸⁹ Ver: HOBSBAWM, Eric. *A Era do Capital*. Cap. 12: Cidade, Indústria e Classe Trabalhadora. São Paulo: Paz e Terra, 2012. p. 317 - 348.

enfrenta a Maheude ao se deslocar através dessa cidade hierarquicamente organizada segundo a divisão social do trabalho. Por outro lado, os burgueses, dispendo das ferramentas necessárias para viver em meio a essa natureza hostil, deslocam-se tão naturalmente por Montsou que sua viagem até o cortiço não é nem ao menos narrada; a carroça que os leva para visitar os operários isola-os e impede o contato com esse ambiente adverso. No mais, vê-se ao final da cena que, ao contrário do que acontece com os Hennebeau - que fazem parte do círculo social dos Grégoire e nesse pequeno mundo burguês têm os caminhos das ascensão social facilitados pelas relações que estabelecem uns com os outros; Négrel, por exemplo, tem a chance de ingressar na família dos acionistas por meio de um casamento arranjado com Cécile - mãe e filhos são constantemente lembrados, até pelos cães que os atacam quando chegam à casa dos burgueses, de que o acesso àquele mundo lhes é vedado.

Assim, considerando-se o processo de territorialização de Montsou e maneira pela qual a interação dos elementos formais do romance, sobretudo personagens e espaço, são agenciados para formar a intriga, podemos perceber que em *Germinal*, o caráter mantenedor da ordem de direito, da violência mítica de Walter Benjamin, se revela a partir de uma leitura atenta ao processo de formação das personagens coletivas, e de territorialização do espaço romanescos. Ao imaginar a cidade de Montsou, Zola a segmenta em territórios que são rigorosamente definidos segundo sua função social e sua relação com os sujeitos coletivos que habitam aquele universo socioeconômico: num extremo da cidade temos os mineiros, confinados e amontoados num subúrbio próximo às minas e às, fábricas, na parte central do lugar, distante alguns quilômetros do cortiço está o centro comercial e a sede administrativa, onde habita a classe média da cidade representada pelo diretor da Companhia, sua esposa e seu sobrinho, o engenheiro Négrel, e finalmente, dois quilômetros à leste da cidade vivem os acionistas numa propriedade confortável cercada por uma natureza de caráter quase idílico quando comparada com o resto da cidade.

À primeira vista, como denuncia a marcha da Maheude, essa ordem parece ser assegurada pela própria natureza, que age sobre os carvoeiros impedindo que os mesmos rompam as fronteiras de seu confinamento. Entretanto, levando em conta o processo de formação das personagens coletivas e a implicação do revestimento material ostentado pelos burgueses para sua (não) interação com o ambiente, percebemos que esse argumento natural evolui para uma leitura social do mundo que não só revela os mecanismos a princípio pouco visíveis da dominação de classe - uma vez que ele poderia ser facilmente associado a um estado natural das coisas -, mas também evidencia as consequências desse sistema para a classe dominada.

Assim, concluímos esse capítulo evocando as palavras de Mark Twain que lhe servem de epígrafe. Em *Germinal*, a forma do romance traz à tona o que denuncia Twain

em *Um ianque na corte do rei Artur*, no romance há dois reinos de violência, “um forjado na paixão quente; o outro no insensível sangue frio”. Os arrepios burgueses, que buscava Zola quando escreveu seu esboço, se davam em função “dos horrores do Terror menor, o Terror momentâneo”, o terror da cena em que Boa Morte assassina a burguesinha caridosa, Cécile. Entretanto, um estudo da violência no romance que leve em conta a arregimentação de seus elementos formais para a construção da intriga revela que por trás dessa violência exacerbadamente evidente, desse terror momentâneo, há outro reino de terror, este oriundo de uma violência que resulta em “morte contínua” em “toda uma vida de fome, frio, ofensas, crueldades e corações partidos” que Benjamin chama de mítica e Zizek trata de objetiva, pois tal violência advém da própria ordenação social do Estado capitalista.

3. Sobre a greve e a violência

*Là s'étalait jadis une ménagerie;
Là je vis, un matin, à l'heure où sous les cieux
Froids et clairs, le Travail s'éveille, où la voirie
Pousse un sombre ouragan dans l'air silencieux,*

*Un cygne qui s'était évadé de sa cage,
Et, de pieds palmés frottant le pavé sec,
Sur le sol raboteux traînait son blanc plumage.
Près d'un ruisseau sans eau la bête ouvrant le bec*

*Baignait nerveusement ses ailes dans la poudre,
Et disait, le coeur plein de son beau lac natal:
"Eau, quand donc pleuvras-tu? quand tonneras-tu,*

foudre?

*Je vois ce malheureux, mythe étrange et fatal
(BAUDELAIRE, *Le Cygne*, 1995, p. 109,110)*

No capítulo anterior procedemos uma leitura de *Germinal* focada na forma pela qual o agenciamento de certos elementos formais do romance - em particular aqueles voltados para uma relação de referencialização do espaço e da natureza a partir das personagens e vice-versa - é capaz de comunicar ao leitor uma violência de ordem sistêmica que condena os carvoeiros de Montsou a viverem confinados num subúrbio industrial levando uma vida de miséria e fome. Entretanto, a chegada da personagem principal, Étienne Lantier, faz estremecer as estruturas dessa sociedade. Lantier, não compartilhando da resignação de seus companheiros, ainda em seu primeiro dia de trabalho sente crescer dentro de si uma revolta contra a situação desumana em que vivem os mineiros de Montsou⁹⁰. Assim, decidido a lutar contra esse sistema exploratório, o ex-maquinista recorre à única arma que tem em mãos: a greve. Neste capítulo trataremos da relação entre a greve e a violência em *Germinal* sob uma perspectiva benjaminiana.

Em *Para uma crítica da violência*, Walter Benjamin sustenta que a greve, embora tida pelo movimento operário, como um meio violento de conquista de direitos e melhores condições de trabalho, é vista pelo Estado como um mecanismo de conservação da ordem quando a tensão entre as classes atinge um grau máximo⁹¹. Sob tal perspectiva, o filósofo

⁹⁰ Une hésitation l'avait repris, un malaise qui lui faisait regretter la liberté des grandes routes, la faim au soleil, soufferte avec la joie d'être son propre maître. Il lui semblait qu'il avait vécu des années, depuis son arrivée sur le terri, au milieu des bourrasques, jusqu'aux heures passées sous la terre, à plat ventre dans les galeries noires. Et il lui répugnait de recommencer, c'était injuste et trop dur, son orgueil d'homme se révoltait, à l'idée d'être une bête qu'on aveugle et écrase. (ZOLA, 2013, p. 138 - 139)

⁹¹ Este é antes de mais nada o caso na luta de classes, na figura da garantia do direito de greve dos trabalhadores. Hoje, a classe trabalhadora organizada constitui, ao lado dos Estados, o único sujeito de direito a quem cabe o uso da violência. Contra essa perspectiva existe, todavia, a objeção de que o abster-se de ações, um não-agir, tal como é a greve em última instância, não deveria ser caracterizado de forma alguma como violência. Tal consideração, sem dúvida, tornou mais fácil para

alemão propõe uma crítica à violência da greve segundo uma tipologia inspirada por sua leitura de *Reflexões sobre a violência*, de Georges Sorel, classificando tal movimento em duas categorias: a greve política, que é aquela em que o trabalhador se vale do direito à greve com o objetivo de mudar condições específicas em suas relações de trabalho - algo que Benjamin associa à chantagem por sua disposição de retomar o trabalho desde que aceitas as condições exigidas - e a greve geral, cuja categoria se subdivide entre greve geral política e greve geral proletária. Benjamin, citando Sorel, diz o seguinte:

Sorel opõe à greve geral política a greve geral proletária. Entre elas também existe uma oposição em sua relação com a violência. Para os partidários da greve geral política, vale o seguinte: “A base de suas concepções é o fortalecimento do poder do Estado; em suas organizações atuais, os políticos (a saber, os socialistas moderados) preparam desde já a instituição de um poder forte, centralizado e disciplinado, que não se deixará perturbar pela crítica da oposição, saberá impor o silêncio e baixar seus decretos mentirosos”. “A greve geral política [...] demonstra como o Estado não perderá nada de sua força, como o poder passa de privilegiados para privilegiados, como a massa dos produtores mudará de donos”. Em oposição a essa greve geral política (cuja fórmula, diga-se de passagem, parece ser a da passada revolução alemã), a greve geral proletária se propõe, como única tarefa, aniquilar o poder do Estado. Ela “exclui todas as consequências ideológicas de qualquer política social possível; seus partidários consideram até mesmo as reformas mais populares como burguesas”. “Esta greve geral proclama muito claramente sua indiferença quanto ao ganho material da conquista, ao declarar que quer abolir o Estado; o Estado era de fato a razão de ser dos grupos dominantes, que tiram proveito de todos os empreendimentos cuja carga recai sobre o conjunto da população. (BENJAMIN, 2013, p. 141-143)

Finalmente, arremata Benjamin, a greve geral política, por apenas provocar uma mudança superficial das relações de trabalho, mantendo as estruturas coercitivas do Estado funcionando a pleno vapor, e por seu caráter instaurador do direito, é violenta; a greve geral proletária, por sua vez, ao ser declarada sem nenhum projeto de instauração de um novo direito, e com a intenção de somente retomar ao trabalho caso sejam abolidas as estruturas coercitivas do Estado, deve ser considerada um meio puro, não-violento⁹². Logo, na esteira

o poder do Estado a concessão do direito de greve quando não se podia mais evitá-la. [...] O momento da violência, entretanto, necessariamente entra em cena na forma de chantagem em um tal abster-se de ações, quando tal abstinência ocorre no contexto de uma disposição de princípio pronta para retomar a ação suspensa sob determinadas condições que ou nada têm nada a ver com esta ação ou só modificam algo que lhes é exterior. É, nesse sentido, que, da perspectiva da classe trabalhadora, que se contrapõe à perspectiva do Estado, o direito de greve configura o direito de empregar a violência para alcançar determinados fins. (BENJAMIN, 2013, p. 128, 129)

⁹² Enquanto a primeira forma de suspensão do trabalho é violenta, uma vez que provoca só uma modificação exterior das condições de trabalho, a segunda, enquanto meio puro, é não-violenta. Com efeito, esta não acontece com a disposição de retomar o trabalho depois de concessões superficiais ou qualquer modificação das condições de trabalho, mas com a resolução de retomar apenas um trabalho totalmente transformado, sem coerção por parte do Estado, uma subversão que esse tipo de greve não apenas desencadeia, mas leva a sua completude. Por isso, a primeira modalidade de greve é instauradora do direito, a segunda anarquista. Na esteira de algumas observações ocasionais de Marx, Sorel recusa para o movimento revolucionário qualquer tipo de programas, utopias, numa palavra, de instaurações de quaisquer formas de direito [...] (BENJAMIN, 2013, p. 143)

do estudo benjaminiano sobre a greve, cujo mérito das subdivisões acima mencionadas o autor atribui à Georges Sorel, pretendemos analisar a greve de *Germinal*, em seus diversos momentos, propondo uma leitura que busque elucidar a relação entre greve e violência no romance.

Findas as duas primeiras partes do livro, quando o narrador multiplica seus personagens focalizadores, criando um mosaico de perspectivas que permitem ao leitor uma visão universalizante de uma sociedade marcada pela fragmentação social produzida pelo modo de vida capitalista, o primeiro capítulo da terceira parte do romance conta a adaptação de Étienne ao trabalho na Voreux. À medida em que o narrador conta como o rapaz vai, aos poucos, se acostumando com o trabalho e ganhando o respeito dos companheiros, os meses passam e as estações mudam⁹³. Com a chegada da primavera e, depois, do verão, os campos de trigo e beterraba, por onde costumava caminhar o personagem, começam a ficar cheios de casais que, vivendo uns sobre os outros, levam Étienne a preferir a taberna de Rasseneur, onde morava, às suas caminhadas cotidianas ao final do expediente⁹⁴. No lugar, onde, além de Étienne, vive Souvarine - um maquinista russo, de origem nobre, que precisou se refugiar na França após um atentado fracassado em São Petersburgo⁹⁵ - a formação política do primeiro é descrita nas entrelinhas das conversas entre o russo, Rasseneur, e o mesmo⁹⁶. Na taberna, enquanto discutem a situação dos operários da Companhia de Minas de Montsou, apesar de cada um cultivar suas próprias crenças sobre a forma pela qual os operários deveriam se mobilizar diante das condições de vida e de trabalho a que eram submetidos, os três concordam que a situação já estava insustentável:

Os três homens, dessa vez, estavam de acordo. Eles falavam, um após o outro, com uma voz desolada, e as queixas começavam. O operário não podia mais aguentar, a revolução não tinha feito nada além de agravar suas misérias, eram os burgueses que engordavam desde 89, tão avidamente que eles não deixavam nem os restos de seus pratos para limpar. Alguém poderia dizer que os trabalhadores receberam sua parte devida do extraordinário crescimento das riquezas e do bem-estar dos últimos cem

⁹³ Jamais il ne se plaignait, par fierté sans doute, même quand il râlait de fatigue. [...] Au demeurant, il était accepté, regardé comme un vrai mineur, dans cet écrasement de l'habitude qui le réduisait un peu chaque jour à une fonction de machine. (ZOLA, 2013, p. 223)

⁹⁴ Maintenant, lorsque Étienne se promenait, le soir, ce n'était plus derrière le terri qu'il effarouchait les amoureux. Il suivait leurs sillages dans les blés, il devinait leurs nids d'oiseaux paillards, aux remous des épis jaunissants et des grands coquelicots rouges. [...] Alors, la plaine immense lui semblait trop petite, il préférait passer la soirée chez Rasseneur, à *L'Avantage*. (ZOLA, 2013, p. 226-227)

⁹⁵ Souvarine était le dernier-né d'une famille noble du gouvernement de Toula. À Saint-Pétersbourg, où il faisait sa médecine, la passion socialiste qui emportait alors toute la jeunesse russe l'avait décidé à apprendre un métier manuel, celui de mécanicien, pour se mêler au peuple, pour le connaître et l'aider en frère. [...] pendant un mois, il avait vécu dans la cave d'un fruitier, creusant une mine au travers de la rue chargeant de bombes, sous la continuelle menace de sauter avec la maison. *Ibidem*, p.228

⁹⁶ *Ibidem*, p. 229-234

anos? Eles se lixaram para o operário ao declará-lo livre: sim, livre para morrer de fome, disso ele não foi privado. Isso não ajudava a colocar o pão na mesa: votar nesses sujeitos que, depois, se regalavam, pensando menos nos miseráveis do que em suas velhas botas. De uma forma ou de outra, seria preciso acabar com isso, seja gentilmente, pelas leis, por um acordo amigável, seja pela selvageria, queimando tudo e engolindo uns aos outros. As crianças assistiriam a isso, se os velhos não pudessem ver, pois o século não poderia terminar sem que ocorresse uma outra revolução, desta vez a dos operários, um frenesi que varreria a sociedade de alto a baixo, e que a reconstruiria de forma mais limpa e justa.⁹⁷ (ZOLA, 2013, p. 232)

Na passagem acima, ao reproduzir, sob a forma do discurso indireto livre, uma conversa entre os três companheiros, no *L'Avantage*, em que os mesmos evocam a revolução e, com ela, as formas de organização política e social construídas em torno de uma concepção de Estado que, ao longo de todo o século XIX, na França, não cessa de ser problematizada e reinventada, o narrador nos permite proceder a uma leitura benjaminiana do problema discutido. Ora, quando o filósofo alemão propõe sua crítica da violência, seu objeto de estudo é o Estado e o direito que serve de mediador das relações entre os indivíduos que vivem sob seu poder. Logo, ao se referirem de forma desiludida à Revolução Francesa - momento crucial para a história política mundial em que se estabeleceu uma discussão que levou à criação de uma ideia de Estado paradigmática, pois centrada na ideia de cidadania, liberdade, igualdade e democracia - e a atuação de seus representantes na política imperial, é justamente nos termos das relações entre os indivíduos mediadas por uma ordem de direito que é a expressão jurídica da soberania do Estado que se expõe o problema.

No trecho citado acima, as personagens se vêem diante de dois caminhos opostos para lidar com o problema da exploração do trabalhador pelas classes dominantes. A primeira saída se caracterizaria, principalmente, pela conservação das estruturas coercitivas do Estado, que seriam reformadas com o objetivo de atenuar a dureza das condições de vida e de trabalho do operariado; a segunda, por outro lado, levaria a cabo a destruição completa do Estado e da sociedade burguesa, fomentada pela esperança de se reconstruir do zero uma sociedade mais justa. Logo, em termos benjaminianos, apesar da aparência supostamente não-violenta da proposta de reforma social, esta seria essencialmente

⁹⁷ “Les trois hommes, cette fois, furent du même avis. Ils parlaient l’un après l’autre, d’une voix désolée, et les doléances commencèrent. L’ouvrier ne pouvait pas tenir le coup, la révolution n’avait fait qu’aggraver ses misères, c’étaient les bourgeois qui s’engraissaient depuis 89, si goulûment, qu’ils ne lui laissaient même pas le fond des plats à torcher. Qu’on dise un peu si les travailleurs avaient eu leur part raisonnable, dans l’extraordinaire accroissement de la richesse et du bien-être, depuis cent ans? On s’était fichu d’eux en les déclarant libres: oui, libres de crever de faim, ce dont ils ne se privaient guère. Ça ne mettait pas de pain dans la huche, de voter pour des gaillards qui se gobegeaient ensuite, sans plus songer aux misérables qu’à leurs vieilles bottes. Non, d’une façon ou d’une autre, il fallait en finir, que ce fût en sauvages, en brûlant tout et en se mangeant les uns les autres. Les enfants verraient sûrement cela, si les vieux ne le voyaient pas, car le siècle ne pouvait s’achever sans qu’il y eût une autre révolution, celle des ouvriers cette fois, un chambardement qui nettoierait la société du haut au bas, et qui la rebâtirait avec plus de propreté et de justice.”

violenta, pois conservaria as estruturas de um Estado originalmente violento e dotado de mecanismos, também violentos, de conservação - como a atribuição de direitos àqueles que vivem sob seu poder e de punições aos que transgridem sua ordem -, estamos, portanto diante de uma saída política. No caso da segunda proposta de solução para tal problema, estamos diante de um meio puro de revolução social, pois, sem nenhum programa, tal proposta de destruição da sociedade não compreende um projeto de instauração de uma nova forma de direito. Assim, apesar de a greve ainda não ser citada como programa de ação, o trecho acima se caracteriza pela expressão de duas propostas contrárias de transformação social, a primeira política e violenta e a segunda revolucionária e não violenta.

Tal conversa, que se dá ainda no início da formação política de Étienne, como veremos mais à frente, reflete, sobretudo, as visões políticas de Rasseneur e Souvarine, respectivamente, que diante da crise que se instalava eram os dois únicos personagens suficientemente experientes no assunto para arriscar uma leitura da situação. Étienne, que se forma na medida em que a narrativa avança, aos poucos dá forma à sua própria visão política, afastando-a daquelas defendidas por seus companheiros de debate e estabelecendo, no romance, um núcleo ideológico de esquerda composto por três correntes principais que serão discutidas a seguir.

Assim, ao longo da terceira parte do romance, a situação dos mineiros se agrava em razão de uma mudança na forma de pagamento do vagão de carvão, alteração que representaria um corte significativo dos salários dos operários. Étienne que, por sua vez, pouco a pouco se educava politicamente e ganhava a confiança de seus companheiros, convence-os de que a hora de reagir aos desmandos dos patrões havia chegado e cria uma caixa de previdência para sustentar os carvoeiros em caso de uma possível greve. Tal greve não demora muito a estourar, a mesma é declarada alguns dias depois de a Companhia ter implantado o novo sistema de pagamento dos salários, pegando a mesma de surpresa e testemunhando a organização dos trabalhadores liderados por Étienne Lantier.

O movimento, percebido pelos burgueses como uma resposta racional e organizada à medida e não uma reação furiosa contra a decisão tomada pela direção, se aproxima, neste primeiro momento, da greve política da qual fala Benjamin, uma vez que a greve é declarada com a intenção de retomada dos trabalhos desde que as condições dos grevistas fossem atendidas. Tal movimento tinha como alvo unicamente as relações entre os mineiros e a direção da Companhia, e suas ações visavam apenas a subtração dos operários aos abusos dos patrões e não a instauração de um novo direito que tratasse de todas as relações de trabalho entre operários e capitalistas.⁹⁸

⁹⁸ Et, brusquement, ce lundi même, à quatre heures du matin, la grève venait d'éclater. Lorsque le 1er décembre, la Compagnie avait appliqué son nouveau système de salaire, les mineurs étaient restés

A educação política de Étienne, dessa forma, passa a se realizar na prática, acompanhando a evolução da própria greve. Logo, é no calor do momento que suas ideias vão tomando forma e se distanciando pouco a pouco das de Rasseneur e Souvarine. Conseqüentemente, enquanto os operários resistiam e faziam com que a greve se prolongasse, as semanas se passavam e as diferenças políticas entre os três companheiros se tornavam cada vez mais evidentes. Rasseneur, por exemplo, no início um partidário do movimento grevista, deixava crescer sua aversão pelo mesmo, que abandonava aos poucos seu caráter reformista e se alinhava com os interesses da Associação Internacional dos Trabalhadores que, por meio de Pluchart, antigo chefe de Étienne com quem a personagem mantinha uma correspondência frequente, se apresenta como um aliado, num momento em que o dinheiro da caixa de previdência criada por Lantier se esvaía, ameaçando o futuro da greve⁹⁹.

É no *Bon-Joyeux*, bar da viúva Désir, que se dá a reunião em que por aclamação os mineiros de Montsou aderem à Internacional, esperando poder contar com alguma ajuda financeira que os possibilitasse resistir à miséria causada pela greve e obter algum poder de negociação com a Companhia. Porém, a adesão dos grevistas à Associação tem poucos efeitos concretos para o movimento, o dinheiro enviado acaba rápido e os grevistas logo se veem tão miseráveis quanto antes. Com efeito, a real importância da Internacional para os grevistas de Montsou reside na influência que Pluchart exerce sobre Étienne que, na medida de suas correspondências e de seus estudos, passa a cultivar suas próprias ideias sobre quais rumos o movimento deveria tomar, estas mais próximas do que chamamos acima, na esteira de Walter Benjamin e Sorel, de greve geral política.

Ainda no quarto capítulo da quarta parte do romance, momento da adesão dos mineiros à Associação Internacional dos Trabalhadores, uma conversa entre Étienne e Rasseneur revela o desacordo entre os homens sobre o caminho que a greve estava tomando. No bar da viúva Désir, enquanto esperam a chegada de Pluchart, o dono do *L'Avantage* discute com Étienne os rumos da greve:

Ele aumentava o tom da voz [...] E toda sua natureza de homem razoável e paciente se revelava em frases claras, que fluíam com abundância e sem esforço. Não seria estúpido acreditar ser possível mudar o mundo, colocar

calmes. À la fin de la quinzaine, le jour de la paie, pas un n'avait fait la moindre réclamation. Tout le personnel, depuis le directeur jusqu'au dernier des surveillants, croyaient le tarif accepté; et la surprise était grande, depuis le matin, devant cette déclaration de guerre, d'une tactique et d'un ensemble qui semblaient indiquer une direction énergique. (ZOLA, 2013, p. 299)

⁹⁹ Étienne, à titre de secrétaire, y avait partagé les trois milles francs de la caisse de prévoyance, entre les familles nécessiteuses; ensuite, de divers côtés, étaient arrivées quelques centaines de francs, produites par des souscriptions et des quêtes. Mais, aujourd'hui, toutes les ressources s'épuisaient, les mineurs n'avaient plus d'argent pour soutenir la grève, et la faim était là, menaçante. (ZOLA, 2013, p. 332)

Quatre mille francs envoyés de Londres, par l'Internationale, n'avaient donné trois jours de pain. Puis, rien n'était venu. Cette grande espérance morte abattait les courages. (*Ibidem*, p. 364)

os operários no lugar dos patrões, dividir o dinheiro como se divide uma maçã? Seria preciso milhares e milhares de anos para que, talvez, isso se realizasse. Então, que não o atormentassem com esses milagres! A atitude mais sensata, para não se machucar, era andar na linha, exigir as reformas que fossem possíveis, e melhorar enfim a vida dos trabalhadores quando a ocasião se apresentasse. É assim que o trabalhador se tornaria mais forte, se ele se esforçasse em melhorar as condições da Companhia; em vez de mandá-la ao diabo, e morrer de fome por causa dessa obstinação.¹⁰⁰ (ZOLA, 2013, p. 347 - 348)

Étienne, por outro lado, que lia Marx, Proudhon, Lassalle, entre outros pensadores que compunham toda a diversa paleta de teóricos socialistas de seu tempo¹⁰¹, cada vez mais convencido de que os objetivos dos grevistas coincidiam com os da Internacional, sustentava que o programa reformista de Rasseneur era:

Uma boa maneira de cruzar os braços e esperar para ver os homens devorando uns aos outros até o fim do mundo, como lobos. Não! Era preciso agir, senão a injustiça seria eterna, e para sempre os ricos beberiam o sangue dos pobres. Por isso, ele não se perdoava por ter dito a besteira de que a política deveria ser banida da questão social. Ele não sabia de nada naquele tempo, mas, desde então, ele estudara. Agora, suas ideias estavam mais maduras e ele se orgulhava de ter um sistema. [...] Ele dizia simplesmente que era preciso apoderar-se, antes de tudo, do governo. O resto se veria depois.¹⁰² (ZOLA, 2013, p. 349, 350)

A discussão entre Étienne e Rasseneur, reproduzida acima, acontecia, então, num momento crucial da greve. Diante das constantes negativas da direção da Companhia em aceitar os termos impostos pelos grevistas para que os trabalhos fossem retomados, estes últimos assistiam à dissolução de sua caixa de previdência, fazendo com que a fome

¹⁰⁰ Il haussait la voix [...] Et toute sa nature d'homme raisonnable et patient se confessait en phrases claires, qui coulaient abondantes, sans effort. Est-ce que ne n'était pas stupide de croire qu'on pouvait d'un coup changer le monde, mettre les ouvriers à la place des patrons, partager l'argent comme on partage une pomme? Il faudrait des mille ans et des milles ans pour que ça se réalisât peut-être. Alors, qu'on lui fichait la paix, avec les miracles! Le parti le plus sage, quand on ne voulait pas casser le nez, c'était de marcher droit, d'exiger des réformes possibles, d'améliorer enfin le sort des travailleurs, dans toutes les occasions. Ainsi, lui se faisait fort, s'il s'en occupait, d'amener la Compagnie à des conditions meilleures; au lieu que, va te faire fiche! on y crèverait tous, en s'obstinant."

¹⁰¹ "Au sommet [de ses théories], restait debout l'idée de Karl Marx: le capital était le résultat de la spoliation, le travail avait le devoir et le droit de reconquérir cette richesse volée. Dans la pratique, il s'était d'abord, avec Proudhon, laissé prendre par la chimère du crédit mutuel, d'une vaste banque d'échange, qui supprimait les intermédiaires; puis, les sociétés coopératives de Lassalle, dotée par l'État, transformant peu à peu la terre en une seule ville industrielle, l'avaient passionné, jusqu'au jour où le dégoût lui en était venu, devant la difficulté du contrôle; et il en arrivait depuis peu au collectivisme, il demandait que tous les instruments du travail fussent rendus à la collectivité. (ZOLA, 2013,, p. 349)

¹⁰² "Un bon moyen vraiment, de se croiser les bras et attendre, si l'on voulait voir les hommes se manger entre eux jusqu'à la fin du monde comme des loups. Non! il fallait s'en mêler, autrement l'injustice serait éternelle, toujours les riches suceraient le sang des pauvres. Aussi, ne se pardonnait-il pas la bêtise d'avoir dit autrefois qu'on devait bannir la politique de la question sociale. Il ne savait rien alors, et depuis il avait lu, il avait étudié. Maintenant, ses idées étaient mûres, il se vantait d'avoir un système. [...] Il en était simplement à dire qu'il s'agissait de s'emparer du gouvernement, avant tout."

aumentasse e colocasse em xeque a continuação do movimento. Consequentemente, revoltado contra a obstinação da administração e, a cada dia mais consciente da impotência dos grevistas diante de sua força, Étienne passa a considerar as pretensões reformistas de Rasseneur uma saída idílica, uma vez que, para o rapaz, sua insistência numa evolução paulatina da sociedade só prolongaria a miséria do operário, que continuaria a ser explorado. Lantier, portanto, absorvido pelo ecletismo de suas leituras, e sem um programa de governo definido, passa a considerar a apropriação das estruturas do Estado pela classe operária a única saída para o impasse em que se encontravam. Ao aproximar-se da Internacional, e levar com ele os carvoeiros de Montsou, Étienne passa a contemplar a possibilidade de expansão do movimento para além das relações entre os mineiros e a direção, cogitando uma luta política pela dominação do Estado.

O russo Souvarine que, por sua vez, assistia cético às discussões entre os dois companheiros, sustentava que a greve não era uma ferramenta de resistência do operário, mas do capital que, no romance, imobilizado pela crise, era obrigado a diminuir os custos da produção. Para ele, a verdadeira revolução não tinha programa, ela viria da pura e simples destruição do velho mundo, das nações, dos governos, da propriedade e de Deus¹⁰³, um pensamento próximo daquilo que Benjamin e Sorel tratam como greve geral proletária, exceto pela forma da sua ação que se resumia na destruição da sociedade capitalista por meio de atentados - como visto acima foi exatamente por isso que o personagem precisou se exilar na França - e não pela organização dos trabalhadores enquanto classe e pela declaração de uma greve geral.

Efeito contínuo, declarada no primeiro capítulo da quarta parte do romance, a greve tem, antes de mais nada, um caráter reformista, cujo objetivo é, como lembra o mineiro Maheu - numa reunião realizada na casa do Sr. Hennebeau, diretor da Companhia de Minas de Montsou - a retomada da antiga forma de pagamento, quando os mineiros eram pagos apenas pelo vagão de carvão, e o revestimento, que passara a ser pago à parte, era deixado à cargo dos carvoeiros, além da valorização do vagão em cinco centavos, tomando-se como base o preço anterior às mudanças propostas pela direção. Assim, na esteira da crítica benjaminiana, consideramos que nesse período da greve, alinhado com as ideias de Rasseneur, “o momento da violência [...] entra em cena na forma de chantagem, em um tal abster-se de ações, quando tal abstinência ocorre no contexto de uma disposição

¹⁰³ - Lui seul [Bakounine] peut donner le coup de massue, continua-t-il, tandis que tes savants sont des lâches avec leur évolution... Avant trois ans, l'Internationale, sous ses ordres, doit écraser le vieux monde.

Étienne tendait les oreilles, très attentif. Il brûlait de s'instruire, de comprendre ce culte de la destruction, sur lequel le machineur ne lâchait que de rares paroles obscures, comme s'il en eût gardé pour lui les mystères.

- Mais explique-moi... Quel est votre but?

- Tout détruire. Plus de nations, plus de gouvernements, plus de propriété, plus de Dieu ni de culte. (ZOLA, 2013, p. 353)

de princípio pronta para retomar a ação suspensa sob determinadas condições”¹⁰⁴. No mais, além disso, as estruturas violentas do Estado se conservariam, conservando-se, por sua vez, a relação violenta entre as classes dominantes e as subalternas.

Entretanto, como lembra Benjamin, esse direito de “se subtrair a uma violência exercida de maneira indireta pelo patrão”¹⁰⁵ através da inação, como no caso citado acima, está previsto na ordenação de direito do Estado capitalista. Segundo o filósofo, no caso da luta de classes, os trabalhadores são os únicos atores sociais que, além do Estado, têm o direito ao uso da violência garantido, sob a forma da greve¹⁰⁶. Em *Germinal*, isso é, de fato, o que acontece; diante da insistência da administração em recusar as demandas dos mineiros, o número de grevistas vai aumentando e, em outras minas, além da Voreux, o trabalho vai sendo suspenso, à medida que os trabalhadores aderem ao movimento¹⁰⁷ numa tentativa dos mesmos de fazerem uso de seu direito à greve com o objetivo de chantagear a própria Companhia, para usar um termo de Benjamin, visando o aumento de seus salários.

Porém, neste momento, não há ainda nenhuma mobilização estatal; até mesmo o prefeito de Lille, unidade administrativa da qual fazia parte Montsou, que havia deixado de prontidão os soldados, em caso de turbulências, decide desmobilizar as tropas diante da inação dos carvoeiros¹⁰⁸. A greve, dessa forma, enquanto manifesta pela inação dos operários, alinhava-se justamente aos objetivos da direção, como resume, a seguir, o comentário de Souvarine:

A Companhia, atingida pela crise, estava sendo forçada a reduzir seus custos para não sucumbir; e, naturalmente, eram os operários que teriam que apertar os cintos, enquanto ela cortava seus salários em razão de algum pretexto inventado. Havia dois meses que a hulha se acumulava nos pátios das minas, e quase todas as fábricas estavam fechadas. Como ela não ousava fechar também, com medo diante da inação ruinosa do material, ela pensava num meio termo, talvez uma greve, de onde seu exército de mineiros sairia domado e mal pago. Enfim, a nova caixa de previdência a inquietava, tornava-se uma ameaça para o futuro, enquanto uma greve a livraria dela, esvaziando-a enquanto ainda não era suficientemente robusta.¹⁰⁹ (ZOLA, 2013, p. 270 - 271)

¹⁰⁴ BENJAMIN, 2013, p. 128

¹⁰⁵ *Ibidem*

¹⁰⁶ *Ibidem*

¹⁰⁷ ZOLA, 2013, p. 330

¹⁰⁸ Le préfet de Lille était accouru, des gendarmes avaient battu les routes; mais, devant le calme des grévistes, préfet et gendarmes s'étaient décidés à rentrer chez eux. (ZOLA, 2013, 331)

¹⁰⁹ La Compagnie, atteinte par la crise, était bien forcée de réduire ses frais, si elle ne voulait pas succomber; et naturellement, ce seraient les ouvriers qui devraient se serrer le ventre, elle rognait leurs salaires, en inventant un prétexte quelconque. Depuis deux mois, la houille restait sur le carreau de ses fosses, presque toutes les usines chômaient. Comme elle n'osait chômer aussi, effrayée devant l'inaction ruineuse du matériel, elle rêva un moyen terme, peut-être une grève d'où son peuple de mineurs sortirait dompté et moins payé. Enfin, la nouvelle caisse de prévoyance l'inquiétait, devenait une menace pour l'avenir, tandis qu'une grève l'en débarrasserait, en la vidant, lorsqu'elle était un peu garnie encore.

Logo, como lembra o mecânico russo, o direito de greve não era só previsto pelo Estado, mas, em caso de crise e necessidade de diminuição dos custos de produção, bem-vindo do ponto de vista das classes dominantes. Se, para os mineiros de Montsou esse direito à greve seria, segundo uma leitura benjaminiana, o direito de empregar a violência para alcançar os fins almejados, do ponto de vista das classes dominantes a greve servia como instrumento de conservação da ordem de direito quando não se podia mais evitar a revolta dos operários diante de uma diminuição expressiva de seus salários e de suas condições de vida¹¹⁰. Consequentemente, essa greve de caráter reformista - um projeto de construção paulatina da justiça social tal qual o defendia Rasseneur - vai se estendendo e aumentando a revolta dos mineiros que, encorajados por Étienne, na reunião clandestina do *Bon-Joyeux*, citada acima, resolvem aderir à Associação Internacional dos Trabalhadores, após o discurso de seu secretário, Pluchart, cuja fala, apresentada pelo narrador sob forma do discurso indireto livre, revela o programa:

Ele fazia seu discurso sobre a grandeza e as dádivas da Internacional, o mesmo que destilava, no início, nos lugares por onde havia começado. Ele explicava seu objetivo, a emancipação dos trabalhadores; mostrava sua estrutura grandiosa, embaixo a comuna, acima a província, mais alto a nação, e no topo a humanidade. [...] a ampliação do programa que, tendo começado pela discussão sobre os salários, tratava agora da liquidação social, para acabar com o trabalho assalariado. Sem nacionalidades, os operários do mundo inteiro reunidos em prol da justiça, varrendo a podridão burguesa, fundando, enfim, uma sociedade livre, onde aquele que não trabalhar, não colherá seus frutos.

Ele continuava. Eles conquistariam o mundo em menos de três anos. E ele enumerava os povos conquistados. De todos os lados choviam adesões. [...] Depois, quando fôssemos os mestres, nós ditaríamos as leis aos patrões, seria a vez deles de viver com a corda no pescoço.¹¹¹ (ZOLA, 2013, p. 359-360)

O discurso de Pluchart revela que a greve, que até então era aceita pela Companhia e diante da qual o Estado fazia vista grossa, começava a tomar a forma de um movimento revolucionário que, nas palavras do secretário da Internacional, varreria o mundo burguês, apossando-se de suas estruturas para criar um mundo mais justo. Nesse sentido, o programa da Internacional se constituiria de maneira ambígua uma vez que, por um lado,

¹¹⁰ BENJAMIN, 2013, p. 128-129

¹¹¹ Il plaça son discours sur la grandeur et les bienfaits de l'Internationale, celui qu'il déballait d'abord, dans les localités où il débutait. Il en expliqua le but, l'émancipation des travailleurs; il en montra la structure grandiose, en bas la commune, plus haut la province, plus haut encore la nation, et tout au sommet l'humanité [...] l'élargissement du programme, qui, parti de la discussion des salaires, s'attaquait maintenant à la liquidation sociale, pour en finir avec le salariat. Plus de nationalités, les ouvriers du monde entier réunis dans un besoin commun de justice, balayant la pourriture bourgeoise, fondant enfin la société libre, où celui qui ne travaillerait pas, ne récolterait pas! [...]

Lui, continuait. C'était la conquête du monde avant trois ans. Et il énumérait les peuples conquis. De tous côtés pleuvaient les adhésions. [...] Puis, quand on serait les maîtres, on dicterait des lois aux patrons, ils auraient à leur tour le poing sur la gorge. (ZOLA, 2013, p. 359 - 360)

ele se alinhava com uma luta em favor da destruição da sociedade burguesa e das estruturas coercitivas do Estado, algo que se aproxima de uma ação revolucionária pura e não violenta, segundo uma leitura benjaminiana, e por outro, toma a forma de uma programa que, diferentemente do que se espera de uma sociedade livre, é novamente estruturado em torno da exploração de um grupo de pessoas subalternizadas. Que esta última parte do discurso de Pluchart seja apenas um argumento retórico a ser descartado quando se criasse uma sociedade sem classes pouco importa, a verdade é que numa sociedade em que a divisão de classes se opere, sempre é necessário a instauração de uma nova ordem de direito que sustente uma parcela da população em sua condição de subalternos. Assim, quando o secretário da Associação Internacional dos Trabalhadores evoca um mundo em que o operário seria o mestre, seu discurso conserva uma disposição essencialmente violenta. Disposição que Benjamin chamou de violência mítica, pois é instauradora do direito.

Tal programa, por sua vez, representando uma ameaça para as classes dominantes, provoca, por parte das mesmas, uma reação quase imediata. Denunciada por um dos mineiros ainda fiéis à Companhia, o carvoeiro Pierron que fingira estar doente para não participar do evento clandestino, a reunião com Puchart é interrompida pelo comissário de polícia e quatro soldados. Estes dispersam a assembleia, declarando a ilegalidade do movimento e, num rápido voto por aclamação antes de fugirem dos policiais, os mineiros decidem aderir à Associação¹¹².

Destarte, a greve que no início era benquista pela direção passa a representar um perigo real para a Companhia e para as classes dominantes. Apesar do dinheiro enviado pela Internacional para ajudar os mineiros a resistirem não ter sido suficiente e da miséria continuar crescendo nos cortiços¹¹³, a obstinação dos carvoeiros de Montsou era grande e numa tarde em que voltava da casa da Mouquette, uma operária com quem estava tendo um caso, Étienne percebe finalmente que o prolongamento da greve estava afetando também a companhia:

Quando ele voltou para o cortiço, entretanto, a gravidade das coisas que ficou sabendo o fizeram esquecer-se da aventura. Corria um boato de que a Companhia, talvez, fizesse uma concessão se os delegados tentassem negociar novamente com o diretor. [...] A verdade era que, em meio a essa luta, a mina sofria ainda mais que os mineiros. Dos dois lados a obstinação

¹¹² C'était le commissaire de l'arrondissement qui arrivait, un peu tard, pour dresser procès-verbal et dissoudre la réunion. Quatre gendarmes l'accompagnaient. Depuis cinq minutes, la veuve les amusait à la porte, en répondant qu'elle était chez elle, qu'on avait bien le droit de réunir des amis. Mais on l'avait bousculée, et elle courait prévenir ses enfants. (ZOLA, 2013, p. 362)

¹¹³ Dans la salle, le trouble augmentait. On ne pouvait se sauver ainsi, on n'avait pas même voté, ni l'adhésion, ni pour la continuation de la grève. [...] Enfin, le président eut l'idée d'un vote par acclamation. Des bras se levèrent, les délégués déclarèrent en hâte qu'ils adhéraient au nom des camarades absents. Et ce fut ainsi que les dix milles charbonniers de Montsou devinrent membres de l'Internationale. (*Ibidem*)

resultava em ruínas: enquanto o trabalho morria de fome, o capital se destruía. Cada dia sem trabalho levava embora centenas de milhares de francos. Toda máquina parada é uma máquina morta. As ferramentas e o material se corroíam, o dinheiro parado desaparecia como água sobre a areia. Desde que o baixo estoque de carvão se esvaíra sobre os pátios das minas, a clientela falava em comprá-lo da Bélgica; e havia aí uma ameaça para o futuro. Mas o que mais amedrontava a companhia, o que ela escondia cuidadosamente, eram os contínuos estragos, nas galerias e nos veios. Os contramestres eram insuficientes para realizar os consertos, os revestimentos de madeira quebravam por toda parte e toda hora havia desmoronamentos. Em pouco tempo os estragos seriam tão grandes que eles precisariam de longos meses para repará-los antes de poderem retomar a extração. [...] A direção se recusava a admitir a gravidade da situação, quando, bruscamente, dois acidentes, um após o outro, a forçaram a confessar.¹¹⁴ (ZOLA, 2013, p. 367-368)

Logo, diante do estado ruinoso das minas, os carvoeiros, liderados por Étienne, tentam uma última negociação com o diretor, esperando que o desgaste de suas estruturas fosse suficiente para que suas demandas fossem atendidas. As negociações, entretanto, fracassam e a tensão aumenta quando após ter sua oferta de um aumento quase insignificante recusada pelos representantes dos grevistas, a direção aproveita-se da miséria crescente na região para negociar individualmente com alguns de seus operários a retomada aos trabalhos. Diante da fome que ameaçava os trabalhadores, a Companhia, por sua vez, também agia para sufocar por completo a greve e valia-se do controle que exercia sobre o Estado para negar aos grevistas seu direito de reunião, visando o enfraquecimento do movimento.

Étienne é quem dá a notícia aos Maheu e decide convocar seus companheiros para uma assembleia que se realiza na floresta da Vandame, para onde tinham sido relegados os operários, impedidos de se reunir em Montsou pela polícia:

Então, Étienne disse que tinha novidades. A Companhia, irritada com a teimosia dos grevistas, falava em demitir os envolvidos. Ela decididamente queria a guerra. E um boato ainda mais grave circulava, ela se gabava de ter convencido uma grande quantidade de operários a descer: no dia seguinte, na Victoire e a Feutry-Cantel todos estariam a postos; o mesmo aconteceria

¹¹⁴ Quand il rentra au coron, d'ailleurs, des choses graves qu'il apprit lui firent oublier l'aventure. Le bruit courait que la Compagnie consentirait peut-être à une concession, si les délégués tentaient une nouvelle démarche près du directeur. Du moins, des porions avaient répandu ce bruit. La vérité était que, dans la lutte engagée, la mine souffrait plus encore que les mineurs. Des deux côtés, l'obstination entassait des ruines: tandis que le travail crevait de faim, le capital se détruisait. Chaque jour de chômage emportait des centaines de mille francs. Toute machine qui s'arrête est une machine morte. L'outillage et le matériel s'altéraient, l'argent immobilisé fondait, comme l'eau bue par du sable. Depuis que le faible stock de houille s'épuisait sur le carreau des fosses, la clientèle parlait de s'adresser en Belgique; et il y avait là, pour l'avenir, une menace. Mais ce qui effrayait surtout la Compagnie, ce qu'elle cachait avec soin, c'étaient les dégâts croissants, dans les galeries et les tailles. Les porions ne suffisaient pas au raccommodage, les bois cassaient de toutes parts, des éboulements se produisaient à chaque heure. Bientôt, les désastres étaient devenus tels, qu'ils devaient nécessiter de longs mois de réparation, avant que l'abattage pût être repris. [...] La Direction refusait d'en convenir, lorsque, brusquement, deux accidents, l'un sur l'autre, l'avaient forcée d'avouer. (ZOLA, 2013, p. 368)

na Madeleine e na Mirou, que contariam com um terço dos homens. Os Maheu se exasperaram:

- Meu Deus! gritou o pai, se existem traidores, é preciso acertar as contas!

E de pé, cedendo à exaltação por seu sofrimento:

- Amanhã de noite, na floresta!... Como eles nos impedem de nos reunir no *Bon-joyeux*, na floresta estaremos à vontade.

Esse grito tinha acordado o velho Boa Morte, que cochilava empanturrado. Era o antigo grito para se reagrupar, o ponto de encontro onde os mineiros, outrora, se reuniam para planejar sua resistência aos soldados do rei.

[...]

- Nós iremos todos. Isso vai acabar, essas injustiças e essas traições.

Étienne decidiu que todos os operários dos cortiços seriam convocados para o encontro na noite seguinte. Mas o fogo tinha morrido, como na casa dos Levaque, e a vela se apagado bruscamente. Não havia mais carvão ou querosene, foi preciso que fossem se deitar às escuras, tateando, sentindo o frio morder-lhes a pele.¹¹⁵ (ZOLA, 2013, p. 379-380)

Dessa forma, impedidos pelas forças estatais e pela direção de se reunirem nos domínios da cidade, desde que a greve começara a se estender e representar uma ameaça para a Companhia, os carvoeiros de Montsou se encontram na floresta da Vandame para decidir o destino da greve - para qual só havia duas saídas, quais sejam, se tornar geral ou declarar seu fracasso. A escolha da Vandame é simbólica, após o fracasso da greve em seu estado reformista, o movimento começava a extrapolar os limites impostos pelo próprio Estado; se a cidade, por sua organização e infra-estrutura - que isola e confina a classe operária em subúrbios industriais marcados pela miséria e pela fome (ver capítulo 1) -, representa a materialização dos interesses das classes dominantes, a floresta, lugar que se encontra fora dos limites de uma ordenação que impede o operário de sair da condição de classe dominada, representa um espaço de liberdade, onde os limites e as técnicas de coerção social não valem mais.

A forma pela qual o mundo natural é apreendida pelo operário, sofre, então, uma metamorfose. Se, enquanto realizavam seu trabalho de forma resignada, a natureza se manifestava de forma ameaçadora; quando o operário se levanta contra a exploração

¹¹⁵ Alors, Étienne dit qu'il avait appris des nouvelles. La Compagnie, irritée de l'entêtement des grévistes, parlait de rendre leurs livrets aux mineurs compromis. Elle voulait la guerre, décidément. Et un bruit, plus grave circulait, elle se vantait d'avoir décidé un grand nombre d'ouvriers à redescendre: le lendemain, la Victoire et Feutry-Cantel devaient être au complet; même il y aurait, à Madeleine et à Mirou, un tiers des hommes. Les Maheu furent exaspérés.

- Nom de Dieu! cria le père, s'il y a des traîtres, il faut régler leur compte!

Et, debout, cédant à l'emportement de sa souffrance:

- À demain soir, dans la forêt!... Puisqu'on nous empêche de nous entendre au *Bon-joyeux*, c'est dans la forêt que nous serons chez nous.

Ce cri avait réveillé le vieux Bonnemort, que sa glotonnerie assoupissait. C'était le cri ancien de ralliement, le rendez-vous où les mineurs de jadis allaient comploter leur résistance aux soldats du roi.

[...]

- Nous irons tous. Ça finira, ces injustices et ces traîtrises.

Étienne décida que le rendez-vous serait donné à tous les corons, pour le lendemain soir. Mais le feu était mort, comme chez les Levaque, et la chandelle brusquement s'éteignit. Il n'y avait plus de houille, plus de pétrole, il fallut se coucher à tâtons, dans le grand froid qui pinçait la peau. Les petits pleuraient.

burguesa, a floresta o acolhe como se contra um mesmo inimigo eles se aliassem. Portanto, a ruptura dos limites da cidade e a ida dos carvoeiros para a floresta acompanha a expansão do programa dos grevistas que avançava de uma greve política para uma greve geral, rompendo também com os limites impostos pela própria ordenação de direito, uma vez que visavam a destruição da mesma.

Numa clareira da floresta, após fazer um breve resumo da história da greve até ali e evocar a última medida da Companhia contra os grevistas, a saber, a ameaça de demissão em massa e a promessa de contratação de mineiros belgas para substituir seus operários¹¹⁶, Étienne procurava convencer seus companheiros a não abandonar o movimento. O personagem, pouco a pouco, deixava que seu discurso reformista contra os baixos salários pagos pela Companhia de Minas de Montsou, evoluísse para uma crítica social mais ampla em que atacava o sistema capitalista como um todo e ameaçava-o de destruição. Em meio aos companheiros, neste momento crucial da greve, Lantier evoca a miséria da família dos Maheu, exibindo Boa Morte como um estandarte, para atacar o capital e a classe burguesa:

Foi terrível, nunca antes ele falara tão violentamente. Com um braço ele segurava o velho Boa Morte, exibindo-o como uma bandeira de miséria e de luto, gritando por vingança. [...] Não era pavoroso? Um povo inteiro, de pai a filho, definhando no fundo da terra para que ministros pudessem receber o dinheiro do suborno e gerações de senhores e de burgueses dessem festas e engordassem no calor de suas lareiras. [...] Esses miseráveis eram usados como alimentos para as máquinas, amontoados como gados nos cortiços, as grandes Companhias os absorviam pouco a pouco, regulamentando a escravidão, ameaçando arregimentar todos os operários de uma nação, milhões de braços, em favor da fortuna de alguns milhares de preguiçosos. Mas o mineiro não era mais um ignorante, uma besta esmagada nas entranhas da terra. Um exército crescia no fundo das minas, uma safra de cidadãos cuja semente que germinava explodiria a terra, num grande dia de sol. [...] Sim! O trabalho acertaria as contas com o capital, com esse deus impessoal, desconhecido do operário, agachado em algum lugar, em seu misterioso tabernáculo, de onde ele sugava a vida dos mortos de fome que o alimentavam! Nós iríamos até ele, veríamos seu rosto sob a claridade dos incêndios e o afogaríamos em seu próprio sangue, esse porco imundo, esse

¹¹⁶ Donc, la situation s'aggravait de jour en jour, la Compagnie renvoyait les livrets et menaçait d'embaucher des ouvriers en Belgique; en outre, elle intimidait les faibles, elle avait décidé un certain nombre de mineurs à redescendre. (ZOLA, 2013, p. 401)

ídolo monstruoso, empanturrado de carne humana.¹¹⁷ (ZOLA, 2013, p. 409, 410)

A imagem apocalíptica da revolução pintada por Étienne diante de seus companheiros, apesar de se aproximar bastante do tipo de ação defendido por Souvarine, que pregava a destruição completa do mundo burguês por meio de ações terroristas contra o capital e as classes dominantes - tal qual ele tentara fazer na Rússia ao planejar a morte do Czar -, era mais retórica do que programática. Lhe faltavam condições para traçar um plano que permitisse o prolongamento e a generalização da greve num nível tal que a mesma se tornasse uma ameaça real para o sistema capitalista.

Étienne, para alcançar seus objetivos, defendia o caminho da greve geral e não o dos atentados e da destruição total, mas não podia contar nem com o apoio integral dos mineiros da região. Logo, em meio a uma discussão com Chaval, mineiro que, havia algum tempo, tinha ido trabalhar na mina de Deneulin, a Jean-Bart, a última que ainda resistia à dominação da Companhia de Minas de Montsou, que praticamente monopolizava a extração e o comércio de carvão na região¹¹⁸, Étienne conclama os outros operários a se unirem aos de Montsou e defende a generalização da greve:

- E se existem traidores entre nós, camaradas, continuou Étienne, que eles tomem cuidado, nós os conhecemos... Sim, eu estou vendo carvoeiros da Vandame que não deixaram de trabalhar.
- É para mim que você está dizendo isso? perguntou Chaval com escárnio.
- Para você ou qualquer outro... Mas, como é você quem está falando, você precisa entender que aqueles que comem não tem nada para fazer no meio daqueles que têm fome. Você trabalha na Jean-Bart...
- Pelo amor de Deus! Agora é proibido trabalhar?
- Sim! gritou Étienne, quando os camaradas padecem com a miséria pelo bem de todos, é proibido, por egoísmo e covardia, ficar do lado dos patrões. Se a greve fosse geral, há muito tempo nós seríamos os mestres... Está certo que um único homem da Vandame desça enquanto Montsou está em greve? O golpe certo será dado quando o trabalho parar em toda a

¹¹⁷ Il fut terrible, jamais il n'avait parlé si violemment. D'un bras, il maintenait le vieux Bonnemort, il l'étaillait comme un drapeau de misère et de deuil, criant vengeance. [...] N'était-ce pas effroyable? un peuple d'hommes crevant au fond de père en fils, pour qu'on paie des pots-de-vin à des ministres, pour que des générations de grands seigneurs et de bourgeois donnent des fêtes ou s'engraissent au coin de leur feu. [...] Ces misérables, on les jetaient en pâture aux machines, on les parquait ainsi que du bétail dans les corons, les grandes Compagnies les absorbaient peu à peu, réglémentant l'esclavage, menaçant d'enrégimenter tous les travailleurs d'une nation, des millions de bras, pour la fortune d'un millier de paresseux. Mais le mineur n'était plus l'ignorant, la brute écrasée dans les entrailles du sol. Une armée poussait des profondeurs de fosses, une moisson de citoyens dont la semence germait et ferait éclater la terre, un jour de grand soleil. [...] Oui! le travail demanderait des comptes au capital, à ce dieu impersonnel, inconnu de l'ouvrier, accroupi quelque part, dans le mystère de son tabernacle, d'où il suçait la vie des meurt-de-faim qui le nourrissaient! On irait là-bas, on finirait bien par lui voir la face aux clartés des incendies, on le noierait sous le sang, ce pourceau immonde, cette idole monstrueuse, gorgée de chair humaine.

¹¹⁸ Alors, Deneulin insista. Il expliquait sa lutte contre Montsou toujours aux aguets, prêt à le dévorer, s'il avait un soir la maladresse de se casser les reins. C'était une concurrence sauvage, qui le forçait aux économies [...] (ZOLA, 2013, p. 424)

região, nas minas de Deneulin e aqui. Você entendeu? Só há traidores nos túneis da Jean-Bart, vocês são todos traidores!¹¹⁹ (ZOLA, 2013, p. 411)

A passagem acima, marca, portanto, uma mudança crucial na forma do movimento que, só então, sai do campo do discurso - o de Pluchart e o de Étienne - e passa para o da ação com a conclamação da greve geral, tornando-se uma ameaça à ordem vigente. A mudança do tom de Étienne que passa a defender a tomada das estruturas estatais pelos grevistas através da generalização da greve faz com que o movimento se aproxime do que Benjamin chamou de greve geral política, pois em seu programa a violência de uma ordem de direito coercitiva ainda está presente. Apesar de os grevistas de Montsou não serem socialistas moderados, aos quais o autor alemão associa essa forma de greve, por sua pretensão de conservar as estruturas do estado ocupando o lugar das classes dominantes, ainda que com o objetivo de construir um mundo socialmente mais justo, tal greve não pode ser associada à greve geral proletária. Com efeito, para que tal associação fosse feita, a extinção do Estado deveria ser o único programa dos grevistas, o que faria do movimento um meio puro de se subtrair da violência das classes dominantes e, por isso, não violento.

Logo, após conclamar a greve geral na floresta, os mineiros decidem percorrer a região em passeata, com o objetivo de fazer parar os trabalhos tanto nas outras minas da Companhia como na Jean-Bart, mina de Deneulin. As cenas protagonizadas pelos mineiros na quinta e na sexta partes do romance são espantosas, entretanto suas ações são sobretudo o resultado de uma revolta crescente contra a exploração das classes dominantes e a resistência de alguns de seus companheiros a aderir à greve do que a expressão de uma luta decididamente revolucionária cujo propósito é a destruição do sistema capitalista.

Nesse sentido, é digno de nota que o exército evocado por Étienne em seu discurso, aquele que germinava embaixo da terra, era um exército de cidadãos, fato que comprova sua dificuldade em imaginar um movimento cujo objetivo fosse a destruição da ordem estabelecida. Ademais, levadas em conta as vítimas dos grevistas, a saber, a mina e os

¹¹⁹- Et, s'il y a des mouchards parmi nous, camarades, continua Étienne, qu'ils se méfient, on les connaît... Oui, je vois des charbonniers de Vandame, qui n'ont pas quitté leur fosse...

- C'est pour moi que tu dis ça? demanda Chaval d'un air bavard.

- Pour toi ou pour un autre... Mais, puisque tu parles, tu devrais comprendre que ceux qui mangent n'ont rien à faire avec ceux qui ont faim. Tu travailles à Jean-Bart...

[...]

- Nom de Dieu! C'est défendu de travailler, alors?

- Oui! cria Étienne, quand les camarades endurent la misère pour le bien de tous, c'est défendu de se mettre en égoïste et en cafard du côté des patrons. Si la grève était générale, il y a longtemps que nous serions les maîtres... Est-ce qu'un seul homme de Vandame aurait dû descendre, lorsque Montsou a chômé? Le grand coup, ce serait que le travail s'arrêtât dans le pays entier, chez Monsieur Deneulin comme ici. Entends-tu? Il n'y a que des traîtres aux tailles de Jean-Bart, vous êtes tous des traîtres.

mineiros da Jean-Bart¹²⁰ e o proprietário do armazém da cidade, Maigrat¹²¹, percebe-se que nenhuma delas é um alvo estratégico para destruição dessa ordenação regida pelo capital. A todas elas, guardadas as devidas proporções, está vedada à participação ao bem estar gozado pela classe dominante, como ao luxo e ao ócio em que esta vivia, e sua destruição pelos grevistas não só não abala as estruturas do sistema, como as fortalece. Como se lê na parte final de *Germinal*, Deneulin é obrigado a vender sua mina à Companhia de Montsou, que sai da greve fortalecida, e se torna um assalariado como qualquer outro¹²².

Dessa maneira, se por um lado ao dedicar as duas primeiras partes de *Germinal* à representação de um único e exemplar dia de trabalho na cidade de Montsou, o autor dá a ver uma violência sistêmica - através da interação de suas personagens com um ambiente hostil dominado pelo capital e organizado segundo suas necessidades como visto no primeiro capítulo - que, por se relacionar com um estado normal das coisas, é percebida pelas personagens como um grau zero de não violência; por outro, a generalização da greve na quarta parte do romance, apesar de se materializar efetivamente numa suspensão geral dos trabalhos na região, acaba numa deriva alucinada de violência por parte dos grevistas que, embora discursivamente fossem capazes de identificar o capital como seu real inimigo - como faz Étienne em seu discurso. A impessoalidade da forma do capital, essa visão sempre fantasmagórica do mesmo, como um deus invisível que se alimentava da vida do operário, os impedia de criar um programa efetivo de luta contra o sistema através da greve geral. Consequentemente, suas ações logo se voltam contra aqueles a quem atribuem sua desgraça imediata, representada pela ameaça de malogro do movimento, com o retorno de alguns operários, amedrontados pela fome, aos trabalhos, e pelo dono do armazém de quem contraíam dívidas e que lhes negava comida.

Isto posto, a quinta parte do romance é marcada por uma mudança crucial na forma do movimento. Os grevistas, que até então se mostravam obstinados a perseguir o caminho da inação, após a assembleia na floresta, optam pela greve geral e decidem ir de mina em

¹²⁰ Et Jean-Bart tomba brusquement à un grand silence. Pas un homme, pas un souffle. Deneulin sortit de la chambre de porions, et tout seul, défendant du geste qu'on le suivît, il visita la fosse. Il était pâle, très calme. D'abord, il s'arrêta devant le puits, leva les yeux, regarda les câbles coupés: les bouts d'acier pendaient inutiles, la morsure de la lime avait laissé une blessure vive, une plaie fraîche qui luisait dans le noir des graisses. Ensuite, il monta à la machine, en contempla la bielle immobile, pareille à l'articulation d'un membre colossal frappé de paralysie, en touchant le métal refroidi déjà, dont le froid lui donna le frisson, comme s'il avait touché un mort. Puis il descendit aux chaudières, marcha lentement devant les foyers éteints, béants et inondés, tapa du pied sur les générateurs qui sonnèrent le vide. Allons! c'était bien fini, sa ruine s'achevait. (ZOLA, 2013, p. 457)

¹²¹ Ver a passagem citada e comentada abaixo.

¹²² Deneulin était là avec ses deux filles. [...] Le matin même, il avait signé la vente de sa concession de Vandame à la Compagnie de Montsou. Acculé, égorgé, il s'était soumis aux exigences des régisseurs, leur lâchant enfin cette proie guettée si longtemps, leur tirant à peine l'argent nécessaire pour payer ses créanciers. Même il avait accepté, au dernier moment, comme une chance heureuse, leur désir de le garder à titre d'ingénieur divisionnaire, résigné à surveiller ainsi, en simple salarié, cette fosse où il avait englouti sa fortune. (ZOLA, 2013, p. 606)

mina obrigar seus companheiros a parar o trabalho¹²³. Entretanto, ao chegarem na Jean-Bart, eles descobrem a traição de Chaval que, convencido por Deneulin, que lhe prometera uma promoção a contra-mestre, havia persuadido seus companheiros a abandonar a promessa feita aos grevistas e a voltar ao trabalho¹²⁴. Na mina, após uma negociação nada amistosa com Deneulin, os grevistas começam a destruir suas máquinas, desde as fornalhas aos elevadores, obrigando os mineiros da Jean-Bart a subirem as centenas de metros que os separavam da superfície por uma escada de emergência e recebendo-os a pancadas quando lá chegavam¹²⁵. Assim, a fúria da multidão que destrói a Jean-Bart aumenta e, enquanto ela marcha, como um exército, de mina em mina para impedir a retomada dos trabalhos, uma comitiva de burgueses, liderada pelo engenheiro Négrel e a Sra. Hennebeau, assiste assustada ao espetáculo, escondida num celeiro próximo à estrada para Marchienne:

Um estrondo de trovão se aproximava, a terra começou a tremer, e primeiro passou Jeanlin galopando na vanguarda e soprando sua corneta.

[...]

As mulheres apareceram, centenas delas, com os cabelos desgrenhados pela marcha e os farrapos que as cobriam revelavam sua pele nua, uma nudez de fêmea cansada de parir mortos de fome. Algumas levavam seus pequenos no colo, os levantavam e agitavam como uma bandeira de luto e vingança. Outras, mais jovens, traziam as veias dos pescoços saltadas ao bradar como guerreiras, brandindo seus bastões; enquanto as velhas, assustadoras, gritavam tão alto que suas cordas vocais pareciam a ponto de romper. Logo depois vieram os homens, dois mil furiosos, aprendizes, consertadores, extratores, uma massa compacta que movia-se com um só bloco, apertada, tão confusa que não se distinguia nem as calças desbotadas, nem os suéteres esfarrapados, misturados numa uniformidade terrosa. Os olhos faiscavam, via-se apenas as cavidades de suas bocas negras, cantando a *Marseillaise*, cujas estrofes se perdiam num rugido confuso, acompanhado pelo barulho de seus sapatos batendo contra a terra dura. Sobre suas cabeças, entre uma floresta de barras de ferro, um machado passou, brandido bem alto; e esse único machado, que era como o estandarte do bando, tinha, sob o céu claro, o perfil agudo da lâmina de uma guilhotina.¹²⁶ (ZOLA, 2013, p. 483-484)

¹²³ - Vous décidez donc de les rappeler au devoir, à la foi jurée... Voici ce que nous pourrions faire: nous présenter aux fosses, ramener les traîtres par notre présence, montrer à la Compagnie que nous sommes tous d'accord et que nous mourrons plutôt que céder.

- C'est cela, aux fosses! aux fosses! (ZOLA, 2013, p. 410 - 411)

¹²⁴ [...] il termina en offrant carrément de le nommer porion, plus tard. Chaval l'écoutait, silencieux, les poings d'abord serrés, puis peu à peu détendus. Tout un travail s'opérait au fond de son crâne: s'il entêtait dans la grève, il n'y serait jamais que le lieutenant d'Étienne, tandis qu'une autre ambition s'ouvrait, celle de passer parmi les chefs. [...] Enfin, sans parler au patron du rendez-vous donné par lui à ceux de Montsou, il promit de calmer les camarades et de les décider à descendre. (ZOLA, 2013, p. 426)

¹²⁵ Ver nota 85, onde reproduzo o resultado das ações dos mineiros na Jean-Bart.

¹²⁶ Le roulement de tonnerre approchait, la terre fut ébranlée, et Jeanlin galopa le premier, soufflant dans sa corne.

[...]

Les femmes avaient paru, près d'un millier de femmes, aux cheveux épars, dépeignés par la course, aux guenilles montrant la peau nue, des nudités des femelles lasses d'enfanter des meurts-de-faim. Quelques-unes tenaient leur petit entre les bras, le soulevaient, l'agitaient, ainsi qu'un drapeau de

Vista sob a perspectiva dos burgueses, a imagem dessa manifestação que, ao final, remete ao Terror de 1793 com sua clara menção à guilhotina, instrumento largamente utilizado durante o período para executar aqueles que eram declarados inimigos da Revolução Francesa, antecipa o final dessa ação enfurecida dos grevistas contra seus traidores. Após destruírem a Jean-Bart e agredirem seus companheiros que furaram a greve, sobretudo Chaval, seu líder, os carvoeiros de Montsou, metamorfoseados pelo olhar burguês num exército de bestas, pois não só bradavam, mas também rugiam, vão até a casa do diretor da mina clamar por pão - signo que, pela ausência, não só representa sua miséria, mas é elemento diferenciador do sujeito coletivo ao qual pertencem. Lá, diante da casa dos Hennebeau e do armazém de Maigrat, as mulheres de Montsou cometem o crime que põe fim à manifestação e faz as autoridades se mobilizarem definitivamente contra os grevistas:

O bando tinha acabado de ver Maigrat que se esgueirava sobre o teto do armazém. Em seu desespero, apesar de seu peso, ele tinha subido no telhado com agilidade, sem se preocupar com as vigas de madeira que quebravam, e agora rastejava sobre as telhas, ele se espichava tentando alcançar a janela. Mas a inclinação era muito íngreme, e sua barriga o atrapalhava, suas unhas já se soltavam. Entretanto, ele teria conseguido alçar-se de volta para cima, se não tivesse começado a tremer com medo de receber uma pedrada; pois ele não enxergava mais a multidão que continuava a gritar-lhe ofensas.

[...]

E bruscamente suas mãos se soltaram, ele rolou como uma bola, bateu na calha, e caiu atravessado sobre o muro, tão desastrosamente que escorregou e foi se espatifar na rua batendo com a cabeça na borda da calçada. Seu cérebro se espalhou. Ele estava morto.

[...]

A Mouquette, imediatamente retirou suas calças enquanto a Levaque levantava suas pernas. E a Brûlé, com suas mãos secas de velha, separou suas coxas nuas, empunhando essa virilidade morta. Ela segurava tudo, arrancando, com um esforço que a fazia contrair suas costas magras e estalar seu antebraço. As peles moles resistiam, ela precisou atracar-se a elas novamente, arrancando finalmente o despojo, um pedaço de carne cabeluda e ensanguentada que ela agitou com um riso de triunfo.

[...]

- Ah! Maldito, você não engravidará mais nossas filhas!

- Isso mesmo! Está acabado, não te pagaremos mais com nossa carne! Nunca mais teremos que abrir nossas pernas para conseguir um pouco de pão.

[...]

deuil et de vengeance. D'autres, plus jeunes, avec des gorges gonflées de guerrières, brandissaient des bâtons; tandis que les vieilles, affreuses, hurlaient si fort, que les cordes de leurs cous décharnés semblaient se rompre. Et les hommes déboulèrent ensuite, deux milles furieux, des galibots, des haveurs, des raccommodeurs, une masse compacte qui roulait d'un seul bloc, serrée, confondue, au point qu'on ne distinguait ni les culottes déteintes, ni les tricots de laine en loques effacés dans la même uniformité terreuse. Les yeux brûlaient, on voyait seulement les trous des bouches noires, chantant *La Marseillaise*, dont les strophes se perdaient en un mugissement confus, accompagné par le claquement des sabots sur la terre dure. Au-dessus des têtes, parmi le hérissément des barres de fer, une hache passa, portée toute droite; et cette hache unique, qui était comme l'étendard de la bande, avait, dans le ciel clair, le profil aigu d'un couperet de guillotine.

A Brûlé, então, colocou todo o pedaço de carne na ponta de seu bastão e, brandindo-o no ar, ela o exibiu como uma bandeira, se lançando pela estrada seguida de um bando de mulheres que uivava.¹²⁷ (ZOLA, 2013, p. 505 - 508)

As passagens acima revelam os efeitos nefastos desse sistema que cria uma multidão de indivíduos miseráveis, impedindo-os de participarem de um estado de bem-estar que seu próprio trabalho produz. As mulheres de Montsou, sem dinheiro e endividadas, deveriam recorrer à Maigrat - um dos poucos comerciantes que conseguiam sobreviver à greve pois era favorecido pela Companhia - para conseguir um pouco de pão. No armazém da personagem elas eram assediadas e estupradas pelo homem que se recusava a vendê-las a crédito a não ser que elas aceitassem suas investidas. Os abusos do homem são portanto o resultado do controle exercido pela Companhia de Montsou que favorecendo-o, independentemente de sua moral, tornava o mesmo a única opção dos mineiros quando seu salário não era suficiente para se sustentarem até o final do mês - salário que, como visto acima, era controlado pela administração que o abaixava e diminuía segundo sua necessidade. Dessa forma, vê-se pelo enredo dessa história que por trás de um pretense estado de não violência, há um sistema socioeconômico que é - pois transforma uma grande parcela da população em pessoas dispensáveis, que vivem à margem da própria justiça e, por isso, estão sujeitas a sofrer qualquer tipo de violência sem que se sinta qualquer perturbação da ordem das coisas - intrinsecamente violento.

Assim, tanto no momento da destruição da Jean-Bart quanto no da morte de Maigrat, a fúria dos grevistas se volta contra os agentes diretos responsáveis tanto pela iminência do fracasso da greve quanto pelas violências que sofriam diretamente. Destarte, diferentemente do discurso de Étienne na floresta da Vandame, a manifestação em

¹²⁷ La bande venait d'apercevoir Maigrat, sur la toiture du hangar. Dans sa fièvre, malgré sa lourdeur, il avait monté au treillage avec agilité, sans se soucier des bois qui cassaient; et maintenant, il s'aplatissait le long des tuiles, il s'efforçait d'atteindre la fenêtre. Mais la pente se trouvait très raide, il était gêné par son ventre, ses ongles s'arrachaient. Pourtant, il se serait traîné jusqu'en haut, s'il ne s'était mis à trembler, dans la crainte de recevoir des pierres; car la foule, qu'il ne voyait plus, continuait à crier sur lui:

[...]

Et brusquement, ses deux mains lâchèrent à la fois, il roula comme une boule, sursauta à la gouttière, tomba en travers du mur mitoyen, si malheureusement qu'il rebondit du côté de la route, où il s'ouvrit le crâne, à l'angle d'une borne. La cervelle avait jailli. Il était mort.

[...]

Déjà la Mouquette le découloittait, tirait le pantalon, tandis que la Levaque soulevait les jambes. Et la Brûlé, de ses mains sèches de vieille, écarta les cuisses nues, empoigna cette virilité morte. Elle tenait tout, arrachant, dans un effort qui tendait sa maigre échine et faisait craquer ses grands bras. Les peaux molles résistaient, elle dut s'y reprendre, elle finit par emporter le lambeau, un paquet de chair velue et sanglante, qu'elle agita, avec un rire de triomphe

[...]

- Ah! bougre, tu n'empires plus nos filles!

- Oui, c'est fini de te payer sur la bête, nous n'y passerons plus toutes, à tendre le derrière pour avoir du pain.

[...]

La Brûlé, alors, planta tout le paquet au bout de son bâton; et, le portant en air, le promenant ainsi qu'un drapeau, elle se lança sur la route, suivie de la débandade hurlante des femmes.

Germinal não mira o sistema que normaliza tais violências, e a convocação da greve geral política não se materializa na tomada das instituições do estado e na criação de uma nova ordem de direito.

Logo, a crítica da violência tecida por Benjamin e na qual inspiramos a leitura desse capítulo, revela-se insuficiente para a análise dos atos de violência praticados pelos operários durante a manifestação. Embora a revolta dos carvoeiros encontre motivo na forma mesma da ordenação de direito sob a qual vivem, suas ações, neste momento da narrativa, não se dirigem contra o Estado, mas contra indivíduos, algo que a análise benjaminiana não abarca. Dessa forma, é necessário que recorramos ao texto de Slavoj Žižek, *Violência*, para prosseguirmos com nossa análise. A violência dos grevistas de Montsou, apesar de discursivamente se manifestar como aquela que Benjamin caracterizaria como mítica - pois na floresta, antes da manifestação, Étienne conclama seus companheiros a se levantarem contra o capital e sua manifestação sob a forma do Estado burguês -, materializa-se de maneira mais próxima daquilo que Žižek, classifica como uma violência subjetiva, pois é experimentada “contra o pano de fundo de um grau zero de não violência” e percebidas “como a perturbação de um estado de coisas normal e pacífico”¹²⁸ e, finalmente, não gera nenhum prejuízo ao sistema.

No calor do momento, por outro lado, o olhar burguês, incapaz de compreender a revolta de seus antagonistas, apreende o movimento como o prenúncio do fim do mundo, da aniquilação de uma ordem que os sustentava como classe dominante. Ainda escondida no celeiro, a comitiva de burgueses percebe a cena que se passava na estrada da seguinte maneira:

Era a visão vermelha da revolução que a todos, fatalmente, arrastaria, numa dessas noites sangrentas de fim de século. Sim, numa noite, o povo cansado, descontrolado, galoparia pelas estradas e escorreria o sangue dos burgueses, ele exibiria suas cabeças e derramaria o ouro de seus cofres eviscerados. As mulheres uivariam e os homens iriam escancarar suas mandíbulas de lobo, prontos para morder. Sim, seriam os mesmos esfarrapados, o mesmo estrondo causado por seus sapatos pesados, a mesma multidão assustadora, de pele suja e hálito pestilento, varrendo o velho mundo, sob seu ataque avassalador e bárbaro. Arderiam incêndios, não restaria pedra sobre pedra nas cidades, a humanidade voltaria à vida selvagem, em meio às árvores, após o grande cio, o grande festim, quando os pobres, em uma noite, esgotariam as mulheres e esvaziariam as adegas dos ricos. Não restaria mais nada, nem um centavo das fortunas, nem um título comprado, até o dia em que, talvez, um novo mundo germinaria. Sim, eram essas coisas que passavam pela estrada, como uma força da natureza, e um vento terrível os açoitava o rosto.¹²⁹ (ZOLA, 2013, 485)

¹²⁸ ŽIZEK, 2014, p. 17-18

¹²⁹ C'était la vision rouge de la révolution qui les emporterait tous, fatalement, par une soirée sanglante de cette fin de siècle. Oui, un soir, le peuple lâché, débridé, galoperait ainsi sur les chemins; et il ruissellerait du sang bourgeois, il promènerait des têtes, il sèmerait l'or des coffres éventrés. Les femmes hurleraient, les hommes auraient ces mâchoires de loups, ouvertes pour mordre. Oui, ce seraient les mêmes guenilles, le même tonnerre de gros sabots, la même cohue

Na passagem, o vento terrível da revolução açoita o rosto da comitiva de burgueses que se esconde no celeiro e empresta ao narrador seu olhar de espectador privilegiado para que o mesmo descreva a cena. Entretanto, filtrada pela ideologia burguesa, a manifestação dos mineiros de Montsou ganha tons apocalípticos, anunciando a destruição do mundo civilizado, tal e qual essas personagens conheciam. O resultado não é outro senão a mobilização do exército imperial pelo prefeito da região, nos dias que se seguiram à manifestação:

Novamente as autoridades percorreram as estradas: o prefeito de Lille, um procurador e um general. Os guardas não foram suficientes e a tropa veio ocupar Montsou, um regimento inteiro montou acampamento de Beaugnie à Marchiennes. Tropas armadas guardavam os poços e havia soldados diante de cada máquina. A mansão do diretor, os terrenos da Companhia, até as casas de alguns burgueses estavam cercadas de baionetas. Ao longo das estradas só se ouvia a passagem lenta das patrulhas. Sobre o pátio da Voreux, via-se plantada continuamente uma sentinela, como alguém que vigiava a planície em meio às rajadas de um vento gelado que soprava lá em cima.¹³⁰ (ZOLA, 2013, p.513)

Dessa forma, vivendo sob o patrulhamento constante das forças imperiais, Montsou via a greve se agravar e as minas se esvaziarem. A Companhia, após a manifestação, “se contentava em preparar as listas de demissão e devolver, em massa, as cartas de trabalho”¹³¹, e os burgueses “acordavam sobressaltados todas as noites, ouvindo soar um alarme imaginário, e com as narinas impregnadas de um odor de pólvora”¹³². Por outro lado, enquanto a obstinação dos mineiros aumentava diante dessa demonstração de forças do Estado, Étienne - a quem as autoridades tinham eleito como o principal responsável pelas

effroyable, de peau sale, d'haleine empestée, balayant le vieux monde, sous leur poussée débordante de barbares. Des incendies flamberaient, on ne laisserait pas debout une pierre des villes, on retournerait à la vie sauvage dans les bois, après le grand rut, la grande ripaille, où les pauvres, en une nuit, efflanqueraient les femmes et videraient les caves des riches. Il n'y aurait plus rien, plus une sou des fortunes, plus un titre des situations acquises, jusqu'au jour où une nouvelle terre repousserait peut-être. Oui, c'étaient ces choses qui passaient sur la route, comme une force de la nature, et ils en recevaient le vent terrible au visage.

¹³⁰ De nouveau, les autorités avaient battu les routes: le préfet de Lille, en procureur, un général. Et les gendarmes n'avaient pas suffi, de la troupe était venue occuper Montsou, tout un régiment, dont les hommes campaient de Beaugnies à Marchiennes. Des postes armés gardaient les puits, il y avait des soldats devant chaque machine. L'hôtel du directeur, les Chantiers de la Compagnie, jusqu'aux maisons de certains bourgeois, s'étaient hérissées de baïonnettes. On n'entendait plus, le long du pavé, que le passage lent des patrouilles. Sur le terri du Voreux, continuellement, une sentinelle restait plantée, comme une vigie au-dessus de la plaine rase, dans le coup de vent glacé qui soufflait là-haut...

¹³¹ On se contentait, à la Direction, de dresser des listes de renvoi, on rendait les livrets en masse... (ZOLA, 2013, p. 515)

¹³² À Montsou, dès lors, les bourgeois s'éveillèrent en sursaut chaque nuit, les oreilles bourdonnantes d'un tocsin imaginaire, les narines hantées d'une puanteur de poudre. (*Ibidem*)

ações dos manifestantes¹³³ - se escondia numa mina abandonada alimentando ideias que ele não acreditava poder ter:

Era uma sensação de superioridade que deixava de lado seus camaradas, uma exaltação de si mesmo à medida que ele se instruíra. Ele nunca havia refletido tanto, se perguntava o motivo de seu desgosto no dia seguinte à terrível marcha através das minas; e não ousava responder à suas próprias questões, suas lembranças o repugnavam, a baixeza daquelas paixões, a grosseria dos instintos, o odor de toda essa miséria lançada ao vento. [...] Que náusea, esses miseráveis amontoados, comendo no cocho comum! Ninguém com quem falar com seriedade sobre política, uma existência de gado, respirando sempre o mesmo ar sufocante de cebola. Ele queria expandir seus horizontes, ofertar-lhes o bem-estar e as boas maneiras da burguesia, transformá-los nos mestres [...] Lentamente, o orgulho de ser o chefe deles, sua preocupação constante em pensar no lugar deles, o alcançava, inspirava nele a alma de um desses burgueses que ele execrava.¹³⁴ (ZOLA, 2013, p. 518)

Numa galeria escura da Réquillart, mina há anos abandonada, as reflexões de Étienne denunciavam que sua luta não era mais revolucionária, no sentido benjaminiano. Suas aspirações eram burguesas, ele queria permitir que seus companheiros usufríssem do bem-estar e da cultura burguesa e liderá-los nessa luta o enchia de uma vaidade que o igualava aos burgueses que ele mesmo abominava. Em consequência, também as considerações de Étienne revelam que a violência desse movimento, longe de querer inaugurar uma nova sociedade, aspirava principalmente a uma participação mais igualitária nesse sistema que, no mais, teria suas estruturas conservadas.

Destarte, nessa luta travada entre o capital e o trabalho, vê-se sobretudo manifestações de uma violência subjetiva por parte dos mineiros - uma vez que suas ações não se voltam contra as estruturas do sistema capitalista, mas contra indivíduos que nada poderiam mudar nessa ordenação social que é a razão objetiva da condição do operário, mas que são, entretanto, a causa imediata de suas mazelas cotidianas. Por outro lado, a violência mítica ou objetiva¹³⁵, que é a violência perpetrada no momento da instauração de

¹³³ Et toute la sévérité [des autorités] retombait sur Étienne, disparu depuis le soir de la bagarre, et qu'on cherchait sans pouvoir retrouver sa trace. Chaval, dans sa haine l'avait dénoncé, en refusant de nommer les autres... (*Ibidem*)

¹³⁴ C'était une sensation de supériorité qui le mettait à part des camarades, une exaltation de sa personne, à mesure qu'il s'instruisait. Jamais il n'avait tant réfléchi, il se demandait pourquoi son dégoût, le lendemain de la furieuse course au travers des fosses; et il n'osait se répondre, des souvenirs le répugnait, la bassesse des convoitises, la grossièreté des instincts, l'odeur de toute cette misère secouée au vent. Malgré le tourment des ténèbres, il en arrivait à redouter l'heure où il rentrerait au coron. Quelle nausée, ces misérables en tas, vivant au baquet commun! Pas un avec qui causer politique sérieusement, une existence de bétail, toujours le même air empesté d'oignon où l'on étouffait! Il voulait élargir le ciel, les élever au bien-être et aux bonnes manières de la bourgeoisie, en faisant d'eux les maîtres; mais comme ce serait long! et il ne se sentait plus le courage d'attendre la victoire d'être leur chef, sa préoccupation constante de penser à leur place, le dégageaient, lui soufflait l'âme d'un de ces bourgeois qu'il exéçrait.

¹³⁵ Quando Benjamin sustenta que a violência mítica é idêntica a toda violência instauradora do direito (BENJAMIN, 2013, p. 148) e que a mesma continua a existir sob a forma da ameaça (*Ibidem*, p. 150), o filósofo busca detalhar o caráter arquetípico de tal violência. Nesse sentido, é Zizek que

uma ordem de direito e ministrada pelo Estado visando sua conservação, é dramatizada no romance pelas ações do capital. Tal violência se manifesta, visando manter o controle dos meios de produção e das estruturas do próprio Estado, não só como “violência física direta, mas também” como “formas mais sutis de coerção que sustentam as relações de dominação”¹³⁶.

Assim, num primeiro momento o capital reagiu à greve pela inação, reconhecendo o direito dos mineiros de lutar por melhorias em suas condições de trabalho e cedendo à classe operária o direito de greve; ele o faz com o objetivo de diminuir as tensões entre a classe trabalhadora e a classe dominante - consequência inevitável do funcionamento do sistema tal como ele é apresentado no romance. Entretanto, diante da tenacidade dos operários que não só resistem à miséria gerada pela paralisação como conseguem conquistar novos adeptos ao movimento, ainda que à força, e generalizar a greve, o capital age chantageando os carvoeiros com ameaças de demissão e intimidando-os com o uso das forças policiais. Finalmente, sem querer ceder às demandas dos operários e não vendo outra saída, a Companhia executa um plano de demissão em massa dos grevistas visando convencer os mineiros menos implicados no movimento a retomar os trabalhos e contratando operários belgas para substituir aqueles que foram mandados embora.

Dessa forma, numa ação conjunta com a direção da Companhia, que buscava de uma vez por todas sufocar o movimento, e o prefeito de Lille, os mineiros belgas são contratados e a cidade de Montsou é ocupada na sexta parte do romance pela polícia, e um grupamento do exército é deslocado para a mina da Voreux, a fim de proteger os novos operários, escondidos na propriedade no calar da noite¹³⁷. Os carvoeiros de Montsou, após se inteirarem da situação, reúnem-se em frente à mina, onde travam um embate com o capitão do grupamento narrado no capítulo final da sexta parte do romance:

[...] ela [Cathérine] tentava entender o que ele [Étienne] dizia, agora, aos soldados. Ele os chamava de camaradas, os lembrava que eles eram parte do povo, e que deveriam estar com o povo, contra os que exploravam sua miséria.

discorre de forma mais específica sobre o caráter de uma violência objetiva, que conserva a forma arquetípica da violência mítica, pois é, também, instauradora e mantenedora do direito, quando diz que tal violência reside “na dança metafísica e autopropulsora do capital que dirige o espetáculo [social]” (ZIZEK, 2014, p. 25), que é ela que fornece as “as chaves dos desenvolvimentos e das catástrofes que têm lugar na vida real (*Ibidem*). Para o filósofo esloveno, tal violência “não pode ser atribuída a indivíduos concretos e às suas ‘más’ intenções, mas é puramente ‘objetiva’, sistêmica anônima” (*Ibidem*, p. 26)

¹³⁶ ZIZEK, 2014, p.23-24

¹³⁷ On venait de fermer toutes les ouvertures du Voreux; et les soixante soldats, l'arme au pied, barraient la seule porte restée libre, celle qui menait à la recette, par un escalier étroit, où s'ouvraient la chambre des porions et la baraque. Le capitaine les avait alignés sur deux rangs, contre le mur de briques, pour qu'on ne pût les attaquer par-derrière.

- Que personne n'entre et que personne ne sorte! Faut les [les belges] pincer tous là-dedans! (ZOLA, 2013, p. 571 - 572)

Mas houve uma grande agitação em meio à multidão, e dali irrompeu uma velha. Era a Brûlé, de uma magreza assustadora, com seu pescoço e seus braços descobertos, acercando-se num galopar que fazia com que suas mechas de cabelos cinzas caíssem sobre seus olhos.

[...]

Sem esperar, ela voltou-se contra os soldados, vomitando injúrias por sua boca negra.

- Bando de canalhas! de crápulas! Isso vive a lamber as botas de seus superiores, eles só têm coragem de lutar contra o pobre!

Então, os outros se juntaram à ela, e foi uma enxurrada de insultos. Alguns ainda gritavam: "Viva os soldados! Morte ao oficial!" Mas em pouco tempo não se ouvia outra coisa além de um único clamor: "Abaixo os calças vermelhas!" Esses homens que haviam escutado impassíveis, com o semblante imóvel e mudos, os chamados à fraternidade, as tentativas amigáveis de cooptá-los, guardavam a mesma rigidez passiva, sob essa chuva de palavrões. Atrás deles, o capitão havia desembainhado sua espada; e como a multidão os espremia cada vez mais, ameaçando esmagá-los contra o muro, ele ordenou que cruzassem baionetas. Eles obedeceram, e uma fila dupla de pontas de aço afiadas foi apontada para o peito dos grevistas.¹³⁸ (ZOLA, 2013, p. 576-577)

Diante da mina já ocupada pelas tropas, Étienne tenta convencer os soldados a abandonar seus postos, e faz apelos, ignorados marcialmente pelos membros do exército imperial, os calças vermelhas, à sua consciência de classe. Efeito contínuo, diante da impassividade de seus antagonistas, a fúria dos grevistas aumenta e à avalanche de insultos juntam-se as pedras arrancadas, pelos operários de Montsou, do calçamento:

Sob essa rajada e pedras, a pequena tropa desaparecia. [...] O que fazer? A ideia de entrar e virar as costas, invadiu-o por um instante fazendo enrubescer o semblante do capitão; mas isso não era mais possível, eles estariam entregues se ousassem o mínimo movimento. Um tijolo acabara de quebrar a viseira de seu quepe, e gotas de sangue escorriam por seu rosto. Vários de seus homens estavam machucados; e ele percebia que estavam perdendo a calma, tomados por um instinto de autodefesa que os fazia ignorar os chefes. O sargento já havia gritado uma blasfêmia, com o ombro direito deslocado, a carne esfolada pelo choque surdo, parecido com golpes de bastão de uma lavadeira sobre a roupa molhada. Atingido duas vezes, o recruta estava com o dedão machucado, enquanto um ralado no joelho

¹³⁸[...] elle tâchait d'entendre ce qu'il disait maintenant aux soldats. Il les traitait de camarades, il leur rappelait qu'ils étaient du peuple, eux aussi, qu'ils devaient être avec le peuple, contre les exploiters de leur misère.

Mais il y eut dans la foule une longue secousse, et une vieille femme déboula. C'était la Brûlé, effrayante de maigre, le cou et les bras à l'air, accourue d'un tel galop, que des mèches de cheveux gris l'aveuglaient.

[...]

Sans attendre, elle tomba sur l'armée, la bouche noire, vomissant l'injure.

- Tas de canailles! tas de crapules! ça lèche les bottes de ses supérieurs, ça n'a de courage que contre le pauvre monde!

Alors, les autres se joignirent à elle, ce furent des bordées d'insultes. Quelques-uns criaient encore: "Vivent les soldats! au puits l'officier!" Mais bientôt il n'y eut plus qu'une clameur: "À bas les pantalons rouges!" Ces hommes qui avaient écouté impassibles, d'un visage immobile et muet, les appels à la fraternité, les tentatives amicales d'embauchage, gardaient la même raideur passive, sous cette grêle de gros mots. Derrière eux, le capitaine avait tiré son épée; et, comme la foule les serrait de plus en plus, menaçant de les écraser contre le mur, il leur commanda de croiser baïonnettes. Ils obéirent, une double rangée de pointes d'acier s'abattit devant les poitrines des grévistes.

direito o irritava: por quanto tempo a gente se deixaria irritar? Uma pedra, tendo ricocheteado e atingido um velho veterano, fez com que suas pernas enfraquecessem e sua arma tremesse e apontasse sustentada por seus braços magros. Três vezes, o capitão esteve a ponto de comandar fogo. Uma angústia o sufocava, uma luta interminável, que durou segundos, despertava dentro dele ideias e deveres, todas as suas crenças de homem e de soldado. A chuva de tijolos redobrava, e sua boca se abria, ele ia gritar: Fogo! Quando os fuzis dispararam sem seu comando, primeiro foram três tiros, depois cinco, em seguida um tiroteio do pelotão, e finalmente um único disparo, muito tempo depois, em meio a um grande silêncio. Foi um estupor. Eles haviam atirado, a multidão chocada estava imóvel, sem, ainda, acreditar. Mas ergueram-se gritos dilacerantes, enquanto a trombeta soava o cessar fogo. E depois um pânico louco, um galopar de rebanho fuzilado, desvairado em meio à lama.¹³⁹ (ZOLA, 2013, p. 585)

Logo, a última tentativa dos mineiros de lutar contra o capital, seu último ato de greve, termina com o fuzilamento dos grevistas e resulta na morte de dez deles, dentre os quais se encontrava Maheu. É interessante notar que, da cena, participam apenas os soldados e os grevistas; o Sr. Hennebeau, isolado em sua mansão, mais preocupado com a traição de sua esposa e seu sobrinho, se abstém de qualquer negociação para tentar diminuir a tensão e evitar a tragédia; Négrel e Dansaert, os responsáveis pela condução dos trabalhos no dia, se aquartelam num escritório da Voreux de onde assistem ao massacre. Em consequência, fica a cargo do Capitão, comandante da tropa, a negociação com os grevistas mas, o mesmo, diante da fúria agressiva dos mineiros, não consegue controlar sua tropa que acaba abrindo fogo contra os primeiros.

Assim, uma primeira leitura do trecho, atenta unicamente ao encadeamento das ações que levam ao assassinato dos grevistas e, conseqüentemente, percebe a ação direta dos mineiros revoltosos como uma justificativa para a resposta, em todo caso desproporcional, do exército imperial, deve ser contraposta a uma leitura atenta à urdidura que serve de plano de fundo, supostamente neutro, a ser entrelaçado pela trama que compõe a passagem citada acima e faz parecer o massacre com um ato de “autodefesa”.

¹³⁹ Sous cette rafale de pierres, la petite troupe disparaissait. Heureusement elles tapaient trop haut, le mur en était criblé. Que faire? l'idée de rentrer, de tourner le dos, empourpra un instant le visage pâle du capitaine; mais ce n'était même plus possible, on les écharperait, au moindre mouvement. Une brique venait de briser la visière de son képi, des gouttes de sang coulaient de son front. Plusieurs de ses hommes étaient blessés; et il les sentait hors d'eux, dans cet instinct débridé de la défense personnelle, où l'on cesse d'obéir aux chefs. Le sergent avait lâché un nom de Dieu! l'épaule gauche à moitié démontée, la chair meurtrie par un choc sourd, pareil à un coup de battoir dans du linge. Éraflée à deux reprises, la recrue avait un pouce broyé, tandis qu'une brûlure l'agaçait au genou droit: est-ce qu'on se laisserait embêter longtemps encore? Une pierre ayant ricoché et atteint le vieux chevronné sous le ventre, ses joues verdirent, son arme trembla, s'allongea, au bout de ses bras maigres. Trois fois, le capitaine fut sur le point de commander le feu. Une angoisse l'étranglait, une lutte interminable de quelques secondes heurta en lui des idées, des devoirs, toutes ses croyances d'homme et de soldat. La pluie des briques redoublait, et il ouvrait la bouche, il allait crier: Feu! lorsque les fusils partirent d'eux-mêmes, trois coups d'abord, puis cinq, puis un roulement de peloton, puis un coup tout seul, longtemps après, dans le grand silence. Ce fut une stupeur. Ils avaient tiré, la foule béante restait immobile, sans le croire encore. Mais des cris déchirants s'élevèrent, tandis que le clairon sonnait la cessation du feu. Et il y eut une panique folle, un galop de bétail mitraillé, une fuite éperdue dans la boue.

A leitura do massacre do mineiros de Montsou, deve levar em conta a configuração da violência, que chamamos aqui de mitológica, responsável pela ordenação desse mundo habitado por Étienne, pelos carvoeiros de Montsou e por seus antagonistas, sejam eles soldados ou burgueses. Tal violência é a responsável pela instauração de uma ordem de direito baseada na subalternização e exploração de uma parcela da sociedade pela classe dominante, no caso a burguesia, e pela manutenção de tal ordem sob a forma da ameaça - de prisão, de violência física e da aplicação de formas mais sutis de dominação.

Em *Germinal*, ao definir o núcleo da intriga como a luta entre o capital e o trabalho, Émile Zola se esforçou, segundo Salette de Almeida Cara, por representar um mundo no qual “desenvolvimento do capitalismo lançara a classe trabalhadora contra uma burguesia que não mais acreditava trazer o futuro consigo e estava decidida a esmagar qualquer sinal de alternativa a seu domínio”¹⁴⁰. No romance, esse mundo é representado como uma totalidade fragmentada - resultado de uma divisão social do trabalho atravessada pelas relações entre os homens e os novos meios de produção e de acumulação de dinheiro - habitada por personagens construídos fisicamente e psicologicamente segundo a função social que realizavam nesse sistema, por exemplo: se de um lado existiam os mineiros anêmicos e submissos, até a chegada de Étienne - elemento desestabilizador da ordem - de outro os havia burgueses gordos e tiranos. Efeito contínuo, as ações tanto dos soldados como dos mineiros na cena acima são consequência desse sistema que, segundo a divisão social do trabalho, proporciona aos indivíduos uma experiência fragmentada da realidade e impede tanto soldados quanto mineiros de se reconhecerem como classe explorada, apesar dos apelos de Étienne para que os primeiros atentassem para tal fato.

Logo, representando o poder imperial estabelecido como instituição mantenedora de uma ordem que garantisse, como lembra Engels¹⁴¹, a livre realização das atividades burguesas, resumidas pela especulação financeira e pela atividade industrial, os soldados agem, como revela o narrador, sobretudo de acordo com suas crenças de soldados, ainda que estas sejam contrárias à sua natureza humana, e por isso mantém posição e impedem a todo custo a entrada dos mineiros na Voreux. Estes, por sua vez, ainda que liderados por Étienne, um dos poucos personagens que, junto à Souvarine e Rasseneur, têm uma visão universalizante do sistema em que vivem, são incapazes de reconhecer o homem por trás da farda de soldado que o desumaniza, e atacam o exército pois este representa o peso da violência direta exercida pelo Estado com o objetivo de preservar a ordem burguesa.

Em suma, uma leitura atenta à violência da greve em *Germinal* revela que as cenas de morte e destruição protagonizadas pelos grevistas na quinta e na sexta parte do romance são, antes de tudo, resultado de uma violência mitológica que guarda a dupla

¹⁴⁰ CARA, 2009, p. 45

¹⁴¹ ENGELS, apud CARA, 2009, p. 21

função de fundadora e mantenedora de um estado de direito, ou seja, da ordem do sistema capitalista tal e qual retratado nas duas primeiras partes do livro. Consequência de seu caráter conservador, o Estado, gestor dessa ordem instaurada, concede às classes dominadas o direito ao uso da violência sob a forma da greve e da chantagem a fim de diminuir as tensões causadas pelo conflito de classes que lhe é inerente, até o ponto em que a greve ameace sua integridade. É nesse momento em que as ferramentas de controle social das classes dominantes são mobilizadas, primeiro sob a forma da ameaça da fome e depois sob a forma assassina da convocação do exército imperial para pôr fim ao conflito. Nesse sentido, a força da violência mitológica é sentida pelos mineiros tanto em sua vida cotidiana quanto nos momentos de exceção representados pela greve como uma forma de governabilidade que outrora Achille Mbembe chamou de necropolítica, assunto que discutiremos no capítulo seguinte.

4. Germinal - Da biopolítica à necropolítica

Muito obrigada, mas realmente não devia estar a incomodar-se, depois do que conversamos lá no cemitério pensei que não há grande diferença entre as coisas e as pessoas, têm a sua vida, duram um tempo, e em pouco acabam, como tudo no mundo, Ainda assim, se um cântaro pode substituir outro cântaro [...] o mesmo não acontece com as pessoas, é como se no nascimento de cada uma se partisse o molde de que saiu, por isso é que as pessoas não se repetem, As pessoas não saem de dentro de moldes. (SARAMAGO, José. *A caverna*. 2017, p.64)

O massacre dos mineiros de Montsou discutido no capítulo anterior se faz ouvir até em Paris e torna-se, como revela o narrador na abertura da última parte do romance, objeto de discussão nos diversos jornais da oposição¹⁴². Assim, a pressão da opinião pública, mobilizada pela imprensa oposicionista, leva o Império a ordenar que a Companhia pusesse fim à greve¹⁴³, ordem que é prontamente atendida. Após receber um comunicado oficial do governo, o conselho administrativo da Companhia, reunido na sede de Montsou, decide-se pela demissão dos belgas contratados para substituir os grevista, ordena a desocupação das minas pelas forças policiais, faz colar, por toda a cidade, cartazes prometendo que a direção examinaria novamente os termos dos grevistas e reabriria os poços para que os operários prudentes e de boa vontade pudessem voltar aos trabalhos¹⁴⁴. Além disso, diante da obstinação dos mineiros a continuar em greve, a direção vai além e anuncia o perdão a

¹⁴² Les coups de feu de Montsou avaient retenti jusqu'à Paris, en un formidable écho. Depuis quatre jours, tous les journaux de l'opposition s'indignaient, étalaient en première page des récits atroces... (ZOLA, 2013, p. 592)

¹⁴³ L'empire, atteint en pleine chair par ces quelques balles, affectait le calme de toute-puissance, sans se rendre compte lui-même de la gravité de sa blessure. C'était simplement une collision regrettable, quelque chose de perdu, là-bas, dans le pays noir, très loin de l'opinion. On oublierait vite, la Compagnie avait reçu l'ordre officieux d'étouffer l'affaire et d'en finir avec cette grève, dont la durée irritante tournait au péril social. (*Ibidem*)

¹⁴⁴ On avait rabattu les persiennes de la Régie, le vaste bâtiment semblait revivre; et les messieurs très affectés par la catastrophe, accourus pour ouvrir les bras paternels aux égarés du coron. [...] D'abord, ils congédièrent les Borains [...] Puis ils firent cesser l'occupation militaire des fosses, que les grévistes écrasés ne menaçaient plus [...]

Mais ce qui remua particulièrement le pays, ce furent les grands affiches jaunes que les régisseurs firent coller à profusion sur les murs. On y lisait... : Ouvriers de Montsou, nous ne voulons pas que les égarement dont vous avez vu ces jours derniers les tristes effets privent de leurs moyens d'existence les ouvriers sages et de bonne volonté. Nous rouvrirons donc toutes les fosses lundi matin, et lorsque le travail sera repris, nous examinerons avec soin et bienveillance les situations qu'il pourrait y avoir lieu d'améliorer. Nous ferons enfin tout ce qu'il sera juste et possible de faire. (*Ibidem* p. 592-593)

todos os operários que haviam sido demitidos durante o movimento desde que os mesmos se comprometessem a voltar ao trabalho o mais rápido possível¹⁴⁵.

Porém, longe de Paris, onde os resultados da greve eram usados pela oposição para pressionar o governo, que não tinha outra opção a não ser ordenar que a Companhia terminasse de uma vez por todas com o movimento, a reação da burguesia de Montsou aos eventos que levaram ao fim da greve era outra. Diferentemente da opinião pública parisiense, a burguesia da pequena cidade carbonífera se regozijava com o fim do movimento e comemorava, como uma vitória, o resultado sangrento do mesmo, como revela o narrador no final do primeiro capítulo da sétima parte do romance, quando conta como foi o jantar de noivado de Cécile e Négrel:

Tudo se passou da melhor forma possível. A Sra. Hennebeau se mostrou encantadora com Cécile e sorriu para Négrel quando o notário de Montsou galantemente propôs um brinde à alegria do futuro casal. O Sr. Hennebeau foi, também, muito amável. Seu ar sorridente conquistou os convivas, corria um boato de que, tendo caído nas graças da administração, ele seria, em breve, condecorado oficial da Legião de Honra pela forma enérgica com que havia controlado a greve. Evitava-se falar dos últimos acontecimentos, mas havia um tom triunfal na alegria geral, o jantar tornava-se a celebração oficial de uma vitória. Finalmente, estavam livres, era possível voltar a comer e a dormir em paz! Uma discreta alusão foi feita aos mortos, de quem o sangue a lama da Voreux mal acabara de absorver: era uma lição necessária, e todos se compadeceram, quando os Grégoire disseram que, agora, o dever de todos era o de cuidar das chagas dos mineiros nos cortiços. Eles haviam retomado sua placidez benevolente, desculpando os bravos mineiros, vendo-os dar, no fundo das minas, o bom exemplo de uma resignação secular.¹⁴⁶ (ZOLA, 2013, p. 605)

Oposta à reação da opinião pública parisiense, manipulada em meio a um jogo político em que o tratamento pragmático de tais eventos pela imprensa, seja para fazer oposição ao governo seja para obter apoio para o mesmo, é prática corriqueira, a reação dos burgueses de Montsou, que parecem alheios ao que se passa na capital é, talvez, mais franca. Diante do massacre dos grevistas, o regozijo das personagens presentes no casamento de Cécile e Négrel revela um aspecto da sociedade burguesa que mesmo os jornais de oposição são incapazes de revelar, qual seja, o fato de que a classe dominante

¹⁴⁵ C'était de grands placards jaunes que la Compagnie avait encore fait coller dans la matinée. Elle s'y montrait plus nette et plus conciliante, elle promettait de reprendre le livret des mineurs qui redescendraient le lendemain. Tout serait oublié, le pardon était offert même aux plus compromis.

¹⁴⁶ Tout se passa le mieux du monde. Mme Hennebeau se montra charmante pour Cécile, et elle sourit à Négrel, lorsque le notaire de Montsou, galamment, proposa de boire au bonheur du futur ménage. M. Hennebeau fut aussi très aimable. Son air riant frappa le convives, le bruit courait que, rentré en faveur auprès de la Régie, il serait bientôt fait officier de la Légion d'honneur, pour la façon énergique dont il avait dompté la grève. On évitait de parler des derniers événements, mais il y avait du triomphe dans la joie générale, le dîner tournait à la célébration officielle d'une victoire. Enfin, on était donc délivré, on recommençait à manger et à dormir en paix! Une allusion fut discrètement faite aux morts dont la boue du Voreux avait à peine bu le sang: c'était une leçon nécessaire, et tous s'attendrirent, quand les Grégoire ajoutèrent que, maintenant, le devoir de chacun était d'aller panser les plaies, dans les corons.

dessa sociedade apreende o mundo como sendo habitado por dois tipos de indivíduos que, segundo o lugar social que ocupam, devem ser tratados como descartáveis e passíveis de ser mortos ou dignos de ser alvo dos esforços do Estado para a conservação de sua vida.

No trecho, a insurreição dos mineiros que tira o sono dos burgueses de Montsou e os impede de levar a vida tranquila de sempre serve de justificativa para a reação mortífera do estado. Como revela a visão dos Grégoire nas últimas linhas do trecho citado, a lição necessária que os mineiros deveriam aprender era a de aceitar de forma resignada seu destino - ainda que isso significasse viver miseravelmente, sempre assombrados pela fome -, caso contrário, as classes dominantes, por intermédio do Estado, se reservavam o direito de empregar a força mortífera do exército e da polícia com a prerrogativa de defender a ordem de direito ameaçada pelos insurgentes. Em resumo, segundo a lógica burguesa, ao operário restam duas opções, a saber, morrer lentamente de miséria e fome, ou de uma só vez como resultado da reação estatal em caso de insurgência. Neste capítulo pretendemos estudar a maneira pela qual opera o discurso burguês, que justifica a classificação do operário com sujeitos matáveis, na ordenação capitalista, e como essa construção discursiva se alia aos outros aspectos dessa sociedade discutidos neste trabalho integrando duas técnicas essenciais para a prática da soberania na sociedade moderna, quais sejam, a *biopolítica* e a *necropolítica*.

Segundo Silvio Almeida, quando Foucault cunha o termo *biopoder*, o autor francês o associa a uma forma de soberania que se caracteriza pelo “poder de suspensão da morte, de fazer viver e deixar morrer”¹⁴⁷. O filósofo e jurista brasileiro lembra que para Foucault “a saúde pública, o saneamento básico, as redes e transporte e abastecimento, a segurança pública são exemplos de poder estatal sobre a manutenção da vida, sendo que sua ausência seria o deixar morrer”¹⁴⁸; em resumo, com as mudanças socioeconômicas ocorridas no século XIX, o poder estatal, a soberania, deixa de ser o poder de tirar a vida e passa a se exercer através de um conjunto de ações que permitiriam o prolongamento da vida humana¹⁴⁹.

Porém, como visto no primeiro capítulo, a sociedade de *Germinal* é dividida em duas classes que se diferenciam, sobretudo, por seu nível de exposição à fome e aos perigos da natureza que os ameaçam de morte. Se por um lado, o mundo ficcional que abriga essas classes antagônicas é inteiramente estruturado com o objetivo de prolongar a vida da classe dominante da melhor forma possível, ou seja, em meio ao luxo e longe dos perigos que oferece o mundo natural, por outro há uma classe de personagens que é deixada à sua própria sorte. Como revelam as conversas que travavam Étienne e os Maheu, todas as

¹⁴⁷ ALMEIDA, 2021, p. 114

¹⁴⁸ *Ibidem*

¹⁴⁹ *Ibidem*

noites, no pequeno cômodo que os últimos usavam de sala de estar e cozinha, e que ocupava todo andar térreo de sua casa, a estrutura dessa sociedade funcionava de forma oposta ao que acontecia com a burguesia e de nada servia para prolongar a vida dos operários:

Não, certamente a vida não era nada fácil. Trabalhavam como verdadeiras bestas num trabalho que fora, antigamente, a punição de criminosos nas galés; morriam ali muito antes do que o esperado, e tudo isso não servia nem para se ter um pedaço de carne para comer no jantar. É claro, ainda se tinha o que comer, mas era tão pouco que só servia para que se pudesse sofrer sem definhar, atolados em dívidas e perseguidos como ladrões. Quando chegava domingo, só se conseguia dormir de cansaço. Os únicos prazeres que tinham eram os de se embebedar ou fazer uma criança em sua mulher. (ZOLA, 2013, p. 259-260)¹⁵⁰

O trabalho dos mineiros era árduo e não só não era suficiente para mantê-los bem alimentados, como era responsável por encurtar significativamente sua vida. Como lembra Maheu no segundo capítulo da primeira parte do romance, não eram muitos os operários que chegavam aos quarenta e dois anos ainda conseguindo trabalhar¹⁵¹. Assim, o próprio sistema de personagens do romance dá a ver o contrassenso de um modo de exercício da soberania caracterizado por técnicas postas em prática visando o prolongamento da vida humana, mas que não se ocupa da mesma maneira de todos aqueles que vivem sob seu poder.

Silvio Almeida lembra que, na teoria foucaultiana, é o racismo que exerce o papel central na definição de qual parcela da sociedade seria digna de ações estatais de prolongamento da vida, e qual seria passível de tornar-se alvo de práticas assassinas. O autor lembra que:

O racismo tem, portanto, duas funções ligadas ao poder do Estado: a primeira é a de fragmentação, de divisão no contínuo biológico da espécie humana, introduzindo hierarquias, distinções, classificações de raça. O racismo estabelecerá a linha divisória entre superiores e inferiores, entre bons e maus, entre os grupos que merecem viver e os que merecem morrer, entre os que terão a vida prolongada e os que serão deixados para a morte, entre os que devem permanecer vivos e os que serão mortos. E que se entenda que a morte aqui não é apenas a retirada da vida, mas também é entendida como a exposição ao risco da morte, a morte política, a expulsão e a rejeição. (ALMEIDA, 2021, p. 115)

¹⁵⁰ Non, sûrement, la vie n'était pas drôle. On travaillait en vraies brutes à un travail qui était la punition des galériens autrefois, on y laissait la peau plus souvent qu'à son tour, tout ça pour ne pas même avoir de la viande sur la table, le soir. Sans doute on avait sa pâtée quand même, on mangeait, mais si peu, juste de quoi souffrir sans crever, écrasé de dettes, poursuivi comme si l'on volait son pain. Quand arrivait le dimanche, on dormait de fatigue. Les seuls plaisirs, c'était de se saouler ou de faire un enfant à sa femme [...]

¹⁵¹ ZOLA, 2013, p. 79

É verdade que em *Germinal* não estamos tratando do racismo como trata Silvio Almeida. No texto zoliano, o que opera essa fragmentação do contínuo biológico da espécie humana é, sobretudo, a divisão do trabalho no mundo capitalista. Porém, condenados a viver amontoados uns sobre os outros, sem ter o que comer e carregando em seus corpos as marcas da aspereza de seu trabalho, sob a pena do escritor naturalista essa divisão social ganha travo biológico. É notável como o narrador dá a ver, em suas descrições da família Maheu, como o elemento social evolui para um dado hereditário, marcando biologicamente toda uma comunidade de carvoeiros com o signo da anemia. Nesse sentido, o choro incessante de Estelle, no segundo capítulo da primeira parte do romance, é revelador:

Pouco a pouco, ela (a Maheude) precisou aumentar o tom, pois os gritos de Estelle abafavam sua voz. Esses gritos tornavam-se insuportáveis. Maheu, subitamente, pareceu escutá-los. Fora de si, ele pegou a pequena em seu berço, jogou-a sobre a cama da mãe, balbuciando de furor:
 - Toma! Pegue ela, eu vou esmagá-la... Maldita criança! Não lhe falta nada, isso só mama, e ainda assim se queixa mais alto que os outros! (ZOLA, 2013, p.79)¹⁵²

O choro de Estelle, incompreendido pelo pai, tem uma motivação bastante real. A razão de seus gritos não tem nada a ver com a quantidade de vezes por dia que a criança mama, mas sim com a quantidade de nutrientes presentes no leite materno. O estado anêmico da família, resultado de uma vida passada em situação de penúria alimentar, passa realmente de mãe para filho dando a um dado social um aspecto que superficialmente se assemelha a uma simples informação biológica. Assim, quando o narrador descreve Cathérine e seus irmãos, é recorrente que ele mencione “a palidez anêmica de toda a família”¹⁵³. Entretanto, o que aparentemente é informado como um dado hereditário ganha em complexidade quando consideramos o agenciamento que o narrador faz de dados sócio-econômicos para a formação dos personagens dando aos mesmos um travo de classe.

Em *Germinal*, porém, esse traço definidor da classe operária - a carência alimentar - não é suficiente para justificar sua condição de pessoas matáveis. Ele é, desde o início, o resultado da violência mítica, discutida no primeiro capítulo, que sustenta a ordenação dessa sociedade zoliana. Operadora da diferenciação entre as classes pelo narrador, a condição faminta dos mineiros depende de outra característica ainda mais importante pois

¹⁵² Peu à peu, elle avait dû hausser le ton, car le hurlement d'Estelle couvrait ses paroles. Ces cris devenaient insoutenables. Maheu parut tout d'un coup les entendre, hors de lui, et il saisit la petite dans le berceau, il la jeta sur le lit de la mère, en balbutiant de fureur:

- Tiens! Prends-la, je l'écraserais... Nom de Dieu d'enfant, ça tête, et ça se plaint plus haut que les autres!

¹⁵³ ZOLA,2013, p. 75

constitui a justificativa burguesa da condição operária. O discurso burguês, nesse caso, opera atribuindo ao comportamento selvagem do operário, dado tratado como característica inata de tal classe, sua condição social. Nesse sentido, a passagem em que a Maheude e os Grégoire conversam, na sala de jantar do casal de acionistas, enquanto esperam por uma empregada que traria as doações prometidas à mulher, é reveladora:

- Oh! Pobres crianças! exclamou Cécile, eles estão até pálidos por causa do frio!... Honorine, vá logo buscar o embrulho que está dentro do armário.

As empregadas, também, observavam esses miseráveis com um olhar de pena e uma ponta de inquietude daqueles que não precisam se preocupar com o que vão comer. Enquanto a criada subia, a cozinheira se deixou ficar e colocou o resto de brioche sobre a mesa, cruzando, em seguida, os braços.

- Justamente, continuava Cécile, eu ainda tenho vestidos de lã e lenços... Vocês vão ver, isso vai esquentar os pequeninos.

Finalmente encontrando sua língua, a Maheude, então, começou a gaguejar.

- Muito obrigada, senhorita... Vocês são todos muito bons...

Seus olhos se enchiam de lágrimas, ela estava certa de que conseguiria alguns trocados e apenas se preocupava com como iria pedi-los se eles não os oferecessem. Como a camareira não chegava, houve um momento embaraçoso de silêncio. Escondidos entre as saias da mãe, os pequenos contemplavam, de olhos arregalados, o brioche.

- Vocês só têm esses dois? perguntou a Sra. Grégoire para romper o silêncio.

- Oh, senhora, eu tenho sete.

O Sr. Grégoire, que retomara a leitura de seu jornal, teve um sobressalto indignado.

- Sete crianças, mas por quê? Santo Deus!

- É imprudente, murmurou a velha senhora.

A Maheude fez um gesto vago se desculpando. O que havia de fazer? A gente não planejava nada, eles nasciam naturalmente. Além disso, depois de grandes, traziam dinheiro para casa e isso ajudava a levar a vida. Sua família viveria bem, se não houvesse o avô que envelhecia e se, além de seus dois garotos e sua filha mais velha, as crianças mais novas também tivessem idade para trabalhar na mina. Era preciso, porém, alimentar os pequenos que não faziam nada.

- Então, retomou a Sra. Grégoire, vocês trabalham nas minas há muito tempo?

[...]

- Ah, sim, sim... Eu trabalhei lá até meus vinte anos. O médico disse que eu não sobreviveria depois que eu tive minha segunda criança porque, me parece, o trabalho fazia mal para os meus ossos. Além disso, foi nessa época que eu me casei, então eu já tinha trabalho o suficiente em casa... Mas, a família do meu marido trabalha lá há uma eternidade. Isso remonta ao tataravô... enfim, eu não sei direito. Seja como for, remonta ao começo de tudo, eles trabalham lá desde as primeiras escavações na Réquillart.

Com um olhar sonhador, o senhor Grégoire observava essa mulher e suas crianças esqueléticas, com sua carne cor de cera, seus cabelos desbotados, a degenerescência que os fazia mirrar, consumidos pela anemia, de uma feiura triste de mortos de fome. Um novo silêncio se fez, não se ouvia nada além do crepitar da hulha queimando que emitia um jato de gás. A sala abafada possuía um ar pesado de prosperidade sob o qual adormecem os recantos burgueses.

[...]

Entretanto, o Sr. Grégoire completou em voz alta as reflexões que o inspirava a visão desses esfomeados.

- Ainda existe injustiça nesse mundo, é verdade; mas, minha brava mulher, é preciso dizer que os operários não são nada sábios... Assim, em vez de economizar um dinheirinho, como nossos camponeses, os mineiros bebem, contraem dívidas e acabam sem ter com que alimentar sua família.

- O senhor tem razão, respondeu calmamente a Maheude. É o que eu sempre repito aos imprestáveis quando eles se queixam... Eu tive sorte, meu marido não bebe. Mesmo assim, nos domingos de festa, às vezes, ele passa da conta; mas isso nunca vai muito longe. [...] E veja que, ainda assim, ser razoável e nobre não nos ajuda muito. Há dias, como o de hoje, em que se pode revirar a casa do avesso sem que se encontre um tostão.

[...]

- Eu achava, disse a Sra. Grégoire, que a Companhia lhes fornecesse casa e carvão.

[...]

- Sim... sim, ela nos dá o carvão, que não é grande coisa, mas que queima do mesmo jeito... Quanto ao aluguel, ele é de apenas seis francos por mês: parece pouca coisa, mas quase sempre é difícil de pagar. Por isso, em dias como o de hoje poderiam me pendurar pelos pés que não cairia um centavo dos meus bolsos. Onde não tem nada, não tem nada.

O casal se calara, comodamente esticados em suas poltronas, pouco a pouco incomodados diante da exibição dessa miséria. Ela temia tê-los ofendido, então acrescentou com um ar justo e calmo de mulher pragmática:

- Oh! Eu não quero me queixar. As coisas são assim, é preciso aceitá-las; ainda que ficássemos horas discutindo esse assunto, não mudaríamos nada... O melhor, não é mesmo senhores, é continuar trabalhando honestamente, no lugar que o bom Deus nos destinou.

O Sr. Grégoire aprovou veementemente.

- Com sentimentos como esse, minha brava mulher, é possível vencer qualquer infortúnio.

Honorine e Mélanie chegaram finalmente com o embrulho. Foi Cécile quem abriu o pacote e retirou dois vestidos [...] ela se apressava [...] pois sua professora de piano acabara de chegar, e empurrava a mãe e as crianças em direção à porta.

- Nós estamos tão apertados, gaguejou a Maheude... Se ao menos tivéssemos uma moeda de cem soldos.

A frase engasgou-a, pois os Maheu eram orgulhosos e não mendigavam nunca. Cécile, inquieta, olhou para o seu pai; mas este recusou terminantemente como se estivesse cumprindo um dever.

- Não, isso não faz parte dos nossos hábitos. Nós não podemos. (ZOLA, 2013, p. 168 - 172)¹⁵⁴

¹⁵⁴- Oh! les pauvres mignons! s'écria Cécile, sont-ils pâlots d'être allés au froid!... Honorine, va donc chercher le paquet, dans l'armoire.

Les bonnes, elles aussi, regardaient ces misérables, avec l'apitoiement et la pointe d'inquiétude de filles qui n'étaient pas en peine de leur dîner. Pendant que la femme de chambre montait, la cuisinière s'oubliait, reposait le reste de la brioche sur la table, pour demeurer là, les mains ballantes.

- Justement, continuait Cécile, j'ai encore deux robes de laine et des fichus... Vous allez voir, ils auront chaud, les pauvres mignons!

La Maheude, alors, retrouva sa langue, bégayant:

- Merci bien, Mademoiselle... Vous êtes tous bien bons...

Des larmes lui avaient emplis les yeux, elle se croyait sûre des cent sous, elle se préoccupait seulement de la façon dont elle les demanderait, si on ne les lui offrait pas. La femme de chambre ne reparaisait plus, il y eut un moment de silence embarrassée. Dans les jupes de leur mère, les petits ouvraient de grands yeux et contemplaient la brioche.

- Vous n'avez que ces deux-là? demanda Mme Grégoire, pour rompre le silence.

- Oh! Madame, j'en ai sept.

M. Grégoire, qui s'était remis à lire son journal eut un sursaut indigné.

- Sept enfants, mais pourquoi? Bon Dieu!

- C'est imprudent, murmura la vieille dame.

A longa passagem acima, trecho final do segundo capítulo da segunda parte do romance, revela de forma irônica a maneira pela qual opera o discurso burguês. O Sr. Grégoire, diante dos indícios da miséria estampados no corpo dessa família *esquálida, de sua carne cor de cera, seus cabelos desbotados, de uma degenerescência que os fazia*

A Maheude eut un geste vague d'excuse. Que voulez-vous? On n'y songeait point, ça poussait naturellement. Et puis, quand ça grandissait, ça rapportait, ça faisait aller la maison. Ainsi, chez eux, ils auraient vécu, s'ils n'avaient pas eu le grand-père qui devenait tout raide, et si dans le tas, deux de ses garçons et sa fille aînée seulement avait l'âge de descendre à la fosse. Fallait quand même nourrir les petits qui ne fichaient rien.

- Alors, reprit Mme Grégoire, vous travaillez depuis longtemps aux mines?

[...]

- Ah! oui, ah! oui... Moi, je suis descendue jusqu'à vingt ans. Le médecin a dit que j'y resterais, lorsque j'ai accouché la seconde fois, parce que, paraît-il, ça me dérangerait des choses dans les os. D'ailleurs, c'est à ce moment que je me suis mariée, et j'avais assez de besogne à la maison... Mais, du côté de mon mari, voyez-vous, ils sont là-dedans depuis des éternités. Ça remonte au grand-père du grand-père, enfin on ne sait pas, tout au commencement, quand on a donné le premier coup de pioche là-bas, à Réquillart.

Rêveur, M. Grégoire regardait cette femme et ces enfants pitoyables, avec leur chair de cire, leurs cheveux décolorés, la dégénérescence qui rapetissait, rongés d'anémie, d'une laideur triste de meurtre de faim. Un nouveau silence s'était fait, on n'entendait plus que la houille brûler en lâchant un jet de gaz. La salle moite avait cet air alourdi de bien-être, dont s'endorment les coins de bonheur bourgeois.

Cependant, M. Grégoire acheva tout haut les réflexions que lui inspirait la vue de ces affamés.

- On a du mal en ce monde, c'est bien vrai; mais ma brave femme, il faut dire aussi que les ouvriers ne sont guère sages... Ainsi, au lieu de mettre des sous de côté comme nos paysans, les mineurs boivent, font des dettes, finissent par n'avoir plus de quoi nourrir leur famille.

- Monsieur a raison, répondit posément la Maheude. On n'est pas toujours dans la bonne route. C'est ce que je répète aux vauriens, quand ils se plaignent... Moi, je suis bien tombée, mon mari ne boit pas. Tout de même, les dimanches de noce, il en prend des fois de trop; mais ça ne va jamais plus loin. [...] Et voyez, pourtant, que ça ne nous avance pas à grand-chose, qu'il soit raisonnable. Il y a des jours, comme aujourd'hui, où vous retourneriez bien tous les tiroirs de la maison, sans en faire tomber un liard.

[...]

- Je croyais, dit Mme Grégoire, que la Compagnie vous donnait le loyer et le chauffage.

[...]

- Oui, oui, on nous donne du charbon, pas trop fameux, mais qui brûle pourtant... Quant au loyer, il n'est que de six francs par mois: ça n'a l'air de rien, et souvent c'est joliment dur à payer... Ainsi, aujourd'hui, moi, on me couperait en morceaux, qu'on ne me tirerait pas deux sous. Où il n'y a rien, il n'y a rien.

Le monsieur et la dame se taisaient, douillettement allongés, peu à peu ennuyés et pris de malaise, devant l'étalage de cette misère. Elle craignit de les avoir blessés. elle ajouta de son air juste et clame de femme pratique:

- Oh! ce n'est pas pour me plaindre. Les choses sont ainsi, il faut les accepter; d'autant plus que nous aurions beau pour débattre, nous ne changerons sans doute rien... Le mieux encore, n'est-ce pas? Monsieur, Madame, c'est de tâcher de faire honnêtement ses affaires, dans l'endroit où le bon Dieu vous a mis.

M. Grégoire l'approuva beaucoup.

- Avec de tels sentiments, ma brave femme, on est au-dessus de l'infortune.

Honorine et Mélanie apportaient enfin le paquet. Ce fut Cécile qui le déballa et qui sortit les deux robes. [...] elle se hâtait [...] car sa maîtresse de piano venait d'arriver, et elle poussait la mère et les enfants vers la porte.

- Nous sommes bien à court, bégaya la Maheude, si nous avons une pièce de cent sous seulement...

La phrase s'étrangla, car les Maheu étaient fiers et ne mendiaient point. Cécile, inquiète, regarda son père; mais celui-ci refusa nettement, d'un air de devoir.

- Non, c'est n'est pas dans nos habitudes. Nous ne pouvons pas.

mirrar, consumidos pela anemia, e uma feiura triste de mortos de fome, adota um ar sonhador, enquanto reflete sobre as causas do infortúnio desses visitantes indesejáveis. Assim, após um longo momento de silêncio ocupado por suas reflexões, o burguês emite seu veredito sobre as razões das desgraças da família que invadia sua sala de jantar. Para o Sr. Grégoire, sua miséria se justifica pela falta de sabedoria dos mineiros representada pela forma insensata com que se reproduziam, pelo tanto que bebiam e por sua incapacidade de economizar algum dinheiro para tempos difíceis. Trocando em miúdos, segundo o discurso burguês, a miséria dos carvoeiros é o resultado de sua incapacidade de controlar seus instintos, o que os levava a entregarem-se à satisfação de seus desejos sexuais e a alimentar seus vícios. Tais elementos são, dessa forma, componentes da espécie humana associados a um imperativo biológico que, segundo o pensamento burguês, deveriam ser controlados pelo intelecto, o que permitiria ao operário “civilizado” viver bem.

Destarte, o trecho citado é capaz de revelar em quais categorias a ideologia da classe dominante divide a sociedade tornando possível que numa ordenação de mundo em que é obrigação do poder soberano o emprego de técnicas e tecnologias que tenham como objetivo a conservação da vida, haja uma parcela da sociedade que não apenas não é contemplada por tais técnicas, sendo deixada à própria sorte, como adquire o status de matável. A divisão de mundo segundo a ideologia burguesa que estrutura o pensamento dos Grégoire não é uma simples divisão de classes, ela se materializa pela separação da sociedade entre os civilizados e os selvagens, sendo que as condições de vida destes últimos são resultado exclusivo de um comportamento irrefletido que acarreta sua miséria.

Igualmente, ao dramatizar o discurso burguês através da conversa entre os Grégoire e a Maheude, Zola é capaz de revelar a impostura da representação do operariado pela ideologia burguesa. Desta feita, na passagem, as palavras do Sr. Grégoire ganham os tons de um discurso autoritário que pouco tem a ver com a realidade concreta.

Analisando a influência do discurso autoritário na formação ideológica individual, Mikhail Bakhtin defende que tal discurso carece de persuasibilidade interior: sustentado por elementos externos a si mesmo, como uma autoridade política, religiosa ou moral, ele seria o equivalente ao discurso do pai, dos adultos e dos mestres¹⁵⁵. Para que se sustente, tal discurso exige da parte do interlocutor “um reconhecimento incondicional e nunca um

¹⁵⁵ Tanto a autoridade do discurso como sua persuasibilidade interna, a despeito de todas as diferenças entre essas duas categorias do discurso do outro, podem unificar-se num só discurso ao mesmo tempo autoritário e interiormente persuasivo. Mas tal unificação raramente é um dado, o processo ideológico de formação costuma caracterizar-se exatamente por uma acentuada divergência entre essas categorias: o discurso autoritário (religioso, político, moral, o discurso do pai, dos adultos, dos mestres, etc.) carece de persuasibilidade interna para a consciência... (BAKHTIN, 2015, p. 136)

domínio livre e uma assimilação com meu (Bakhtin se inclui nesse grupo de interlocutores) próprio discurso”¹⁵⁶. Conseqüentemente, para o filósofo russo:

[...] ele não permite nenhum jogo com um contexto que o moldura, jogo com seus limites, nenhuma transição vacilante, variações estilizantes livremente criadoras. Ele penetra em nossa consciência verbal como massa compacta e indivisível, precisa ser integralmente confirmado ou integralmente refutado. Ele se integrou de forma indissolúvel à autoridade externa - como poder político, uma instituição, uma pessoa -, persiste e cai junto com ela. Não pode ser dividido: deve concordar com um, aceitar parcialmente o outro, rejeitar totalmente o terceiro. Por isso, a distância em relação ao discurso autoritário permanece imutável em toda sua extensão: aqui é impossível o jogo com as distâncias: fusão e divergência, aproximação e afastamento. (BAKHTIN, 2015, p. 137 - 138)

Logo, na passagem acima, o discurso se caracteriza como autoritário justamente por se sustentar unicamente pela autoridade da classe dominante expressa na figura do acionista. Mais de uma vez a Maheude tenta explicar que sua miséria não é apenas o resultado de um comportamento vicioso. A mulher evoca repetidas vezes a disciplina de seu marido, a importância dos filhos para a economia da família e os baixos salários pagos pela Companhia, mas é incapaz de refutar as afirmações do Sr. Grégoire que ignora suas réplicas até que a mesma expresse sua anuência pontuando que *era preciso aceitar as coisas como elas eram e continuar trabalhando no lugar que Deus os destinou*.

Ademais, a própria organização da narrativa se encarrega de denunciar o caráter autoritário do discurso burguês. Situados na segunda parte do romance, os comentários de Grégoire se fazem ouvir logo após seis capítulos inteiros dedicados à descrição da jornada de trabalho dos mineiros e ecoam nas páginas seguintes em que a vida doméstica dos mesmos é retratada. Dessa forma, se comparado a tais descrições - das duras condições de trabalho, dos baixos salários pagos pela Companhia de Minas e das dificuldades dos mineiros de administrar o dinheiro para, ao menos, poderem comer todos os dias; isso que analisamos no primeiro capítulo como a materialização de uma violência mítica - é possível perceber o quão descolado da realidade está o discurso burguês, revelando sua completa falta de diálogo com o mundo que o abriga e, num mesmo movimento, seu caráter autoritário.

Nesse contexto, o elemento espacial ganha importância no romance, servindo de pretexto para a estruturação do discurso burguês. Organizada, como visto no capítulo um, segundo a divisão social do trabalho no mundo capitalista, a cidade de Montsou é estruturada de maneira a confinar o operário em subúrbios industriais e impedir sua entrada nos centros de consumo, isolando-o da burguesia. Logo, o estabelecimento de fronteiras entre os territórios burgueses e operários funcionaria de forma semelhante àquela estudada por Achille Mbembe quando o filósofo analisa a ocupação colonial.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 137

Segundo o pensador camaronês, esse tipo de ocupação se realiza pela “demarcação e afirmação do controle físico e geográfico - inscrever sobre o terreno um novo conjunto de relações sociais e espaciais”¹⁵⁷. A partir dessa constatação o autor continua detalhando tal processo de ocupação:

Essa inscrição de novas relações espaciais (“territorialização”) foi, enfim, equivalente à produção de fronteiras e hierarquias, zonas e enclaves; a subversão dos regimes de propriedade existentes; a classificação das pessoas de acordo com diferentes categorias; a extração de recursos; e, finalmente, a produção de uma ampla reserva de imaginários culturais. Esses imaginários deram sentido à instituição de direitos diferentes, para categorias diferentes de pessoas, para fins diferentes no interior de um mesmo espaço; em resumo, o exercício da soberania. O espaço era, portanto, a matéria prima da soberania e da violência que ela carregava consigo. (MBEMBE, 2018, p. 38, 39)

É certo que, em *Germinal*, não se trata de uma diferença de estatuto político e jurídico igual ao estabelecido pelos países europeus entre os seus cidadãos e os povos colonizados. Na narrativa zoliana, ambas as classes gozam da mesma nacionalidade e, portanto, essa diferenciação se manifesta em outros termos. Importante para a compreensão da maneira pela qual as personagens de *Germinal* experimentam de formas diferentes sua cidadania, apesar de ambas as classes gozarem de direitos supostamente iguais, é a lembrança de uma passagem de *Para um crítica da violência*, em que Walter Benjamin analisa o estabelecimento de direitos pelos vencedores de uma guerra aos seus adversários. No texto o autor alemão defende que:

Onde se estabelecem fronteiras, o adversário não é simplesmente aniquilado, mas, mesmo quando o vencedor dispõe de poder muito superior a ele, direitos lhe são concedidos. E estes são, de maneira demoniacamente ambígua, direitos iguais: para ambas as partes contratantes, é a mesma linha que não pode ser transgredida. Aqui aparece, em sua primordialidade terrível, a mesma ambiguidade mítica das leis que não podem ser “transgredidas” de que fala Anatole de France quando diz: “Eles proibem igualmente aos pobres e aos ricos dormir debaixo das pontes”.

Incapazes de estabelecer uma diferença entre si mesmos e a classe operária que justifique a negligência com que estes últimos são tratados pelo Estado burguês, a classe dominante recorre a um discurso autoritário que, baseando-se na ideia de incivilidade do operariado, naturaliza sua situação miserável e, num mesmo movimento, estabelece uma legislação em que supostamente os direitos e os deveres de ambos seriam iguais. Em *Germinal*, o mesmo estatuto jurídico serve para burgueses e operários, ambos gozam, por exemplo, da mesma liberdade de ir e vir, porém a própria infraestrutura da cidade impede que o operário rompa com o seu isolamento e alcance os lugares destinados à burguesia.

¹⁵⁷ MBEMBE, 2018, p. 38

Quando no segundo capítulo da segunda parte do romance a Maheude ousa romper os limites do cortiço para ir até a casa dos Grégoire, os elementos do mundo natural que agem contra seu progresso são inúmeros: a distância, a lama, o piso escorregadio e até mesmo as cercas dos terrenos baldios que atravessa para cortar caminho. Os burgueses, por sua vez, no capítulo seguinte, fazem sua visita ao cortiço sem nenhum problema no percurso; sua viagem de carroça é tão tranquila que não é nem mesmo digna da atenção do narrador. A Sra. Hennebeau e seus convidados parisienses simplesmente aparecem no cortiço para testemunhar a benevolência da Companhia de Minas que fornecia a seus operários casa e carvão, invadindo a morada dos mineiros como se esta lhes pertencesse¹⁵⁸.

Assim, se levarmos em conta as duas passagens mencionadas acima, fica claro a capacidade do romance de desvelar o embuste da ordenação de mundo burguesa. Apesar de gozarem, sob a forma da lei, do mesmo estatuto que a burguesia, o mundo em que habitam é estruturado com o objetivo de confinar o operário em cortiços localizados em subúrbios industriais que lembram as descrições de Belinda Bozzoli, sobre os distritos sul africanos, e de Franz Fanon, sobre a cidade do colonizado, reproduzidas por Mbembe em seu livro sobre a *necropolítica*¹⁵⁹.

Em *Germinal*, como nas descrições de Bozzoli, a cidade do operário foi projetada para confiná-lo em cortiços planejados para suprir as necessidades das minas e indústrias da região. Vivendo amontoado nesses lugares - que, à propósito, não recebiam nomes, mas números, operando como ferramenta desumanizadora¹⁶⁰ -, ao operário só restavam três atividades para ocupar o dia, quais sejam, o trabalho na mina, a reprodução para a geração de mais mão-de-obra precarizada e a bebida, única forma de prazer barato, como lembra o

¹⁵⁸ - Qu'est-ce que c'est que ça... Tiens! c'est Mme Hennebeau avec des gens. Les voilà qui entrent chez la Pierronne.

[...]

- Les voilà qui sortent, dit enfin la Levaque. Ils font le tour... Regarde donc, ma chère, je crois qu'ils vont chez toi.

[...]

- Vous nous permettez, n'est-ce pas? ma brave femme.

Grande, blonde, un peu alourdie dans la maturité superbe de la quarantaine, elle souriait avec un effort d'affabilité, sans laisser trop paraître la crainte de tâcher sa toilette [...]

- Entrez, entrez, répétait-elle à ses invités. Nous ne gênons personne... Hein? est-ce propre encore? et cette brave femme a sept enfants! Tous nos ménages sont comme ça... Je vous expliquais que la Compagnie leur loue la maison six francs par mois. Une grande salle au rez-de-chaussée, deux chambres en haut, une cave et un jardin.

La monsieur décoré et la dame en manteau de fourrure, débarqués le matin du train de Paris, ouvraient des yeux vagues, avaient sur la face l'ahurissement de ces choses brusques, qui les dépaysait. (ZOLA, 2013, P. 183-185)

¹⁵⁹ MBEMBE, 2018, p. 40, 41

¹⁶⁰ Au milieu des champs de blé et de betteraves, le coron des Deux-Cent-Quarante dormait sous la nuit noire. On distinguait vaguement les quatre immenses corps de petites maisons adossées, des corps de caserne ou d'hôpital, géométriques, parallèles, que séparaient les trois larges avenues, divisées en jardins égaux. (ZOLA, 2013, p. 72)

próprio carvoeiro Maheu¹⁶¹. Como a cidade do colonizado, o cortiço Duzentos e Quarenta é povoado, segundo o imaginário burguês, retratado nas palavras do Sr. Grégoire, por homens que, assim como a cidade do colonizado de Franz Fanon possuem “má reputação”. Da mesma forma, no cortiço e nos territórios dos colonizados as pessoas:

[...] nascem, pouco importa onde ou como; morrem lá, não importa onde ou como. É um mundo sem espaço; os homens vivem uns sobre os outros. A cidade do colonizado é uma cidade com fome, fome de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma vila agachada, uma cidade ajoelhada. (FANON, 1991, p. 39 apud MBEMBE, 2018, p. 41)

A cidade do colonizado, da passagem citada acima, poderia facilmente ser substituída pelo cortiço Duzentos e Quarenta, onde vive a família Maheu e seus companheiros de trabalho. A semelhança entre o cortiço onde vivem os carvoeiros e a cidade evocada por Fanon é notável. No bairro industrial em que moram, os mineiros vivem amontoados uns sobre os outros, como lembra Maheu¹⁶², numa situação tão precária em que as poucas velas da casa devem ser divididas entre todos os membros de uma mesma família¹⁶³ e o pouco carvão de baixa qualidade que recebem da companhia deve ser utilizado unicamente para cozinhar¹⁶⁴, o aquecimento da casa, por outro lado, se dá pela troca de calor entre os corpos que ali habitam, como se fossem animais num celeiro¹⁶⁵. O mineiro de *Germinal* é sujeito de um poder soberano que, segundo o discurso burguês que o aproxima dos selvagens por sua incapacidade de controlar seus instintos e seus vícios, o classifica como subclasse dessa ordenação de mundo, uma classe descartável e, portanto, indigna de ser alvo de políticas de conservação da vida.

Dito isto, é preciso sublinhar que o caráter *necropolítico* da sociedade de *Germinal* não se define unicamente pela inação do Estado e das classes dominantes relativamente à adoção de medidas para manutenção da vida das personagens da classe operária. Para

¹⁶¹ Dame, répondait Maheu, si l'on avait plus d'argent, on aurait plus d'aise... Tout de même, c'est bien vrai que ça ne vaut rien pour personne, de vivre les uns sur les autres. Ça finit toujours par des hommes saouls et des filles plaines. (ZOLA, 2013, p. 259)

Les seuls plaisirs, c'étaient de se saouler ou de faire un enfant à sa femme. (*Ibidem*, p. 260)

¹⁶² Ver nota anterior.

¹⁶³ - Catherine, donne-moi la chandelle! cria Maheu.

Elle finissait de boutonner sa veste, elle porta la chandelle dans le cabinet, laissant ses frères chercher leurs vêtements, au peu de clarté qui venait de la porte. [...] elle ne s'arrêta point, elle descendit en gros bas de laine, à tâtons, et alluma dans la salle une autre chandelle pour préparer le café. (*Ibidem*, p. 77)

¹⁶⁴ En bas, Catherine s'était d'abord occupée du fer, la cheminée de fonte, à grille centrale, flanquée de deux fours, et où brûlait constamment un feu de houille. La Compagnie distribuait par mois, à chaque famille, huit hectolitres d'escaillage, charbon dur ramassé dans les voies. Il s'allumait difficilement, et la jeune fille qui couvrait le feu chaque soir, n'avait qu'à le secouer le matin, un ajoutant des petits morceaux de charbon tendre, triés avec soin. (*Ibidem*, p. 81)

¹⁶⁵ Des ténèbres épaisses noyaient l'unique chambre du premier étage, comme écrasant de leur poids le sommeil des êtres que l'on sentait là, en tas, la bouche ouverte, assommés de fatigue Malgré le froid vif du dehors, l'air alourdi avait une chaleur vivante, cet étouffement chaud des chambrées les mieux tenues, qui sentent le bétail humain. (*Ibidem*, p. 72)

Mbembe, a *necropolítica* é caracterizada pela confluência de três noções que participam da prática da soberania, e a *biopolítica* caracterizada pela capacidade do Estado de deixar morrer, apesar de sua predisposição contrária tendo em vista sua relação com as classes dominantes, é apenas uma delas. Para que a *necropolítica* se realize tal como estudado pelo filósofo camaronês é preciso que as noções de *estado de exceção* e *estado de sítio* participem do exercício da soberania pelas classes dominantes e se constituam como justificativa do direito de matar. Em seu estudo sobre a *necropolítica*, Achille Mbembe afirma que:

Após apresentar uma leitura da política como o trabalho da morte, tratarei agora da soberania, expressa predominantemente como o direito de matar. Em minha argumentação, relaciono a noção de biopoder de Foucault a dois outros conceitos: o estado de exceção e o estado de sítio. Examinando essas trajetórias pelas quais o estado de exceção e a relação de inimizade tornam-se a base normativa do direito de matar. Em tais instâncias, o poder (e não necessariamente o poder estatal) continuamente se refere e apela à exceção, à emergência e a uma noção ficcional do inimigo. Ele também trabalha para produzir a mesma exceção, emergência e inimigo ficcional. Em outras palavras, a questão é: qual é, nesses sistemas, a relação entre política e morte que só pode funcionar em um estado de emergência? Na formulação de Foucault, o biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer. Operando com base em uma divisão entre os vivos e os mortos, tal poder se define em relação a um campo biológico - do qual toma o controle e no qual se inscreve. Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma censura biológica entre uns e outros. Isso é o que Foucault rotula com o termo (aparentemente familiar) "racismo".

Novamente, é importante lembrar que, em *Germinal*, apesar de o narrador atribuir às características físicas dos operários valores hereditários que poderiam servir de motivo para a separação do contínuo biológico da humanidade em termos raciais, o movimento que leva ao racismo clássico fica impedido pelo fato de que, no romance, estamos diante de uma diferenciação que age sobre um corpo social que é dotado de uma mesma origem racial e nacional. Entretanto, tomando, na esteira de Mbembe, o racismo como técnica reguladora da distribuição da morte que torna possível o exercício das funções assassinas do Estado¹⁶⁶, devemos levar em conta que, como lembrado acima, na narrativa zoliana tal distribuição acontece quando o discurso autoritário da classe dominante se encarrega de organizar o mundo a partir da oposição entre civilizados e selvagens. Tal oposição, como explicitado, serve de justificativa para o fato de que a classe operária se caracteriza sobretudo por estar sempre à mercê dos perigos da natureza e, por isso, sujeita à morte.

¹⁶⁶ Com efeito, em termos foucaultianos, o racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, "este velho direito de matar". Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é "a condição para a aceitabilidade do fazer morrer" (MBEMBE, 2018, p. 18)

O que acontece, entretanto, é que enquanto cumpre seu papel de classe subalterna de maneira passiva, sem ameaçar a ordem de direito que sustenta a burguesia como classe dominante, o operário é visto com bons olhos pelos burgueses que se compadecem diante de sua resignação secular. Tal postura da classe dominante não permite que se instaure entre burguesia e operariado um regime de inimizade que justifique a implantação de um *estado de exceção* e um *estado de sítio* como ferramentas de uma gestão de estado que considere sua vocação protetiva de cultivo da vida como coextensiva ao direito de matar, caracterizando, dessa forma, o que Mbembe chama de *necropolítica*¹⁶⁷.

Porém, com o avançar da narrativa - como visto no capítulo dois deste trabalho -, há uma evolução da imagem do operário que deixa de ser considerado um “bom selvagem”, por sua postura passiva, e passa a ser considerado inimigo da classe burguesa quando se revolta contra os abusos da companhia e parte em manifestação clamando por seus direitos. Tal evolução é paulatina e acompanha os diversos momentos da greve já estudados no capítulo anterior, mas se concretiza no capítulo cinco da quinta parte do romance quando, escondidos num celeiro à beira da estrada os burgueses assistem à marcha dos mineiros como se estivessem diante de um agouro apocalíptico que anunciava o ocaso da sociedade como eles conheciam:

Era a visão vermelha da revolução que a todos, fatalmente, arrastaria, numa dessas noites sangrentas de fim de século. Sim, numa noite, o povo cansado, descontrolado, galoparia pelas estradas e escorreria o sangue dos burgueses, ele exibiria suas cabeças e derramaria o ouro de seus cofres eviscerados. As mulheres uivariam e os homens iriam escancarar suas mandíbulas de lobo, prontos para morder. Sim, seriam os mesmos esfarrapados, o mesmo estrondo causado por seus sapatos pesados, a mesma multidão assustadora, de pele suja e hálito pestilento, varrendo o velho mundo, sob seu ataque avassalador e bárbaro. Arderiam incêndios, não restaria pedra sobre pedra nas cidades, a humanidade voltaria à vida selvagem, em meio às árvores, após o grande cio, o grande festim, quando os pobres, em uma noite, esgotariam as mulheres e esvaziariam as adegas dos ricos. Não restaria mais nada, nem um centavo das fortunas, nem um título comprado, até o dia em que, talvez, um novo mundo germinaria. Sim, eram essas coisas que passavam pela estrada, como uma força da natureza, e um vento terrível os açoitava o rosto.¹⁶⁸ (ZOLA, 2013, 485)

A passagem, já citada no capítulo dois, revela o momento em que a mudança da imagem dos carvoeiros de Montsou se opera no pensamento burguês, e os grevistas passam a ser vistos como uma ameaça, o inimigo político contra quem uma guerra deve ser organizada visando a conservação da vida burguesa. Ainda então, a oposição se dá entre o civilizado e o selvagem, porém o último adquire um aspecto ameaçador; valendo-se do

¹⁶⁷ Foucault afirma claramente que o direito soberano de matar (*droit de glaive*) e os mecanismos de biopoder estão inscritos na forma em que funcionam todos os Estados modernos. [...] Esse Estado, ele afirma, tornou a gestão, a proteção e o cultivo de vida coextensivos ao direito de matar. (*Ibidem*, p. 19)

¹⁶⁸ Ver nota 95.

olhar da comitiva de burgueses, o narrador evoca o caráter mais animalesco do operário através de imagens violentas que retratam esse último como uma matilha de lobos esfomeados e no cio, pronta para varrer o mundo civilizado.

A convocação das tropas do exército imperial e a instauração de um estado de sítio na região que é tomada pelos militares sob o pretexto de proteger a propriedade e a classe burguesa, se apresenta como resultado de uma política que opera pela discriminação de uma parcela da população, cuja selvageria seria a razão da miséria e que, sentindo sua ordenação ameaçada, não hesita em apelar ao mesmo caráter selvagem da classe subalterna para tratá-la como um inimigo que representa uma ameaça a sua existência. O saldo do exercício do poder segundo a *necropolítica* é sempre trágico e em *Germinal* resulta no massacre dos carvoeiros que serve de estímulo para a retomada do trabalho e de uma vida de miséria.

Consequentemente, a passagem que abre esse capítulo em que, na festa de noivado de Cécile e Négrel, a classe burguesa comemora não apenas o assassinato dos operários, mas o retorno dos mesmos à sua condição resignada de mortos de fome, deve ser lida como o resultado da *necropolítica* que é central para o funcionamento dessa sociedade. Ao estabelecer uma divisão do contínuo biológico das personagens baseada no caráter civilizado de uns e selvagem de outros manifestado pela sua maior ou menor adaptação ao meio - adaptação esta que se revela resultado da divisão social do trabalho no mundo capitalista -, a classe dominante é capaz justificar não apenas a exploração cotidiana do operário, mas o uso das forças assassinas do Estado, quando o controle que resulta da ordem de direito estabelecida e da própria infraestrutura de uma cidade construída para favorecer a classe burguesa e confinar o operário em cortiços de subúrbios industriais se mostra insuficiente.

6. Conclusão

Ao localizar historicamente os romances do ciclo dos *Rougon-Macquart* no Segundo Império de Luís Bonaparte, Émile Zola se esforça por apreender ficcionalmente um período da história francesa marcado, como lembra Salete de Almeida Cara, pela divisão social do trabalho num período chave para a consolidação da hegemonia capitalista. Assim, para levar a cabo seu projeto ficcional, o autor se vê obrigado a dar conta do problema da crise da totalidade num mundo que passava a ser dominado pelo capital¹⁶⁹. Para fazer jus ao desafio, ainda segundo a crítica, o autor oitocentista arma um ciclo, composto de vinte romances, em que são contemplados os diversos estratos sociais derivados de tal divisão do trabalho que passa a organizar social, política e economicamente a sociedade a partir do século XIX¹⁷⁰.

Nos *Rougon-Macquart*, Zola informa sobre o estado de fragmentação da totalidade da experiência social sob o capitalismo pela própria organização de seus romances, nos quais o escritor trata separadamente os diversos assuntos que atravessam tal sociedade, como a especulação imobiliária, o conflito entre pequenos e grandes comerciantes, a questão social da terra, as condições de vida e de trabalho às quais são submetidos os profissionais liberais e a classe operária e etc¹⁷¹. Assim, de acordo com Cara:

Mais do que tropeçar no próprio problema, todavia, essa crise da totalidade é tratada pelos romances com distanciamento, na medida em que todos eles (ou quase todos) dão a ver as condições da sociedade que se moderniza, cada um respondendo criticamente a resultados particulares da condição geral da fragmentação da vida social. (CARA, 2009, p. 25)

Nesse sentido, *Germinal*, o décimo terceiro livro do ciclo, trata especificamente, como lembra o próprio autor em seu esboço, da “luta entre o capital e o trabalho”¹⁷². Para tanto, o escritor adota a perspectiva de um narrador distanciado da intriga que se esconde atrás do olhar de suas próprias personagens para multiplicar os focalizadores do romance e dar conta de um mundo dividido em duas classes antagônicas que se diferenciam, na narrativa, pela relação que as mesmas estabelecem com o mundo natural. Dessa forma, ao determinar os papéis assumidos por cada núcleo do conflito, quais sejam, o capital ou o trabalho, de acordo com a forma com que as personagens interagem com o mundo e definindo como fator determinante dessa experiência o papel que ocupam na divisão social do trabalho e o revestimento material as recobre - como os lugares em que habitam, as roupas que usam e a comida que comem - o narrador é capaz de estabelecer uma oposição

¹⁶⁹ CARA, 2009, p. 14

¹⁷⁰ *Ibidem*, p. 25

¹⁷¹ *Ibidem*

¹⁷² ZOLA, 2000, p. 574

econômico-social entre os mesmos que mimetiza a oposição entre as classes burguesa e operária.

Efeito contínuo, ao analisarmos os mecanismos semióticos que produzem a oposição entre os personagens que compõem o conflito central dessa narrativa, concluímos que tal oposição revela a própria forma da violência que marca as relações estabelecidas entre os carvoeiros de Montsou e a classe burguesa. Em resumo, partindo de uma análise dos elementos textuais que operam como diferenciadores dos dois sujeitos coletivos que se antagonizam na narrativa, é possível afirmar que a violência das relações de classe entre os habitantes de Montsou corresponde aos efeitos das relações de trabalho experimentados pela classe operária. Tais relações, caracterizadas por duras jornadas de trabalho e salários significativamente baixos, ao mesmo tempo que condenam os mineiros à fome e os expõem aos perigos do fundo da mina, onde acidentes fatais são costumeiros, impedem que os mesmos busquem uma vida menos dura. A opção à extração de carvão nas minas é a vida na estrada, de onde vem Étienne Lantier, personagem principal do romance que, para não morrer de fome, aceita um emprego na Companhia apesar das condições de trabalho. Ademais, sem poder aquisitivo para adquirir roupas de qualidade, produtos básicos de subsistência - como carvão e velas -, e muito menos custear um aluguel numa casa cuja estrutura seja suficientemente robusta para protegê-los dos rigores do clima, os operários de Montsou têm sua vida inteira controlada pela companhia que lhes fornece uma casa em cortiços localizados nos subúrbios industriais da cidade, isolados dos centros de consumo, e onde toda sua vida é orientada pelas necessidades da Companhia.

Logo, quando Émile Zola decide organizar sua história em torno da luta dos carvoeiros de Montsou contra a opressão do capital tal e qual descrita acima, ao autor não resta outra opção senão dar a tal luta a forma de uma greve - uma forma de luta política vastamente empregada pelo operariado francês no século XIX e que assombra o imaginário do escritor francês muito antes do mesmo começar a preparação para a escrita de *Germinal*¹⁷³. Tal greve assume, ao longo do romance, diversos aspectos se a consideramos segundo sua função dentro da própria ordem de direito dessa sociedade que dá forma à opressão que sofrem os carvoeiros por parte das classes dominantes. Se, num primeiro momento, o movimento grevista, previsto pela própria ordem de direito como um recurso para a conservação de tal ordem, é bem recebido pela companhia, à medida em que se generaliza e passa a ser visto pela classe burguesa como uma ameaça à sua hegemonia, incitando a ocupação da cidade pelas tropas imperiais e a instalação de um verdadeiro estado de sítio. O resultado do temor das classes dominantes diante da forma que tomava a luta política dos mineiros é fatal; sob a justificativa zelar pela segurança da população e dos

¹⁷³ Ver capítulo 1, p. 18.

meios de produção, a instauração de tal estado de sítio resulta no massacre dos carvoeiros, fuzilados à queima roupa, em frente à mina da Voreux enquanto se manifestavam contra a contratação de operários belgas.

A reação da burguesia de Montsou ao massacre dos carvoeiros, na última parte do romance denuncia, finalmente, o caráter último da violência sistêmica sob a qual vive a classe operária na narrativa e aponta para a essência nefasta das relações sociais no mundo capitalista. O que a análise que propomos no terceiro capítulo desta dissertação revela é o fato de que por trás da forma violenta dessa ordenação de direito na qual o destino da classe operária não é outro senão a morte - seja paulatinamente pela miséria e pela forma, seja de uma só vez, pela ação do exército imperial e das forças policiais -, há todo um aparato ideológico que permite que uma parcela da população seja considerada como inferior à uma minoria detentora do poder político e econômico.

Em *Germinal*, tal divisão da humanidade entre seres inferiores e superiores se manifesta ideologicamente sob o signo da selvageria e da incivilidade. Este mecanismo ideológico informa o antagonismo de classes em torno do qual se organiza a narrativa e é igualmente informado por ele, permitindo que ora as classes dominantes justifiquem a condição miserável do mineiro por sua incapacidade de controlar seus desejos e seus vícios, ora justifiquem a ação mortífera do estado por sua selvageria, capaz de pôr em risco as estruturas do estado.

Tal estado de coisas revelado por uma leitura crítica da violência em *Germinal*, demonstra que as leituras de Foucault e Mbembe sobre as formas de exercício da soberania pelo Estado às quais os autores dão, respectivamente, os nomes de *biopolítica* e *necropolítica*, são absolutamente condizentes com a forma de funcionamento da sociedade descrita no romance. Desde o cotidiano dos operários que vivem oprimidos pelas classes dominantes e a quem o Estado burguês, dotado de uma vocação protetora que visa o prolongamento da vida de seus cidadãos, ignora e deixa entregue aos perigos do mundo natural para que vivam a sua própria sorte - comportamento que associamos, no capítulo três, à biopolítica - até os momentos em que as classes dominantes valem-se das ferramentas repressoras do Estado para assassinar os carvoeiros sob a justificativa de que os últimos representam uma ameaça à sociedade burguesa por seu comportamento selvagem e violento - algo que associamos à *necropolítica* -; sob todas as formas que assumem as relações de classe no romance é possível perceber o funcionamento de um mecanismo de subalternização de uma parcela da humanidade que se transforma, como resultado desse movimento, num conjunto de seres descartáveis.

Finalmente, vale lembrar que, embora condizentes com a ordenação de mundo da narrativa zoliana, as análises de Foucault e Mbembe oferecem uma leitura que parece ir além das relações de classe, ao apresentarem o racismo como mecanismo instaurador das

diferenças biológicas entre os seres humanos que permitem classificar uns como matáveis e outros como dignos de viver. Ao localizar, no romance, tal sistema de opressão num país europeu e no século XIX, Émile Zola trata do problema principalmente sob a perspectiva da luta de classes. Entretanto, como lembra Angela Davis, sob o capitalismo raça, classe e gênero atuam de forma solidária neste mesmo processo de subalternização de uma parcela da população. Segundo a autora:

É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras.¹⁷⁴

Assim, com o intuito de concluir este percurso apontando para novos problemas que uma análise da violência em *Germinal* pode revelar, é preciso dizer que, apesar de nosso trabalho ter sido construído em torno do conflito de classes, talvez uma leitura que leve em consideração as observações da ativista americana possa ser objeto de futuras análises. A questão do gênero, apesar de secundária, é uma presença marcante no romance de Zola. Se há alguém, na ordenação de mundo de *Germinal*, mais explorado que o operário, esse alguém é a mulher do operário, que além de vender sua força de trabalho para Companhia por um preço ainda mais baixo que o do homem, é estuprada tanto pelo dono do armazém da cidade, que se aproveita dos momentos de fome e desespero das mesmas para violentá-las em troca de crédito e alimentos, quanto pelos próprios companheiros de trabalho que as tratam como propriedade e as estupram para saciar seus desejos sexuais, a exemplo da passagem em que Étienne, recém chegado à Montsou, testemunha o estupro de Chaval à Catherine que marca o início da relação abusiva entre os dois. Ademais, mesmo que superficialmente, a contratação dos mineiros belgas para substituir os grevistas aponta para problemas relacionados à imigração e à questão da universalidade dos direitos do homem. O imigrante, diante de uma ordem mundial em que o nacionalismo é elemento importante na relação entre os Estados, participa de tal ordem enquanto classe subalternizada por excelência; muitas vezes sem nem mesmo contar com um passaporte, aos imigrantes de hoje e de ontem são negados mesmo aqueles direitos considerados inalienáveis.

Em resumo, nossa leitura da violência de *Germinal*, tratando a literatura como um artefato ficcional capaz de figurar problemas derivados da realidade social, visou propor uma crítica da violência que emerge das relações entre os elementos formais da narrativa.

¹⁷⁴ Este artigo foi publicado no portal Geledés - Instituto de Mulher Negra, e está disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>

Dessa forma, nosso estudo nos levou a concluir que, ao tratar da questão da luta de classes, Émile Zola entregou um romance capaz de apresentar uma leitura de mundo complexa que serve de diagnóstico para um dos aspectos mais nefastos do sistema capitalista, qual seja, o processo material e ideológico de subalternização de uma classe de indivíduos, essencial para o seu funcionamento.

Bibliografia

- ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.
- AUERBACH, Eric. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: A estilística*; tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BENJAMIN, Walter. *Para uma crítica da violência*. In: GAGNEBIN, (org.). *Escritos sobre Mito Linguagem*; tradução: Susana Kampff. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013, pp. 121-156.
- BECKER, Colette. Olivier Lumbroso, Zola. La plume et le compas. La construction de l'espace dans Les Rougon-Macquart d'Emile Zola, Préface de Philippe Hamon. In: *Romantisme*, 2005, n°127. *Panoramique*. pp. 142-143. http://www.persee.fr/doc/roman_0048-8593_2005_num_35_127_6593_t12_0142_0000_3
- CARA, Salette de Almeida. *Marx, Zola e a Prosa Realista*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- DAVIS, Angela. *As mulheres negras na construção de uma nova utopia*. Artigo publicado no portal Geledés - Instituto de Mulher Negra, em 12 de julho de 2011, e disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>
- BERTRAND, Denis. *L'Espace et le sens: Germinal d'Émile Zola*. Paris-Amsterdam: Éditions Hadès-Benamins, 1985.
- HOBSBAWM, Eric J. *A Era do Capital*, tradução: Luciano Costa Neto. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- LUMBROSO, Olivier. Espace et création. L'invention de l'espace dans la genèse de Germinal de Zola. In: *Genesis (Manuscrits-Recherche-Invention)*, numéro 17, 2001. pp. 95-112.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*; tradução: Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MITTERAND, Henri. *Le discours du Roman*. Paris: PUF, 1986.
- _____. Le Système des Personnages dans « Germinal ». In : *Cahiers de l'Association internationale des études françaises*, 1972. pp. 155-166
- PETREY, Sandy. Discours social et littérature dans Germinal. In: *Littérature*, n°22, 1976. pp. 59-74.
- ZIZEK, Slavoj. *Violência*; tradução: Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ZOLA, Émile. *Du roman*. In: ZOLA, Émile. *Emile Zola : Oeuvres complètes - 101 titres + annexes et gravures (Nouvelle édition enrichie) (French Edition)* . Arvensa Editions. Edição do Kindle.

- ____. Organização, introdução e notas Henri Mitterand. *Écrits sur le roman*. Paris: Librairie générale française, 2004.
- ____. *Germinal*; édition, notes et dossier, Colette Becker. Paris: Fasquelle, 2000.
- ____. *Germinal*; édition établie et annotée par Henri Mitterand. Paris: Folio classique, 2013.
- ____. *Germinal*; tradução: Francisco Bittencourt. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1972.
- ____. *Germinal*; tradução: Mauro Pinheiro; notas e complementos Henri Mitterand. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.
- ____. *La Curée*. In: ZOLA, Émile. Emile Zola : Oeuvres complètes - 101 titres + annexes et gravures (Nouvelle édition enrichie) (French Edition) . Arvensa Editions. Edição do Kindle.
- ____. *La Fortune des Rougon*; édition établie, présentée et annotée par Colette Becker. Paris: Livre de Poche, 2004.
- ____. *L'Argent*. In: ZOLA, Émile. Emile Zola : Oeuvres complètes - 101 titres + annexes et gravures (Nouvelle édition enrichie) (French Edition) . Arvensa Editions. Edição do Kindle.
- ____. *L'Argent dans la littérature*. In: ZOLA, Émile. Emile Zola : Oeuvres complètes - 101 titres + annexes et gravures (Nouvelle édition enrichie) (French Edition) . Arvensa Editions. Edição do Kindle.
- ____. *L'Assommoir*; chronologie, présentation, notes, dossier, bibliographie et lexique par Chantal Pierre-Gnassounou. Paris: GF Flammarion, 2000.
- ____. *Le Roman expérimental*. In: ZOLA, Émile. Emile Zola : Oeuvres complètes - 101 titres + annexes et gravures (Nouvelle édition enrichie) (French Edition) . Arvensa Editions. Edição do Kindle.
- ____. *Le ventre de Paris*. In: ZOLA, Émile. Emile Zola : Oeuvres complètes - 101 titres + annexes et gravures (Nouvelle édition enrichie) (French Edition) . Arvensa Editions. Edição do Kindle.
- ____. *Mes Haines*. In: ZOLA, Émile. Emile Zola : Oeuvres complètes - 101 titres + annexes et gravures (Nouvelle édition enrichie) (French Edition) . Arvensa Editions. Edição do Kindle.
- ____. *Mon Salon*. In: ZOLA, Émile. Emile Zola : Oeuvres complètes - 101 titres + annexes et gravures (Nouvelle édition enrichie) (French Edition) . Arvensa Editions. Edição do Kindle.
- ____. *Une campagne*. In: ZOLA, Émile. Emile Zola : Oeuvres complètes - 101 titres + annexes et gravures (Nouvelle édition enrichie) (French Edition) . Arvensa Editions. Edição do Kindle.